

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG)
FACULDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL**

FERNANDA LEONEL SANTOS

**NOTICIÁRIO SOBRE CRIMINALIDADE E AMPLIFICAÇÃO DO
MEDO DO CRIME VIOLENTO EM BELO HORIZONTE/MG**

Dissertação de mestrado

**FAAP/CBH/UEMG
Belo Horizonte - MG
2022**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UEMG)
FACULDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL**

**NOTICIÁRIO SOBRE CRIMINALIDADE E AMPLIFICAÇÃO DO
MEDO DO CRIME VIOLENTO EM BELO HORIZONTE/MG**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública e Cidadania, da Faculdade de Políticas Públicas, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), para exame de defesa.

Linha de Pesquisa: Gestão e Políticas Públicas

Aluna: Fernanda Leonel Santos

Orientadora: Profa. Dr.^a Júnia Fátima do Carmo Guerra

FAAP/CBH/UEMG
Belo Horizonte - MG
2022

C237n

SANTOS, Fernanda Leonel.

Noticiário sobre criminalidade e amplificação do medo do crime violento em Belo Horizonte. Fernanda Leonel Santos. - Belo Horizonte, 2021.

173p. il.

Orientador: Júnia Fátima do Carmo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Políticas Públicas, Belo Horizonte, 2021.

1. Medo do crime. 2. Insegurança. 3. Imprensa. 4. Noticiário de criminalidade. I. Carmo, Júnia Fátima do. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Políticas Públicas. Programa de Pós-graduação *strictu-sensu*. III. Título.

CDU 343.9

CDD 364

Dissertação defendida e aprovada em 16 de março de 2022, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dr.^a Júnia Fátima do Carmo Guerra (Orientadora)
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Prof. Dr. Diogo Luna Moureira (Convidado)
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Profa. Dr.^a Marise Baesso Tristão (Convidada)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Não são muitos os setores da vida pública, como o da segurança, que mantêm uma relação tão tensa, mas curiosamente marcada por laços intensos de dependência mútua com a imprensa. Para operadores e alguns estudiosos do tema, a mídia é parte do problema da criminalidade e violência no nosso país. (Cláudio Beato)

Ao meu filho Luca, que chegou em meio a todo esse processo, e será sempre uma grande razão para a busca de novas conquistas. A ele que mesmo tão pequenino trouxe certezas para minha vida, me fez mais emocional, mais empática com o mundo e, principalmente, com as mães do mundo. Ao Luca que, ainda em silêncio, me mostrou como pode ser bem mais fácil entender o que é importante, hierarquizar os dilemas que queremos enfrentar na vida. Você, meu filho, já tem me ensinado a força do presente, da natureza, do sagrado. Me ajuda, diariamente, a enxergar o extraordinário no simples. Me tirou da zona de conforto e me transforma, a cada dia, em uma caçadora de novos sonhos.

Dividimos o tempo em frente ao computador neste trabalho. Desde a época em que a barriga foi crescendo e decidi não me deixar mais escrever sentada na cama - meu jeito preferido. Quero que você saiba, em qualquer tempo que ler esta mensagem, que muito antes de você entender o mundo, eu já te considerava forte, especial e muito, muito compreensivo. Você colaborou bastante e, enfim, chegamos juntos até aqui.

AGRADECIMENTOS

Eis algo que é bem dúbio no mestrado: o processo é solitário, mas também muito solidário. Solitário porque ai de você se não sentar sozinha naquele quarto para ler, grifar, separar, pensar, repensar e fazer algo por você. Quanta vontade a gente sente de esticar o almoço de domingo com a família ao invés de aproveitar o fim de semana sem o trabalho formal para realmente se concentrar e escrever. Mas tudo o que acontece também tem um tempero de solidariedade profundo, daqueles que fazem as coisas serem efetivamente possíveis. Porque, como tudo na vida, não há nada grandioso que se faça sozinho. Meu abraço apertado nesse singelo espaço é para todos que, de alguma forma, tornaram mais leve essa caminhada.

Ao meu parceiro de jornada, de vida, dos dias de luta e de glória que essa pesquisa me trouxe, minha gratidão, amor e respeito. Glauber é um *workaholic* convicto, tem uma força para fazer muito, que só conhecendo para saber. Sua postura diante de todas as dificuldades me inspira e me inspirou em vários dias desse longo processo - revirado do avesso, inclusive, com a chegada do nosso filho. Obrigada pelos seus abraços e beijos, acalentos, passadas de mão na cabeça, almoços feitos com pratos entregues na mão. Obrigada por cuidar do nosso Luca, por me ajudar com pegadinhas de formatação, por estar presente em todos os dias da minha vida, me deixando ser a mulher que eu quero ser. Obrigada por acreditar em mim e sempre ter tido a certeza que chegaríamos com vitória ao final.

À minha mãe, Sueli, essa mulher incrível que Deus me presenteou, o meu altar particular. Não seria possível descrever tudo o que ela fez e faz por mim, mas tentando me ater aos agradecimentos do mestrado, poderia dizer que ela foi peça fundamental, mas fundamental mesmo, para que esta dissertação acontecesse. Foi para casa dela que viajei em momentos de aperto, já com o Luca nas nossas vidas, para que ela, com aquele olhar e jeito bondoso de melhor vó do mundo, pudesse cuidar dele para mim enquanto eu me concentrava na missão. É ela que sempre tenta tornar qualquer coisa na minha vida mais fácil, para que eu consiga realizar o que quero com leveza. Ela é indescritível.

Já minha irmã é aquela com uma sensibilidade de quem parece que viveu uma vida toda, mesmo sendo a caçula da casa. Coisas de artista, o que na verdade ela é. Camilla talvez tenha sido a pessoa que durante todo esse processo mais me perguntou como eu estava, com tanta coisa acontecendo – trabalho, Luca, mudança para São Paulo, mestrado etc. Ela sempre deixou

claro que me apoiava e que queria que eu ficasse bem. Apoio psicológico pesado. Daqueles que enchem o coração.

Também não há como não deixar o meu muito obrigada para a Flávia, a Luíza e o Marquinhos. Meus parceiros na coordenação da Assessoria de Comunicação (Ascom) da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (Sejusp-MG), meu local de trabalho. Eles foram não só incentivadores ao nível camisa 10, como também essenciais para que eu realmente pudesse viver essa experiência. Talvez a grande maioria das pessoas que leia este agradecimento não tenha noção do que é deixar a Ascom por uma tarde inteira às terças para cursar uma disciplina ou ter que sair às 18h para conseguir chegar a tempo das aulas. Mas, considerando (e quase entrando na discussão dessa dissertação) que um dos maiores interesses dos jornais é exatamente a matéria prima da nossa assessoria, que atende jornais dos 853 municípios de Minas...talvez dê para oferecer uma certa ideia do desafio. Obrigada, meus queridos, por se desdobrarem, puxarem para si coisas que acumularam pela minha ausência e sempre, mesmo assim, terem sido amigos orgulhosos.

Eu faço um adendo especial aqui para a Flávia que, além de minha substituta em qualquer falta na Sejusp, pelos motivos expostos, é minha amiga, minha comadre e quem mais dividiu comigo dúvidas da área de jornalismo desta pesquisa. Para a Riza e a Poli, amigas queridas, também deixo um agradecimento especial. Não só pelas pernadas em busca dos exemplares do Jornal Super, que foram avaliados, mas também pelo incondicional apoio de sempre.

A Sejusp, meu local de trabalho, é cheia de pérolas e pessoas especiais. Um desses exemplos é minha amiga Ana Werneck, uma nerd irreversível, que lá atrás correu atrás de vários livros da ementa da seleção do mestrado para mim, dizendo sempre que eu era sem tempo e que ela queria me ajudar. Não posso deixar de registrar que sua ajuda seguiu, durante todo mestrado, e foi fundamental para a conclusão desse processo. À frente do Observatório de Segurança Pública da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp-MG), pela maior parte do tempo deste estudo, ela pôde dividir conhecimento, dúvidas, ideias e experiências que se tornaram fundamentais. O Lizandro Gualberto, pessoa finíssima e um dos maiores cérebros que a Sejusp possui, também merece um agradecimento especial. Lizando já chegou ao cúmulo de conversar comigo por duas horas seguidas ao telefone para debater metodologia e formas de se chegar ao resultado que aqui está posto. Um mentor gabaritado, com um coração gigante e um sorriso maior ainda. Deixo ainda o meu abraço apertado para o Albert e o Ramon, também do Observatório, pela boa vontade com esta pesquisa e pelo fornecimento dos dados que fortificam

nossa discussão sobre as prioridades da cobertura da imprensa frente ao cenário real da violência em Minas Gerais.

Enfim, para que tudo isso se formatasse, vem, então, a professora Júnia Guerra. Que presente! Preciso correr o risco aqui de parecer piegas e dizer o que sempre me vem à mente quando eu penso na Júnia. Sim. Ela me orientou muito. Fez raciocínios rápidos e pontuações muito assertivas para que tudo ficasse bem melhor ao final. Mas é fato que, sempre que penso na Júnia, eu penso na grande mulher que ela é. E isso vai das histórias da vida dela de aplicar questionário de pesquisa com filho a tiracolo, até a passagem por diversas cidades em busca de seus sonhos profissionais. A orientadora Júnia, que também é mãe, foi de uma sensibilidade incrível com a mãe em formação aqui. Foi atenciosa, cuidadosa, necessária demais. Nunca me esquecerei dessa parceria.

RESUMO

A influência do fenômeno da criminalidade na vida das pessoas ultrapassa questões ligadas a vitimizações anteriores e outras análises objetivas da violência. Ter medo de ser vítima de um crime é um sentimento subjetivo que altera rotinas, desperta ansiedades e, até mesmo, redefine processos de integração social ou o que é entendido como espaço público. É o medo do crime que pode impedir que alguém queira caminhar sozinho à noite por determinada região ou decida comprar equipamentos de segurança, para citar alguns exemplos. Pesquisas diversas apontam como causas germinadoras desse medo incivilidades, vulnerabilidade física, vitimização direta ou indireta, entre outras. Os meios de comunicação de massa também são apresentados como preditores do medo do crime e são o foco deste estudo. Se sustenta que o medo do crime se reveste de uma representação social do meio, ou seja, ele é uma forma de interpretar, pensar e proporcionar sentido para a realidade. E que a imprensa, nessa linha, atua como uma das principais produtoras de realidades sociais. O jornalismo, entretanto, mediatiza o conhecimento das realidades que não conhecemos e, dessa forma, abre brechas para interpretações e destaques que vão contribuir com o nosso entendimento de mundo. Possui características na apresentação da violência aos cidadãos, como por exemplo, a ênfase em crimes mais graves e a não contextualização de referências externas, que amplificam a insegurança. Por isso, com o objetivo de entender a influência do noticiário de criminalidade no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte, desenvolveu-se uma pesquisa quantitativa e qualitativa, por meio da aplicação de *survey*, pesquisa bibliográfica, documental e observação participativa. Por meio do cruzamento de variáveis dispostas no banco de dados do questionário foi possível inferir que o noticiário de criminalidade possui sim, influência sobre o medo do crime de moradores de Belo Horizonte. Essa insegurança, entretanto, tem respostas diferentes a receptores diversos. De forma que a constatação está mais atrelada a aquele público que preferencialmente, com volume e intenção, consome informações de Segurança Pública nos jornais. A posição crítica frente ao noticiário também é fator diferenciador. Pessoas que acreditam que as informações sobre criminalidade da imprensa se aproximam da reprodução da realidade, por exemplo, tendem a se sentir mais inseguras e ter mais medo do crime.

Palavras-chave: medo do crime, insegurança, imprensa, noticiário de criminalidade

ABSTRACT

The influence of crime in people's lives goes beyond issues related to victimization and more objective analyses of urban violence. Being afraid of becoming a victim is a subjective feeling that can change routines, trigger anxiety, and even redefine processes of social integration or what is understood as a public space. For instance, the fear of crime may prevent people from walking alone at night in certain areas or lead them to buy personal protection equipment. Prior research has identified several sources to explain this fear, such as incivility, physical vulnerability, victimization, among others. This study focused on the mass media, which are also seen as drivers of fear of crime. It is argued that the fear is a social construction of reality, that is, that it provides means for interpreting, thinking, and making sense of reality. It follows that the press mediates the construction of such realities. Thus, journalism mediates our understanding of reality and as such, it opens gaps for interpretations that shape our collective understanding of the world. For instance, it shapes how citizens understand urban violence by emphasizing grave crimes instead of contextualizing them, fostering a greater sense of insecurity. In this context, this study aims at understanding the influence of how crimes are reported by the mass media in how residents of Belo Horizonte perceive, and develop, fear of crime through a mixed methods approach, including surveys, bibliographic and documental research, as well as participant observation. The cross-sectional analysis of survey responses reveals that crime-related news influences how residents of the city perceive their fear of crime. However, there are different dynamics considering people's consumption of news. Respondents who more frequently consume information about urban violence and crime in the mass media are more susceptible to fear crime. Participants' position in relation to the news media also matters, with those who believe that the media's reporting is representative of the reality being more likely to feel insecure and to fear crime.

Keywords: fear of crime, insecurity, press, crime news

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo das categorias analisadas na pesquisa documental.....	53
Tabela 2 - Medição de volume nos jornais destrinchada por datas	63
Tabela 3 - Medição geral de volume nos jornais avaliados.....	65
Tabela 4 - Percentuais de crimes relatados por jornais comparados com estatísticas oficiais .	70
Tabela 5 - Avaliação do medo do crime de respondentes que sofreram vitimização anterior	102
Tabela 6 - Relação entre leitura preferencial do noticiário de criminalidade e medo do crime	103
Tabela 7 - Frequência intencional de acesso ao noticiário de criminalidade e medo do crime	105
Tabela 8 - Crença na veracidade das informações dos jornais e medo do crime	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de respondentes e cidade de residência.....	70
Gráfico 2 - Total de respondentes e cidade de residência/Ajuste Metodológico	71
Gráfico 3 - Gênero dos respondentes	71
Gráfico 4 - Situação profissional dos respondentes	72
Gráfico 5 - Grau de escolaridade dos respondentes	73
Gráfico 6 - Idade dos respondentes	73
Gráfico 7 - Meio de moradia dos respondentes	74
Gráfico 8 - Percepção do estado socioeconômico dos respondentes.....	74
Gráfico 9 - Percepção de acompanhamento de notícias de forma regular	75
Gráfico 10 - Meios escolhidos para contato com as notícias	76
Gráfico 11 - Principal fonte de acesso a notícias.....	77
Gráfico 12 - Predileção por veículo (empresa) de comunicação.....	78
Gráfico 13 - Frequência de busca por informações em jornais	79
Gráfico 14 - Seção/caderno preferencial de busca de informações.....	80
Gráfico 15 - Tempo gasto jornais/portais/Dia útil.....	81
Gráfico 16 - Tempo gasto/portal/fim de semana	81
Gráfico 17 - Tempo gasto/rádio/dia útil	82
Gráfico 18 - Tempo gasto/rádio/fim de semana	82
Gráfico 19 - Tempo gasto/TV/Dia útil	83
Gráfico 20 - Tempo gasto/TV/fim de semana	83
Gráfico 21 - Preferência de conteúdo na TV	84
Gráfico 22 - Avaliação do volume das notícias nos jornais	85
Gráfico 23 - Percepção da forma que a realidade criminal é retratada.....	86
Gráfico 24 - Contextualização dos crimes no jornal	86
Gráfico 25 - Percepção de como crimes distantes relatados pela imprensa poderiam acontecer no território do respondente	87
Gráfico 26 - Crença na veracidade das informações apresentadas pela imprensa	88
Gráfico 27 - Fonte de acesso a informações sobre o crime	89
Gráfico 28 - Frequência de busca intencional por informações de criminalidade na imprensa	90
Gráfico 29 - Percepção da criminalidade em Belo Horizonte	91
Gráfico 30 - Vitimização anterior.....	91

Gráfico 31 - Período do dia/vitimização anterior	92
Gráfico 32 - Natureza Criminal/Vitimização anterior	93
Gráfico 33 - Sentimento de insegurança ao caminhar à noite perto de casa	94
Gráfico 34 - Sentimento de insegurança ao caminhar à noite em regiões desconhecidas.....	94
Gráfico 35 - Relação dia/noite e medo do crime	95
Gráfico 36 - Razão para a insegurança relatada ao caminhar à noite perto de casa e em regiões desconhecidas	96
Gráfico 37 - Medo do crime relatado	97
Gráfico 38 - Alteração de hábitos por medo do crime	98
Gráfico 39 - Avaliação das instituições de defesa social.....	100
Gráfico 40 - Medo do crime/naturezas determinadas.....	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 SENTIMENTO DE INSEGURANÇA, MEDO DO CRIME E SUAS CONDICIONANTES	9
2.1 INSEGURANÇA E ESPAÇO URBANO	9
2.2 MEDO DO CRIME	12
2.3 CONDICIONANTES DO MEDO DO CRIME	15
2.3.1 Variáveis individuais e fatores sociodemográficos	16
2.3.2 Contextos físicos, desordens e incivildades	20
2.3.3 Contextos Sociais	24
2.3.4 Vitimização direta e indireta	27
3 O DISCURSO DA IMPRENSA E SUA RELAÇÃO COM O MEDO DO CRIME	31
3.1 CONSTRUÇÃO DE REALIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	31
3.2 O AGENDAMENTO TEMÁTICO	33
3.3 INFLUÊNCIAS DO MERCADO E DOS PRISMAS OFICIAIS	36
3.3.1 Função social e mercado	36
3.3.2 Valores dominantes e prismas oficiais	38
3.4 VOLUME E NOTICIABILIDADE	41
3.5 MEDO E O DISCURSO DO CRIME NOS JORNAIS	44
4 METODOLOGIA	49
4.1 PESQUISA DOCUMENTAL	49
4.2 SURVEY	54
4.2.1 Considerações sobre o <i>survey</i>	55
4.2.2 Questões sociodemográficas	57
4.2.3 Hábitos de leitura, relação com a imprensa e interpretação do noticiário	58
4.2.4 Crime, medo do crime e alteração de hábitos de segurança	60
5 ANÁLISE DOS DADOS	62
5.1 RESULTADOS DA PESQUISA DOCUMENTAL	62
5.2 RESULTADOS DO SURVEY	70
5.2.1 Resultado do cruzamento de variáveis	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	114

ANEXOS	124
Anexo 1 - Descrição do conteúdo jornalístico avaliado	124
Anexo 2 – Tabela de avaliação de destaque no noticiário	131
Anexo 3 - Manchetes dos dias avaliados	135
Anexo 4 – Tabela de contexto/gênero jornalístico	137
Anexo 5 – Mapa de crimes relatados nos jornais/fontes utilizadas	140
Anexo 6 – Survey online aplicado	146
CRONOGRAMA.....	157

1 INTRODUÇÃO

A influência do fenômeno da criminalidade na vida das pessoas ultrapassa questões ligadas a vitimizações anteriores, testemunhos de delitos ou qualquer outra análise meramente objetiva da violência. Ter medo de ser vítima de um crime é um sentimento subjetivo que pode alterar rotinas, despertar ansiedades e, até mesmo, redefinir processos de integração social ou o que é entendido como espaço público. Pelo medo do crime, são trabalhadas reações como a redução de risco pessoal ou a fortificação de propriedades (Fustemberg, 1971, apud Skogan, 1999) que acabam se transformando, na prática, no evitamento de determinadas ruas ou bairros, exclusão de tipos raciais ou sociais construídos por estereótipos, ou investimentos em equipamentos de segurança, para citar apenas alguns exemplos. O medo do crime pode trazer, também, o reforço e o apoio a políticas de controle social formal, como as prisões, ou o incentivo a políticas públicas cada vez mais punitivas. Tudo isso, a reboque da força de uma visão subjetiva da criminalidade.

Como destaca Rodrigues e Oliveira (2012), o medo do crime e o seu enfrentamento ganhou status de preocupação pública, sendo já evocado como problema social e objeto de manipulação política. O tema, entretanto, só foi objeto de uma produção científica mais robusta por volta dos anos 60 do século passado. No Brasil, as pesquisas começaram apenas por volta de 1980 e, como aponta Caminhas (2010), tinham uma convicção mais ou menos consensual de que o medo do crime era, apenas, uma consequência trivial da criminalidade. Desta forma, supunha-se que as estratégias para controlar a violência seriam, concomitantemente, estratégias também para controlar o medo.

Esse entendimento, porém, como destaca Warr (2000), foi alterado a partir da percepção de vários estudos que indicavam que a vitimização real das pessoas não combinava com a percepção de risco ou com o medo do crime relatado. Da mesma forma, o perfil dos mais vitimados não coincidia, necessariamente, com os que mais relatavam medo (GAROFALO, 1981). Portanto, embora a insegurança pudesse estar relacionada às taxas de criminalidade, não poderia ser considerada mera função de tais indicadores (WARR, 2000, p. 452-458; ZEDNER, 2002, p.425, apud CAMINHAS, 2010).

Atualmente, a literatura explora diferentes causas germinadoras e condicionantes do medo do crime, que serão detalhadas ao longo desta pesquisa. São avaliados, por exemplo, os fatores sociodemográficos e variáveis individuais dos cidadãos (HALE, 1996; FERRARO, 1995; BRITES, 2010; CARDOSO; SEIBEL; MONTEIRO E RIBEIRO, 2013; RODRIGUES

e OLIVEIRA, 2012; GUEDES, CARDOSO; AGRA, 2012). Há, ainda, discussões sobre a influência da vitimização direta ou indireta ou no medo do crime (ADORNO, 1996; CALDEIRA, 2000; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2007; HALE, 1996; GUEDES, CARDOSO; AGRA, 2012; CAMINHAS, 2010), a afetação de contextos físicos, como incivildades, iluminação, entre outros (BRITES, 2010; KELLING; COLLES, 2003; TAYLOR, 1999; SUMARIVA, 2018; CAMINHAS, 2010), além de contextos sociais, tais como a vinculação com o bairro, coesão social, a formatação das chamadas figuras do medo (GAROFALO, 1981; SAMPSON; SILVA; BEATO FILHO, 2013; SOARES, 2008). A causa germinadora explorada por essa pesquisa, entretanto, é a influência dos meios de comunicação de massa, mais especificamente, da imprensa, como preditora do medo do crime (GORITA, 2003; PENEDO, 2003; PASTANA, 2007; RODRIGUES, 2017; SOUZA, 2018; COHEN, 2002; ROLIM, 2006).

Se sustenta que o medo do crime se reveste de uma representação social do meio, ou seja, ele é uma forma de interpretar, pensar e proporcionar sentido para a realidade. A imprensa, nesta linha, atua como uma das principais produtoras de realidades sociais. É a primeira moldura pública de referência, por exemplo, do entendimento de problemas relacionados ao crime e ao controle (RODRIGUES, 2017).

Os veículos de jornalismo são a principal e, às vezes, a única, fonte de acesso a determinados fatos, acontecimentos, histórias, relatos, testemunhos ou imagens (CARVALHO, 2007; PENEDO, 2003). Trazem informações de diferentes partes do mundo, cujo acesso seria praticamente impossível aos cidadãos caso a imprensa não fizesse a cobertura (BERTRAND, 1999). Contribuem para formação de identidades (KELLNER, 2000), filtram e moldam realidades cotidianas pelo seu poder (SILVERSTONE, 2002). Para Lippmann (1922), atuam na formação da opinião pública e no entendimento de mundo dos cidadãos.

A imprensa, entretanto, mediatiza o conhecimento das realidades que não se conhece e, dessa forma, abre brechas para interpretações e destaques a determinadas relevâncias (SOUSA, 2000) que vão contribuir para o entendimento do mundo. Ela recorta do presente uma realidade (ROLIM, 2006) que em muito pode influenciar o medo do crime, principalmente pela forma que os veículos de comunicação apresentam a realidade criminal. Os veículos de comunicação focam atenção em determinados eventos e, portanto, oferecem interpretações de como o fenômeno da criminalidade deve ser entendido. Como reforça Bayer (2013), existe uma influência mútua entre o discurso do crime e o imaginário que as pessoas tem dele. Vários estudos, segundo Souza (2018), independente do alcance e da metodologia, tendem a ser concordantes na conclusão de que a sobrerrepresentação da realidade criminal nos meios de

comunicação, condiciona, de modo significativo, a percepção que temos da violência e nosso, consequente, medo do crime.

Observa-se que veículos de jornalismo possuem um modo específico de noticiar a violência e este é um dos fatores que pode potencializar o medo do crime. Entre as características da cobertura, estão, por exemplo, a construção de um noticiário de criminalidade volumoso, sendo as notícias do crime as mais populares e constantes no total de notícias veiculadas (PENEDO, 2003; MACHADO; SANTOS, 2008). Também há a representação invertida da realidade, expressão cunhada por Rolim (2006), a partir do destaque maior dado ao noticiário de crimes mais graves e mais raros e não, necessariamente, a aqueles que aconteçam com maior frequência (KAHN, 2001; ROLIM, 2006). Análises de variadas pesquisas sobre os meios de comunicação social evidenciam que, mesmo quando as estatísticas mostram que a maior parte dos crimes praticados são crimes não violentos, a imprensa mostra isso de forma exatamente contrária (SACCO, 1995). E que, o mapa dos eventos criminais oferecido pela imprensa se difere, em muitos aspectos, daquele que é facultado pelas estatísticas oficiais do crime (KATZ, 1987).

Vale ressaltar ainda, como suporte a análise que busca relacionar o medo do crime à influência da imprensa, a Teoria do *Agenda-Setting*, ou Teoria do Agendamento. Segundo Shaw (1976), citado por Wolf (2002), em consequência da ação dos jornais, da televisão e de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia, elementos específicos dos cenários públicos. Isso porque as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os meios de comunicação de massa incluem ou excluem de seu próprio conteúdo. E, além disso, tendem a atribuir importâncias que refletem as ênfases dadas pelos meios de comunicação de massa aos problemas, acontecimentos e pessoas (WOLF, 2002)

Portanto, e com base nas reflexões trazidas até aqui, a presente pesquisa se apoia na seguinte pergunta: quais são os efeitos do noticiário sobre criminalidade no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte/MG?

A fim de buscar responder a essa pergunta o **objetivo geral** é:

Analisar os efeitos do noticiário sobre criminalidade no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte/MG.

Os **objetivos específicos** são:

- Discutir o sentimento de insegurança e o medo do crime enquanto fenômeno e as condicionantes existentes na literatura que buscam explicar causas e amplificadores desse medo;
- Problematizar a influência da comunicação de massa e, em especial, da imprensa, na formação da opinião pública e das representações sociais de violência dos cidadãos.
- Debater o agendamento provocado pela imprensa na leitura de mundo dos cidadãos e na formação de conceitos, como o entendimento do fenômeno da criminalidade.
- Discutir a relação entre o consumo do noticiário de violência e a potencialização do medo do crime.
- Descrever as características do noticiário sobre criminalidade e violência dos veículos de comunicação que possuem maior circulação ou audiência em Belo Horizonte.
- Compreender o entendimento que moradores de Belo Horizonte fazem das narrativas do noticiário de criminalidade, assim como seus hábitos de acesso a ele.

JUSTIFICATIVAS

As pesquisas sobre medo do crime são importantes para contribuir com o entendimento da percepção da comunidade a respeito da atuação do Estado na proteção do cidadão e, também, com a avaliação de efetividade das políticas públicas em uma área tão demandada e importante como a segurança. Podem contribuir para ampliar as avaliações e discussões sobre o sistema de defesa social adotado, principalmente, porque extrapolam a discussão de segurança pública baseada apenas em sua dimensão objetiva, com os registros de ocorrências de crime e avaliação da produtividade policial.

Ao se propor, por meio desta dissertação, uma análise de dimensões subjetivas da insegurança, buscou-se ir além das estatísticas apontadas e disseminadas pelo Governo de Minas Gerais. Destaca-se que o Observatório de Segurança Pública Cidadã do Estado, instituição lotada na Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) e responsável pela compilação, análise e divulgação dos indicadores de criminalidade oficiais, não produz avaliações nem indicadores relacionados ao medo do crime ou qualquer outra variável relacionada à subjetividade da insegurança.

Ao buscar analisar a relação entre o noticiário sobre violência e o medo do crime, esperou-se demonstrar os efeitos da atual prática da cobertura jornalística da violência, baseada, muitas vezes, em extenso volume de informações sobre violência e criminalidade, ênfase em crimes mais raros, entre outros aspectos. Ou mesmo, em uma possível constatação contrária, contribuir para retirar da imprensa o estigma e a responsabilidade de criadora e fortalecera do medo das pessoas, em tempos tão sombrios, politicamente falando, para o jornalismo.

Em Minas Gerais, o termo sensação de insegurança entrou pela primeira vez no vocabulário de objetivos da gestão do Governo do Estado em 2019. O Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (PMDI), previsto para o planejamento 2019-2030, traz como item 2 de seus 10 objetivos estratégicos “aumentar a segurança e a sensação de segurança” dos mineiros. De forma pioneira, o termo sensação de segurança foi acrescentado ao texto do documento que é a principal diretriz de longo prazo para a atuação do Estado. O PMDI serve de referência para elaboração de planos de médio e curto prazo e para planos setoriais e políticas públicas específicas, sendo, portanto, peça fundamental para a definição de prioridades do Estado (MINAS GERAIS, 2019).

Ainda em 2019, houve uma articulação do Governo do Estado de Minas com a Fundação João Pinheiro para o desenvolvimento de uma pesquisa de medição da sensação de segurança dos mineiros. Algo que não foi levado adiante, pela situação financeira do Estado à época, segundo informações da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), compartilhadas pela cúpula da gestão à autora desta pesquisa. Destaca-se que a mesma atua na pasta como assessora-chefe de Comunicação Social há dez anos e, portanto, teve a possibilidade de observar na prática os aspectos elencados para a análise do objeto de estudo proposto.

Vale ressaltar, ainda, que o principal gestor da área de segurança pública de Minas Gerais até 1 de fevereiro de 2021, o então secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública, General Mario Lucio Alves de Araujo, afirmou, em entrevista prévia à autora, que entender a dinâmica da sensação de insegurança no Estado e as formas de se atacar a sua diminuição é uma das prioridades do atual Governo, liderado pelo Governador Romeu Zema (Novo). Essa afirmativa talvez tenha se dado em virtude do Estado de Minas Gerais demonstrar resultados de redução no nível objetivo do crime. Na comparação de 2020 com 2019, houve queda de 33% na criminalidade violenta, 44,2% nas ocorrências de roubo e 6,4% nas vítimas de homicídio, no Estado, segundo dados do Observatório de Segurança Pública Cidadã, disponíveis no sítio eletrônico da Sejusp. O ano de 2020 é o último completo com resultados em Segurança Pública divulgados pelo Estado. Do marco temporal mais atualizado, 2021, estão publicados os

resultados de janeiro a novembro, que apontam uma diminuição de 20,6% na criminalidade violenta no período descrito 2021/2020 e um acumulado de diminuição de 46% quando são comparados os 11 meses dos três últimos anos.

Durante a maior parte do tempo de execução desta pesquisa, todas as segundas-feiras, às 9h, no Gabinete do secretário de Segurança Pública de Minas Gerais (e de forma virtual depois do início da pandemia de covid-19) aconteceram as reuniões gerenciais da pasta, com a presença de subsecretários e assessores-chefes, entre os quais a autora desta pesquisa participa. Em muitas destas reuniões, a sensação de insegurança dos mineiros foi tratada como pauta principal ou coadjuvante das discussões, estando o papel da imprensa, nesta relação, em constante avaliação pelo grupo.

Portanto, considerando que as discussões sobre a sensação de segurança utilizadas como base para as políticas públicas em Minas levam em conta, atualmente, apenas a dimensão objetiva da insegurança e são pautadas pela avaliação de dados estatísticos de criminalidade, a presente pesquisa se justifica por buscar compreender outra dimensão da insegurança, em seu aspecto subjetivo. Ao buscar avaliar de que forma o medo do crime pode ser potencializado pela imprensa, abre-se uma nova discussão sobre a eficiência do serviço público.

Entende-se que todas as afirmações expostas até o momento contribuem para a demonstração da relevância da pesquisa no campo acadêmico e prático. De forma complementar, salienta-se, no campo teórico, que essa dissertação buscou contribuir para o preenchimento de lacunas na literatura atual sobre o medo do crime. A avaliação da condicionante subjetiva dos meios de comunicação de massa como preditora do sentimento de insegurança dos cidadãos é uma das menos abordadas pelos estudos sobre o assunto, como se pôde observar ao longo da pesquisa bibliográfica.

Também cabe aqui ressaltar, ainda sob o aspecto teórico, a importância das pesquisas que trazem em seu cerne discussões sobre as causas germinadoras do medo e não são, apenas, focadas em suas consequências. Além de estratégico em termos de gestão pública, muito da literatura identificada sobre insegurança tende a ser tratada apenas sob o ponto de vista de impactos econômicos e sociais que esse medo do crime pode causar, como migrações populacionais, perda de recursos econômicos, entre outros. Essa constatação também pode ser encontrada na justificativa do financiamento da pesquisa “Medo do Crime em Minas Gerais”, do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), da Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG), realizada em 2010, pela então Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais (Seds).

A citada pesquisa, aliás, contribui para demonstrar a importância da presente dissertação no campo prático. Realizada em 2010, ela é a última publicação oficial com medições sobre o medo do crime em Minas Gerais. Foi encomendada, à época, pela Seds, hoje Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), que nunca mais verificou o medo do crime ou a percepção do risco de violência dos mineiros. Portanto, essa dissertação, coloca luz na questão. Oferece modestos subsídios para um tema, atualmente, não tratado pelo Observatório de Segurança Pública Cidadã de Minas Gerais.

Outra relevância prática da pesquisa diz respeito ao entendimento do papel da imprensa na potencialização do medo do crime. Constatada a amplificação do medo do crime pela forma que o noticiário de criminalidade é formatado, defende-se, portanto, mais investimentos nas assessorias de comunicação das polícias e das secretarias de segurança, a fim de que o trabalho das mesmas possa contribuir com um melhor esclarecimento, relacionamento e produção de conteúdo sobre o tema pela imprensa. Os veículos de comunicação precisam se especializar para uma postura mais crítica e embasada no tratamento do tema criminalidade.

A entrega prática deste trabalho, em razão do mestrado desenvolvido ser profissional, é, inclusive, a confecção de um repositório com informações destinadas à Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais com os resultados da percepção dos moradores da capital sobre o medo do crime e sua relação com o trabalho da imprensa. Propõe-se, ainda, um roteiro de evento para que jornalistas, especialistas em segurança e representantes do Estado responsáveis pelo provimento de segurança possam realizar debates sobre principais deficiências e pontos de acertos nessa relação. Abrir canais de discussão entre esses profissionais é um passo importante para uma melhor compreensão dos fenômenos da violência no Estado e para a construção conjunta e crítica de políticas que possam enfrentá-los.

Nesta dissertação, a fim de analisar os efeitos do noticiário sobre criminalidade no medo do crime em Belo Horizonte, escolheu-se realizar um estudo de cunho quantitativo e qualitativo. Ele foi apoiado na aplicação de *surveys* e consequente análise quantitativa de seus resultados, e na realização de pesquisa bibliográfica, documental e observação participativa, que permitiram uma análise qualitativa do fenômeno em evidência.

A pesquisa bibliográfica abordou os temas que envolvem os objetos de estudo desta investigação, que são os noticiários sobre criminalidade e o medo do crime; o *survey* buscou

compreender a relação entre o noticiário de criminalidade, com a compreensão que os cidadãos possuem das narrativas de violência que lá estão, e o medo do crime. Já a pesquisa documental foi realizada a partir do conteúdo jornalístico do horário nobre dos veículos de rádio e de TV elencados como de maior audiência em Belo Horizonte, assim como do jornal de maior circulação e do portal de notícias com maior número de visualizações na capital de Minas Gerais (Portal O Tempo, Rádio Itatiaia, MGTV 2ª Edição da TV Globo e Jornal Super Notícia). A intenção foi explorar determinadas características do noticiário de criminalidade, em busca de referências que contribuíssem para o debate de como a imprensa oferece interpretações do fenômeno da criminalidade.

Destaca-se, por fim, que essa dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo foram discutidos conceitos e fundamentos teóricos relacionados ao medo do crime, enquanto ressonância subjetiva da insegurança. Também foram abordadas algumas causas germinadoras e condicionantes desse medo, presentes atualmente na literatura sobre o assunto, assim como o perfil daqueles mais predispostos ao sentimento de insegurança.

No segundo capítulo foi discutido o poder da imprensa e dos meios de comunicação de massa na construção de realidades sociais e, também, de representações pelas quais o mundo pode ser entendido. Por meio da Teoria do *Agenda-Setting* foram pontuadas formas de a imprensa influenciar comportamentos e percepções de fenômenos, como o da criminalidade. Também foram expostas características do noticiário de criminalidade e influências em sua formatação, como o mercado, que contribuem com uma correlação positiva com o medo do crime.

O terceiro e quarto capítulos apresentaram os percursos metodológicos da pesquisa e a análise dos dados coletados. Por fim, nas considerações finais, foram apresentados os resultados da pesquisa, bem como as limitações de ordem teórica. Salienta-se que os resultados da presente pesquisa evidenciaram uma influência do noticiário de criminalidade sobre o medo do crime de moradores de Belo Horizonte. Essa insegurança, entretanto, possui respostas diferentes a receptores diversos.

2 SENTIMENTO DE INSEGURANÇA, MEDO DO CRIME E SUAS CONDICIONANTES

2.1 INSEGURANÇA E ESPAÇO URBANO

Apesar de a ideia de fortaleza, grandes muralhas e guarnições estar presente na arquitetura das cidades ocidentais e orientais desde a antiguidade (WEBER, 1979, p.77-82), é no nascimento das grandes concentrações urbanas, entre o final do século XIX e século XX, que o conceito de insegurança e medo do crime se difunde. A maior aglomeração de pessoas no espaço urbano e os novos hábitos passaram a ser vistos como uma ameaça em potencial (CASTRO, MATRAK FILHO; MONTEIRO, 2011). Dessa forma, e progressivamente, o crime e o medo do crime deixam de ser algo latente no âmbito do controle social informal, feito pela própria sociedade, para se tornar alvo e persecução do controle formal levado a efeito pelas polícias, tribunais e prisões (MOLERO, 2002).

Como destaca Tuan (2005), em tempos de aglomerações urbanas, o homem já possui mais domínio sobre fatos da natureza, como o controle de uma enchente, por exemplo. Mas, paradoxalmente, nas grandes cidades, no seu maior símbolo de racionalidade e triunfo humano, tem medos relacionados às pessoas. Teme as vertentes do novo anonimato urbano e o intenso contato com desconhecidos em espaços públicos.

No entendimento de Lourenço (2010), o aumento da criminalidade, no último século, é acompanhado da ampliação do sentimento de insegurança, e corresponde, temporalmente, “ao crescimento econômico e à explosão do consumo, ao crescimento das cidades e à desagregação do tecido social urbano, à alteração dos modos de vida e, mais profundamente ainda, de valores” (LOURENÇO, 2010, p.3). Ainda segundo o autor, a modernidade, em termos de geografia humana, ao mesmo tempo que se traduz na urbanização, traz consigo também traços de incivilidades, delinquência juvenil, manifestações mais ou menos graves de perturbação da ordem social e de afrontamento da autoridade do Estado, que são “fortemente associados à emergência do sentimento de insegurança” (LOURENÇO, 2010, p.3).

Entretanto, observa-se que a produção científica mais robusta sobre o sentimento de insegurança só ganha relevância na Criminologia a partir dos anos 60 do século 20 e a partir da década de 80 no Brasil. Segundo Caminhas (2010), nessas primeiras pesquisas, era relativamente consensual entre os autores o entendimento de que o medo do crime era, apenas, uma consequência trivial da criminalidade. Desta forma, supunha-se que as estratégias para controlar a violência seriam, concomitantemente, estratégias também para controlar o medo.

Porém, como relata Caminhas (2010), a partir das primeiras mensurações do medo do crime nos EUA, ainda na década de 60, realizadas pelo *Gallup Organization* e pelo *National Opinion Research Center* (NORC), mostrou-se que o risco de vitimização real não combinava com a percepção de risco. Portanto, pôde-se inferir, à época, que embora a insegurança pudesse estar relacionada a taxas de criminalidade e pudesse aumentar com elas, ela não poderia ser considerada uma mera função de tais taxas (WARR, 2000, p. 452-458; ZEDNER, 2002, p.425, *apud* CAMINHAS, 2010).

Ainda sobre esse assunto, Lourenço (2010) observa que a Europa e outros países mais industrializados experimentaram o recrudescimento de suas taxas criminais a partir dos anos 60, seguido de uma diminuição ou estabilização a partir dos anos 90 em muitos países, e que, apesar disso, esse movimento não foi acompanhado por uma redução do sentimento de insegurança.

A partir desse cenário, os estudos sobre a insegurança criminal passaram a considerar duas dimensões conceituais para o sentimento de insegurança. Para fins deste trabalho, será utilizada a revisão conceitual de Guedes, Cardoso e Agra (2012), baseada em estudos como os de Fustenberg (1971), LaGrange e Ferraro (1992), Amerio e Roccatto (2007) e Robert (2002), que tem a seguinte perspectiva: a primeira dimensão, a insegurança objetiva, é desencadeada efetivamente pelo crime e pelos comportamentos desviantes em geral. Já a segunda dimensão, a insegurança subjetiva, refere-se à ressonância particular e intersubjetiva do medo, com inferências sobre percepções reais ou imaginárias, probabilidades, consequências, crenças, emoções e interpretações do ambiente físico e social. Pode ser classificada como medo do crime, percepção de risco ou sensação de insegurança, como será observado a seguir.

Ainda segundo a revisão conceitual de Guedes, Cardoso e Agra (2012), a insegurança subjetiva pode ser novamente subdividida, da seguinte forma: 1) medo do crime, dimensão afetiva que gera decisões emocionais e reações; e 2) percepção de risco, dimensão cognitiva, baseada em análises pessoais e julgamentos do seu risco de vitimização. Vale ressaltar que, apesar de o conceito de insegurança subjetiva não possuir uma construção sólida e única no sentido conceitual, como ressaltam as pesquisas de Souza (2018), Castro, Matrak Filho e Monteiro (2011), Rodrigues e Oliveira (2012), as subdivisões citadas, medo do crime e percepção de risco, têm definições mais consensuais e utilizadas pela literatura sobre o assunto.

Para Garofalo (1981), por exemplo, o medo é uma reação emocional caracterizada por uma sensação de perigo ou ansiedade. Muitas vezes, fruto das ameaças de danos físicos e

sociais, sentidas por meio de sinais. De acordo com o autor, o chamado medo do crime é algo que acompanha o indivíduo, de forma crônica, em um menor número de casos, mas de forma intermitente em um grande número de pessoas. Já na perspectiva de Vanderveen (2011), o medo do crime pode ser designado como uma construção social, produto de circunstâncias culturais, sociais ou contextuais. Ao passo que a percepção de risco se refere às expectativas de proteção (CRAWFORD; HUTCHINSON, 2016), de avaliação cognitiva, baseada em julgamento subjetivo do risco de ser vítima de um delito. Ou, conforme Silva e Beato Filho (2013):

Medo não é uma percepção do ambiente (uma consciência ou experiência de estímulo sensorial), mas uma reação ao ambiente percebido. Embora o medo possa resultar de um processamento cognitivo ou avaliação da informação percebida (e.g. um julgamento de que um homem se aproximando está armado, ou que um som seja um sinal de perigo), medo não é por si só uma crença, atitude ou avaliação. Ao contrário, medo é uma emoção, um sentimento de alarme ou pavor causado por uma consciência ou expectativa de perigo (SLUCKIN, 1979 *apud* WARR, 2000 *apud* SILVA; BEATO FILHO, 2013, p.158).

Essa diferença entre medo e percepção de risco também foi evidenciada empiricamente na pesquisa Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais, realizada pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2008. Por meio do estudo, foi possível perceber que há uma grande variação entre crime, medo do crime e percepção de risco (no caso da pesquisa, percepção que o crime aconteça nos próximos 12 meses). O medo de ser vítima de um homicídio, por exemplo, existe entre 70% dos entrevistados. No entanto, apenas 40% tem a percepção de risco que isso possa efetivamente acontecer nos próximos 12 meses. De forma geral, a pesquisa permite afirmar que, dentre os nove crimes avaliados, a sensação de medo foi sempre maior eu a percepção de risco no Estado de Minas Gerais.

Skogan (1993), citado por Cardoso, Guedes e Agra (2012), salienta que é sempre necessário definir, deixar claro, de que forma o sentimento de insegurança está sendo tratado e conceituado, para propósitos de investigação. Pois, caso contrário, diferentes definições podem levar a diferentes conclusões nas pesquisas. Portanto, para fins de conceituação da insegurança subjetiva abordada nessa dissertação, pontua-se que o foco será o medo do crime, com sua dimensão emocional que provoca reações como mudanças em hábitos e aquisições de comportamentos de segurança (GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2013; SILVA; BEATO FILHO, 2013; HALE, 1996; GAROFALO, 1981). Entende-se que essa reação emocional não

ocorre exclusivamente por causa do crime, mas, também, devido a símbolos e emoções que as pessoas associam ao crime (BURSIK; GRASMICK, 1993, WILSON; KELLING, 1982 *apud* SILVA; BEATO FILHO, 2013). Se usará, nesta pesquisa, a expressão medo do crime como sinônimo de sensação de insegurança.

2.2 MEDO DO CRIME

Observa-se que o medo do crime pode ser classificado como uma reação emocional negativa perante a possibilidade real ou imaginária de se ser vítima de uma situação delituosa. Para Silva e Beato Filho (2013), tratado como uma medida subjetiva, o medo não se resume a uma probabilidade real de um indivíduo ser ou não vítima de um crime, devendo-se incluir as reações ou atitudes tomadas por parte das pessoas devido a este sentimento no conceito. É uma sensação de antecipação, angústia e ansiedade de ser tornar vítima de uma infração penal, que não possui, necessariamente, uma relação lógica com a realidade, com perdas na qualidade de vida individual e, eventualmente, coletiva (DANTAS; SILVA JUNIOR; PERSJIN, 2006). Ou, ainda, um conjunto de manifestações, inquietações, de perturbação ou medo cristalizado sobre o crime, mesmo que as taxas de crime diminuam. (FRIAS, 2002). Ao afirmar que as taxas de medo do crime em Portugal eram mais que um produto das variações da criminalidade, Graça Frias (2002) concluiu que esse medo deve ser, sobretudo, entendido como uma representação social do meio, em cuja formação incluem múltiplos fatores. Em sua pesquisa, moradores do Porto, por exemplo, apresentaram mais medo que moradores de Lisboa, onde as taxas de criminalidade eram mais altas à época da pesquisa.

A literatura aponta que esse sentimento implica, muitas vezes, em mudanças de rotina, na adoção de comportamentos de segurança, no enfraquecimento e na desorganização de estruturas sociais, a partir da exclusão de determinados grupos e, até mesmo, determinados locais. Pode levar, ainda, a condutas de proteção dentro e fora de casa, como por exemplo, a instalação de sistemas de vigilância nas residências, acompanhamento de animais de estimação e, até mesmo, aquisição de armas (PEREZ, 2007; CALDEIRA, 2010; GAROFALO, 1981; HALE, 1996, FERRARO, 1995).

Lourenço (2010) e Hale (1996) apontam também que o medo do crime traz consequências para a confiança da população sobre a capacidade das polícias e demais estruturas de defesa social em prover segurança e manutenção da ordem social.

Caldeira (2000) e Box, Hale e Andrews (1988) apontam para comportamentos comuns, que marcam a vida cotidiana dos cidadãos na atualidade. Para esses autores, as pessoas hoje saem restringidas em seus movimentos, assustadas e controladas. Saem menos à noite, andam menos nas ruas e evitam “áreas perigosas e proibidas” de suas cidades. Quase ninguém anda com relógios ou joias caras, só se leva o dinheiro necessário e, se possível, uma cópia do documento pessoal. As mulheres carregam suas bolsas apertadas sobre o peito. Os encontros no espaço público, portanto, se tornam cada dia mais tensos e até violentos, porque têm como referência os estereótipos e medos das pessoas (CAMINHAS, 2010, p.16).

O medo do crime se configura como algo amplamente difundido em todos os países, sejam eles pobres, ricos ou em desenvolvimento (ALVAZZI DEL FRATE, 1998, p.139) e, para alguns autores, chega a ser mais importante que o próprio crime (FERRARO, 1995) por afetar a mais pessoas, das mais diferentes classes, sexos, idades ou qualquer outro aspecto sociodemográfico.

Faz-se aqui a ressalva de que ter medo do crime também desperta uma sensação de maior cuidado por parte dos indivíduos, o que, como destaca Castro, Matrak Filho e Monteiro (2011), contribui para a segurança e proteção dos cidadãos. Como salienta Dantas, Persijin e Silva Junior (2006), o medo é saudável quando induz a adoção de hábitos e o estabelecimento de posturas defensivas no sentido da prevenção de ameaças, tendo em vista, em última instância, a própria autopreservação. Castro, Matrak Filho e Monteiro (2011, p.92), entretanto, fazem um alerta: “Quando o medo está relacionado à violência e ultrapassa alguns limites, acaba gerando certo desconforto social, pois, o que deveria causar prevenção começa a provocar uma deturpação na condição de vida das pessoas.”

Outros pesquisadores, como Rodrigues e Oliveira (2012) e Caminhas (2010) chegam a classificar essa deturpação na rotina e na condição de vida de forma ainda mais intensa, e ponderam que o medo do crime adquiriu um status, atualmente, de problema social, em razão de suas consequências adversas para a qualidade de vida da comunidade.

Dotado da capacidade de se disseminar de maneira independente da vitimização e da própria criminalidade, o medo de crime, e seu enfrentamento, ganhou há algum tempo o status de preocupação pública, fazendo com que seja frequentemente evocado como um problema social, objeto de intervenção e, por que não, manipulação política. Em parte, isso acontece porque, apesar da associação entre crime, medo e percepção de risco de se tornar vítima, não são raras as situações em que a insegurança e o temor são grandes apesar do pequeno risco objetivo de vitimização (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2012, p.157).

Os apontamentos de Rodrigues e Oliveira (2012) levantam ainda algo intrínseco à discussão do sentimento do medo. O chamado paradoxo do medo do crime, que é a não compatibilização entre os perfis de vitimados e aqueles que mais relatam medo ou entre taxas de crimes e populações que relatam mais medo (FERRARO, 1995, HALE, 1996; GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012), será visto em detalhes mais adiante, mas reforça teorias que compactuam com a ideia de que o medo do crime, mais que mera função das taxas de criminalidade, é também uma resposta atribuída a contextos sociais.

Doriam Borges (2011) sintetizou de maneira interessante essa perspectiva ao discutir o papel do que ele chama de “crenças” na construção do medo de crime. Segundo o autor, o medo é resultado de crenças constituídas a partir das experiências sociais, fazendo por meio deste conceito a ligação entre a realidade, com suas taxas de crime e vitimização e a imaginação, bem como relatos de vitimização de amigos e a influência da cobertura jornalística de crimes que aconteceram muito longe das áreas por onde os indivíduos circulam, por exemplo.

Ainda sobre a efetiva relação de função do medo do crime com a criminalidade e demais contextos de representação social, destaca-se a conclusão do estudo de Santos Junior, Dutra e Silva Filho (2007).

Áreas com altos índices de medo do crime e baixos índices de criminalidade: quando o medo é exacerbado e desproporcional às estatísticas criminais, tem-se o real problema do “medo do crime”, definido anteriormente como “doentio”. Consiste na sensação da antecipação ou de angústia e ansiedade de se tornar vítima (*anticipation of victimization*) do crime, sem uma relação lógica com a realidade, o que acarreta prejuízo significativo da qualidade de vida individual e, eventualmente, coletiva. Esse medo é objeto de vários estudos, devido ao seu impacto nas políticas de gestão da segurança pública.

Áreas com altos índices de medo do crime e altos índices de criminalidade: o “medo do crime” reflete uma reação racional da sociedade. Diante disso, a prioridade deve ser a introdução de alguma estratégia de redução criminal, com programas, preferencialmente, de gestão comunitária da segurança pública (polícia comunitária), visando não só a reduzir índices, como também proporcionar uma decorrente sensação de controle e “empoderamento” da própria comunidade.

Áreas com baixos índices de medo do crime e baixos índices de criminalidade: modelo de situação ideal almejada. Possui relação com a sensação de segurança que, geralmente, pode estar sendo promovida de maneira efetiva pela gestão da segurança pública, *pari passu* com o provimento regular de informação pública de boa qualidade sobre a criminalidade.

Áreas com baixos índices de medo do crime e altos índices de criminalidade: situação que indica uma falta de conscientização sobre o tema. Ela pode expressar a banalização do crime, fruto da dessensibilização, desinformação ou má-informação acerca da criminalidade da região considerada. É importante, no caso, a implementação de medidas preventivas para a redução criminal e o incremento dos níveis de informação pública sem, contudo, promover um “surto” de medo na comunidade (SANTOS JÚNIOR; DUTRA; SILVA FILHO, 2007, p. 98).

Por fim, cabe ressaltar que, além de afetar a vida da população, fazendo com que o cidadão assuma diferentes atitudes em seu cotidiano, o medo do crime, “se baseado em avaliações reais, consubstancia-se em relevante instrumento no auxílio e enfrentamento de crimes concretos ou em potencial” pelos gestores das políticas públicas de segurança (CASTRO; MATRAK FILHO; MONTEIRO, 2012, p.96). Como avaliação real entende-se uma leitura adequada do medo do crime naquela comunidade, por meio de razões predispostas. Entretanto, também se ressalva que uma avaliação do medo na população baseada em ideias irreais ou imaginárias pode colocar luz e recursos públicos em situações insignificantes do ponto de vista da política pública, ao mesmo tempo que se tira foco de outros pontos de atenção necessários.

2.3 CONDICIONANTES DO MEDO DO CRIME

Após discussões sobre o sentimento de insegurança, especificamente sobre o medo do crime, suas particularidades e consequências na vida social dos cidadãos, serão destacadas algumas causas germinadoras e condicionantes desse medo, presentes atualmente na literatura sobre o assunto, assim como o perfil daqueles mais predispostos ao sentimento de insegurança.

Destaca-se que grande parte desses fatores estão relacionados com a ideia de vulnerabilidade, seja ela física, psicológica ou econômica, ligadas a fatores como gênero, idade, posição social e etnicidade, no entendimento de quem tem medo do crime (HALE, 1996; FERRARO, 1995; BRITES, 2010; CARDOSO, *et al.*, 2013; RODRIGUES E OLIVEIRA, 2012; GUEDES, CARDOSO E AGRA, 2012). Serão propostas, ainda, discussões sobre a influência da vitimização direta ou indireta ou no medo do crime (ADORNO, 1996; CALDEIRA, 2000; RODRIGUES E OLIVEIRA, 2007; HALE, 1996; GUEDES, CARDOSO E AGRA, 2012; CAMINHAS, 2010), e a afetação de contextos físicos, como incivildades, iluminação, entre outros (BRITES, 2010; KELLING E COLLES, 2003; TAYLOR, 1999. SUMARIVA, 2018; CAMINHAS, 2010), além de contextos sociais, tais como a vinculação com o bairro, coesão social, a formatação das chamadas figuras do medo (GAROFALO, 1981; SAMPSON, RAUDENBUSH; EARLS, 1997; SILVA; BEATO FILHO, 2013; RODRIGUES, 2007; SOARES, 2007). O recorte de condicionantes se deu em razão do maior aparecimento desses preditores na literatura sobre o medo do crime.

2.3.1 Variáveis individuais e fatores sociodemográficos

Pesquisadores têm encontrado correlações entre variáveis sociodemográficas, como gênero, idade, classe social ou raça e um maior medo do crime (HALE, 1996; FERRARO, 1995; GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012; BRITES, 2010; CARDOSO, SEIBEL, MONTEIRO; RIBEIRO, 2013; RODRIGUES E OLIVEIRA, 2012). Esses autores se pautam, na maioria das vezes, na perspectiva da vulnerabilidade sociodemográfica ao crime violento, verdadeira ou percebida, como causa de um maior sentimento de insegurança.

Nessa perspectiva, como destaca Caminhas (2010), tem-se identificado quatro grupos que se encaixam nessa vulnerabilidade e que, coincidentemente, seriam também aqueles que mais se identificam com o medo do crime: mulheres, idosos, minorias pobres e étnicas.

Em suma, essa perspectiva oferece uma interpretação de relações entre as características sociodemográficas e medo e se concentra em populações específicas. Mulheres e idosos são fisicamente mais vulneráveis a incidentes sérios de vitimização. Membros de minorias e grupos de baixo status socioeconômico são ecologicamente mais vulneráveis à possibilidade de vitimização devido a sua posição no mosaico urbano. Essa vulnerabilidade ecológica é intensificada e refletida em alto medo (CAMINHAS, 2010, p.23).

O recorte com as constatações em resultados de pesquisas mais unânimes é o gênero (HALE, 1996). Independentemente de como é medido, dos países, das classes sociais e da idade, a variável sexo é a que mais consistentemente está associada ao sentimento de insegurança. (HALE, 1996; MACHADO; AGRA, 2002; GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012). Pesquisas indicam que as mulheres são as que se sentem mais vulneráveis e, por isso, têm medo de serem vitimizadas e têm mais medo do crime, por entenderem que podem ser mais atrativas para os criminosos. Ainda segundo a revisão conceitual de Guedes, Cardoso e Agra (2012), mulheres que reportam mais medo do crime, têm mais tendência a considerar que o crime aumentou em seu local de residência e adotam mais comportamentos de autoproteção.

Apontamentos importantes relacionados ao medo de crime de pessoas do sexo feminino, que também se aplicam aos idosos, está no estudo de Warr (1984) citado por Caminhas (2010). Segundo a pesquisa verifica-se que mulheres e pessoas da terceira idade “tendem a se sentir mais vulneráveis por levarem em consideração consequências de crimes mais graves, sobretudo sexuais, como o estupro. Além disso, têm uma maior predisposição para generalizá-los como os mais comuns” (WARR, 1984 *apud* CAMINHAS, 2010 p.24).

Como a unidade de análise desta pesquisa foi em Belo Horizonte, destaca-se, ainda, a pesquisa de Silva e Beato Filho (2013) que aponta que na capital de Minas Gerais, para uma amostra de 4 mil pessoas, avaliando o ano de 2006, ocorre uma relação positiva entre as mulheres e os mais velhos com o medo do crime.

A dissertação de Souza (2018) também traz citações da literatura internacional sobre o assunto, que contribuem para a discussão, principalmente, do maior sentimento de insegurança atribuído às mulheres.

Mulheres têm mais medo porque são mais propensas a terem situações que ameaçam a sua segurança, principalmente no caso de alguns crimes que são tipicamente e exclusivos das mulheres, como os crimes domésticos e crimes sexuais (Ferraro, 1995; Stanko, 1995 cit. Hale, 1996, p. 98; Reid e Konrad, 2004) e, por fim, pela ideia de que, para as mulheres, qualquer vitimação poderia resultar em estupro ou agressão sexual. Assim, o medo de estupro, por exemplo, resulta em níveis mais elevados de medo em relação a todos os crimes. Esta última explicação foi explorada por alguns estudiosos (Warr, 1984, Hilinski, 2009, Ferraro, 1995, Fisher e Sloan, 2003). Ferraro (1995) foi o primeiro a formar a tese “*Shadow of Sexual Assault*”, cujo entendimento é de que o medo das mulheres de estupro e agressão sexual aumenta o medo de crimes não sexuais, pois entendem que qualquer tipo de vitimação (por exemplo, roubo ou assalto) pode se transformar em um estupro ou agressão (SOUZA, 2018, p.11).

A discussão em torno do sentimento de medo de mulheres e idosos remonta, ainda, ao chamado “paradoxo do medo do crime”, tão explorado na revisão conceitual de Guedes, Cardoso e Agra (2012) sobre o assunto: apesar de serem os grupos menos vitimizados, também são o que mais se sentem inseguros. Uma das explicações estaria, por exemplo, como apontado por Hale (1996) e Smith e Torstensson (1997), no fato de estes grupos, terem mais comportamentos de autoproteção, a partir de uma maior percepção de risco. Evitando, por exemplo, segundo os autores, andarem a noite sozinhos, caminharem por ruas que não sejam centrais e usarem mais transporte público, para citar alguns exemplos.

A fim de reforçar essas afirmações, também podem ser citados: a) o estudo de Fernandes (2006) que tem como *locus* Belo Horizonte, capital de Minas Gerais o qual indica que uma das fortes razões para que mulheres e idosos tenham menos vitimização é o estilo de vida desses grupos e b) as últimas estatísticas nacionais disponíveis e compiladas no Atlas da Violência 2020, estudo produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública cujos dados indicam que o padrão sociodemográfico predominante de vítimas de mortes violentas no Brasil pertence a homens (92%), negros (75%) e jovens (53%). O Atlas, divulgado em agosto de 2020, apontou, inclusive, que o risco de ser

vítima de homicídio no Brasil, por exemplo, é 74% maior para homens negros que para os demais.

Na avaliação do sentimento de medo atrelado às variáveis socioeconômicas, étnicas, de classes sociais e níveis de escolaridade, cabe ressaltar, não há tamanha unanimidade na literatura, como acontece com as razões gênero e idade. Apesar de autores, como o já citado Caminhas (2010) avaliarem que as vulnerabilidades relacionadas ao local de moradia ou trabalho, chamadas por ele de posição no mosaico urbano, serem fatores de vulnerabilidade para o medo do crime, há variações dessa análise, principalmente, quando destrinchadas a medo de tipos criminais em específico. Aqui, cabe uma ressalva, também, ao fato de, principalmente no contexto brasileiro, variáveis como renda e etnia/raça se sobreporem em coincidências: negros são 75% entre os mais pobres, segundo o relatório Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, divulgado em novembro de 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Seguindo a análise, destaca-se que, para Hale (1996), há maior nível de medo entre pessoas mais carentes e de menor renda, pela justificativa de que essas pessoas vivem em áreas urbanas mais pobres, com maior indicação de incivilidades e maior risco de vitimização. Ainda segundo a autora, rechaçada por Machado e Agra (2002), sujeitos mais carentes, com menor nível educacional e que possam estar mais expostos ao crime violento têm uma maior vulnerabilidade ao se proteger. Ou seja, possuem, também, mais dificuldades em desenvolver estratégias securitárias em torno de sua habitação, meio de transporte, local de trabalho, dentre outros, aumentando assim, seu contato com contextos mais perigosos.

Na outra ponta, estão as classes sociais mais favorecidas, que conseguem interferir em seu sentimento de insegurança, recorrendo a lugares conceituados pelo estudo de Caldeira (2000) como “enclaves fortificados”. Tais enclaves se constituiriam em propriedades privadas, destinadas a uso coletivo, que rejeitam a vida pública, deixada então para as classes mais pobres, e se constituem como espaços de convivência entre pessoas homogêneas, como os shoppings e condomínios fechados, por exemplo.

De acordo com a pesquisa de Cardoso, Seibel, Monteiro e Ribeiro (2013), que avalia condicionantes do sentimento de medo dos brasileiros, utilizando como material empírico a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2009, cada mudança na faixa de renda dos brasileiros eleva em 14,4% a chance de se fazer parte do grupo dos seguros. “A PNAD utilizada neste trabalho revela que, do percentual de pessoas que possuem segurança privada,

18,1% encontram-se no grupo de rendimento mensal per capita com dois ou mais salários mínimos” (CARDOSO; SEIBEL; MONTEIRO; RIBEIRO, 2013, p.154).

O mesmo trabalho, em detalhamento, aponta, entretanto, diferenças nestas análises na avaliação de contextos diferentes como casa, bairro ou cidade. Neste caso, já cruzando variáveis diversas entre os fatores sociodemográficos.

Na dimensão domiciliar, os fatores gênero, raça, renda e ensino fundamental apresentaram os maiores índices de sentimento de segurança. Portanto, nos domicílios, sentem-se mais seguros os homens, os brancos, os de maior renda e os com nível e escolaridade até o ensino fundamental, em relação às mulheres, aos negros, aos pobres e aos indivíduos com grau de alfabetização abaixo do nível fundamental. No nível do bairro, os fatores com maior coeficiente se repetem; no entanto, a questão renda apresenta aqui um efeito inverso ao contexto do domicílio: a situação econômica favorável deixa de ser algo positivo no espaço público do bairro. No nível do município, novamente se repetem gênero, raça, renda e ensino fundamental. No município, os brancos e os indivíduos com ensino fundamental se sentem mais seguros do que no domicílio ou bairro. Ser negro e ter baixa escolaridade diminui a sensação de segurança à medida que essas pessoas circulam em espaços públicos (CARDOSO; SEIBEL; MONTEIRO; RIBEIRO, 2013, p.158).

Já Rodrigues e Oliveira (2012), em trabalho que analisa a sensação de insegurança e o risco percebido na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, não encontraram efeitos significativos sobre a dimensão cognitiva do medo e sistema socioeconômico dos indivíduos, ainda que afirmem que as pessoas de nível socioeconômico maior possam se constituir em conceituar como grupo mais suscetível a delitos contra a propriedade.

Os resultados relativos à declaração de cor/raça e a situação socioeconômica do entrevistado parecem estar intrinsecamente associados, pois informam um decréscimo do medo do crime com o avanço dos problemas socioeconômicos caminhando em sentido oposto às teorias tradicionais de desordem e percepção de risco, uma vez que consideram áreas de mais elevado nível socioeconômico e renda média como aquelas em que seria maior o controle social informal e assim, o menor crime e o medo (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2012, p.179).

Carneiro (1999) citado por Cardoso, Seibel, Monteiro e Ribeiro (2013), utilizou-se dos dados de vitimização para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e concluiu que, na avaliação da raça e etnia, que coincide muitas vezes com a condição socioeconômica, as diferenças precisam ser avaliadas sob o ponto de vista de diferentes tipos criminais. Enquanto negros são os que mais sofrem agressões os brancos são mais frequentemente vítimas de roubo e furto, o que traria impactos para o sentimento de insegurança.

2.3.2 Contextos físicos, desordens e incivildades

As incivildades se materializam no espaço público sobre a forma de adolescentes não supervisionados, pedintes, mendigos, pessoas consumindo drogas, prostituição, casas, lotes e prédios abandonados, áreas feitas de mictórios e lixo nas vias públicas (KELLING; COLLES, 2003). Ainda segundo os autores, esses fatos têm uma característica essencial: normalmente, não são julgados graves e condenáveis, porém, promovem sentimentos de medo porque eles criam sinais percebidos como associados com a atividade criminal mais elevada.

Como complemento à definição, Taylor (1999), classifica as incivildades como “condições físicas ou sociais num bairro vistas como problemáticas e potencialmente ameaçadoras pelos seus residentes e utilizadores desse espaço público” (TAYLOR, 1999, p.65). As incivildades, como condicionantes do medo do crime, são classificadas em dois tipos: as sociais, que se referem às pessoas com comportamento desviante, como a identificação da presença de gangues, jovens fazendo arruaças, prostituição ou usuários de drogas em determinadas localidades; e as físicas, como casas abandonadas, lotes vagos, ruas sem iluminação, lixos e entulhos, entre outros fatores (BRITES, 2010).

Segundo Caminhas (2010) os níveis aumentados de medo são uma resposta normal nas áreas com altos índices de incivildades percebidas, porque se supõe que o crime e a criminalidade sejam mais predominantes nessas áreas. Segundo o autor, acredita-se que as incivildades podem ser um melhor preditor do medo do que o próprio crime, “porque as desordens são mais visíveis e mais abundantes em determinadas vizinhanças e são facilmente associadas à presença de altos níveis de atividade criminal” (BOX; HALE; ANDREWS, 1988; LAGRANGE *et al.*, 1992; WIAN, 2008; TAYLOR; HALE, 1986 *apud* CAMINHAS, 2010, p.35)

Remontando à construção teórica sobre a influência do ambiente e das variáveis contextuais, como as incivildades, na sensação de segurança dos cidadãos e na própria criminalidade, cabe a citação de estudos como os de Shaw e McKay (1942) contidos na revisão conceitual e metodológica do medo do crime de Cardoso, Agra e Guedes (2012) e na dissertação de Caminhas (2010). Segundo os autores, foi a Escola de Chicago, uma corrente de análise sociológica criada no início do século XX, uma das primeiras a discutir a relação da influência do espaço no medo do crime, partindo do pressuposto que a criminalidade, assim como a percepção e o medo do crime, precisa ter como base de compreensão a ecologia humana e os fatores ambientais. Nota-se que a Escola foi criada como uma espécie de linha investigatória

contra o crescimento desenfreado de Chicago e seus consequentes problemas com a violência e teve como um de seus focos a análise da perspectiva de que padrões diferentes do comportamento humano, no qual podemos enquadrar o crime e o medo do mesmo, eram moldados pela organização do espaço social em que as condutas ocorriam.

Shaw e McKay, portanto, em 1942, buscaram analisar a criminalidade entre jovens delinquentes da cidade de Chicago e, dessa forma, mapear o crime em áreas distintas da cidade. Os autores descobriram que muitas das áreas caracterizadas por altas taxas de delinquência, ou pela concentração de indivíduos delinquentes, estavam em áreas de comércio ou indústrias, ou adjacentes a elas, e que tinham como características a desorganização social ou o fato de serem reconhecidas por problemas estruturais. Dessa forma os autores concluíram que a combinação de três elementos marcantes nesses espaços, pobreza, mobilidade social e heterogeneidade étnica, “contribuíram para o enfraquecimento da organização comunitária, aumentando, conseqüentemente, os índices de crimes e o medo.” (CAMINHAS, 2010, p.32).

A representação da linha ecológica das ciências sociais com a Escola de Chicago deu origem à criminologia ambiental moderna, focada no contexto, na qual afirmações como a de autores como Brantingham e Brantingham (1981) são predominantes: “o medo do crime depende de oportunidades percebidas e de risco num tempo e espaço particular” (BRANTINGHAM; BRANTINGHAM *apud* GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012, p.220). Ainda segundo Goffman (1971), também citado por Guedes, Cardoso, Agra (2012), o ser humano procura sinais e alarmes de perigo em seu ambiente e essa capacidade de interpretar e responder a pistas do perigo são apreendidas por meio de experiências anteriores em um ambiente.

Keling e Wilson (1982) são os criadores de uma teoria clássica que se relaciona ao debate da desordem, causando declínio na coesão social formal e informal. A *Broken Windows*, ou Teoria das Janelas Quebradas descrevem um processo pelo qual as incivilidades físicas e sociais levam a níveis mais elevados de crimes em uma comunidade. Aqui, faremos um breve resumo da teoria, a partir de um breve resumo da descrição apresentada por Sumariva (2018).

A *Broken Windows* aponta que se uma janela de um edifício for quebrada e não reparada, a tendência é que as pessoas passem a arremessar pedras em outras janelas. Posteriormente, podem até ocupar o edifício ou destruí-lo. O que indicaria que desordem gera desordem e que um comportamento antissocial pode dar origem a delitos. Dessa forma, pode se intuir que qualquer ato desordeiro, por mais que pareça insignificante, deve ser reprimido. Essa teoria

inspirou algumas políticas de segurança igualmente conhecidas, como a de “Tolerância Zero” adotada pela polícia de Nova York, por volta da década de 90 do século passado (SUMARIVA, 2018).

A revisão conceitual de Guedes, Cardoso e Agra (2012) traz ainda outras análises, realizadas por autores diversos da literatura internacional, partindo de constatações resultantes da Teoria das Janelas Quebradas:

Consequentemente, e fazendo tal julgamento, os residentes irão se tornar cada vez mais relutantes a usar os espaços públicos, ou a intervir em situações de desordem, ficando cada vez mais preocupados com a sua segurança. Por outro lado, para os delinquentes locais, as incivildades físicas irão simbolizar oportunidade para delinquir (CLOARD; OHLIN, 1960; TAYLOR; CONVICTON, 1993 cit. TAYLOR, 1999 *apud* GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012, p.226-227).

Cabe aqui ressaltar que algumas pesquisas brasileiras apontam menor correlação entre medo do crime e incivildades, apesar de identificarem analogia de causa e consequência existente. As análises, como as de Villareal e Silva (2006) e Rodrigues (2006), são mais diversificadas nesta similitude e possuem resultados que dependem muito do tipo de desordem social ou incivildade que está sendo mensurada. Os estudos indicam que, infelizmente, em comunidades mais vulneráveis, incivildades e desordens sociais, como lixo nas ruas e lotes abandonados, são fatores relativamente amplos e comuns.

Ainda no contexto das variáveis contextuais, cabe ressaltar que há variados estudos, como os de Welsh e Farrington (2002) e Warr (1990), Soares (2007) e Cardoso e Rennó (2019) que tratam da relação do medo do crime, especificamente, com a falta de iluminação - o que inclui a questão da luminosidade pública, e, também, a solar - com maior sensação de insegurança noturna. Há, também, indicativos da analogia entre falta de perspectiva, profundidade no campo de visão ou dificuldade em rota de fuga, quando analisados em locais de circulação de cidadãos e consequentes medos do crime.

Souza (2018) aponta estudiosos da área que defendem a hipótese de que uma boa iluminação poderia diminuir o sentimento de insegurança. Segundo a autora, as pessoas sentem-se mais seguras em uma rua bem iluminada do que em uma rua escura, pois esse fator aumenta a vigilância natural e social da comunidade: no escuro, as pessoas sentem que são um atrativo mais fácil para criminosos, e, com o agravante do estar sozinhas, pensam que não têm a quem

pedir socorro em caso de necessidade (COHEN; FELSON, 1979; WARR, 1990 *apud* SOUZA, 2018).

Welsh e Farrington (2002) também tratam, em seus estudos, das formas pelas quais a iluminação pode influenciar na segurança pública. Para os autores, uma boa iluminação condiciona melhor a visibilidade do entorno e a ocupação do espaço, aumentando as possibilidades de vigilância sobre potenciais infratores. Eles também revelam que a iluminação está relacionada ao bem-estar. Isto é, vias bem iluminadas sugerem que determinada área não está negligenciada, incentivando o uso e controle social desses ambientes e reduzindo, assim, a insegurança dos pedestres (WELSH; FARRINGTON, 2002).

Cabe, ainda, citar os estudos de Cardoso e Rennó (2019), que avaliam a contribuição da iluminação pública na perspectiva de segurança de mulheres em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Para as autoras, as penumbras, resultantes da integração deficiente entre luminárias públicas e vegetação ou estrutura do ponto, são um fator negativo nos locais investigados. As sombras marcantes e o forte contraste entre zonas claras e escuras geram desconforto e dificuldade de adaptação visual, aumentando a sensação de insegurança. Sensação esta que é minimizada quando a iluminação na região é satisfatória, mesmo considerando a presença de penumbras na área interna do ponto de ônibus.

As imagens associadas com a insegurança desde a antiguidade – de segurança com a luz e de medo e insegurança com a noite – se aplicam ao Rio de Janeiro de hoje. Os cariocas se sentem muito mais seguros durante o dia. Se sentir muito seguro à noite praticamente garante se sentir muito seguro durante o dia: 97% dos que se sentem seguros à noite se sentem seguros durante o dia. A recíproca, porém, não é verdadeira: apenas 55% dos que se sentem muito seguros durante o dia se sentem muito seguros durante a noite. A insegurança durante o dia, ao contrário, garante a insegurança durante a noite. Apenas 1% dos que não se sentem muito seguros durante o dia o fazem durante a noite. A insegurança em relação aos bairros desconhecidos é de tal ordem que a hora escolhida para andar neles – dia ou noite – faz pouca diferença. A influência da dimensão dia ou noite é significativa no próprio bairro (SOARES, 2007. p.114).

Há ainda que se citar os importantes estudos de Nasar e Fisher (1992;1995), citados por Guedes, Cardoso e Agra (2012) que tratam da falta de perspectiva de um cidadão ao andar na rua, um tema também relacionado à iluminação pública. A pesquisa dos autores revela que a sensação de segurança do indivíduo é influenciada pelo grau de perspectiva (boa visibilidade do entorno e poucas barreiras físicas), refúgio (proteção) e oportunidade de escape (facilidade de encontro com outros indivíduos em situações de potencial ameaça) que um espaço oferece.

Elementos citados até aqui, de variáveis contextuais que podem alterar a percepção do medo do crime, são citados por Brandão (2017) em análise de fatores que diminuem a sensação de segurança dos moradores de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

A iluminação deficiente da Praça da Liberdade; as extensas fachadas cegas dos edifícios residenciais do bairro Lourdes; o desalinhamento das fachadas da região central; e a obstrução da visão em profundidade (por bancas de jornal nas calçadas) ou pela vegetação (na Praça Raul Soares) são alguns exemplos de problemas passíveis da atuação estatal, via regulação ou ação, que poderiam contribuir para o aumento da sensação de segurança” (BRANDÃO, 2017, p.25).

2.3.3 Contextos Sociais

Outras variáveis que têm sido vinculadas ao crime e ao medo do crime são os processos sociais, tais como a vinculação com o bairro, coesão social, a formatação das chamadas figuras do medo, assim como o desenvolvimento da ideia do desconhecido versus familiar. De acordo com Guedes, Cardoso e Agra (2012) só nos anos mais recentes é que as investigações começaram a reconhecer a necessidade de se pesquisar as interações entre os efeitos contextuais da estrutura da comunidade e as influências do bairro, por exemplo, no comportamento individual do crime e do medo do crime (SAMPSON, 1988 cit. DUNCAN, *et al.*, 2003 *apud* GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012).

A integração social tem sido definida pela literatura como o sentido de presença dos indivíduos face ao bairro e ligação à comunidade (Franklin *et al.*, 2008). O conceito de integração social tem sido operacionalizado de diversas formas, tais como a capacidade de identificar estranhos na área e o grau de pertença dos residentes ao seu bairro (Hunter e Baumer, 1982). Outras medidas de integração social têm incluído a participação nas organizações formais, o envolvimento em atividades de bairro, a partilha de informação, a percepção de similaridades entre residentes e a presença de amigos ou familiares vivendo no mesmo bairro (Franklin *et al.*, 2008). Um estudo de Adams e Serpe (2000) que pretendia examinar a relação entre características da comunidade local, medo do crime e bem-estar subjetivo, constatou que a integração social na comunidade reduziu significativamente os sentimentos de vulnerabilidade e o medo do crime (GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012, p.228).

Para tratar dos efeitos da relação do bairro e da coesão social entre vizinhos no medo do crime, será utilizada a descrição do estudo de Sampson, Raudenbush e Earls (1997), considerado um dos mais importantes da área, e relatado por Souza (2018). Em Chicago, o autor recorreu à utilização do nome “eficácia coletiva” para conceituar a confiança mútua entre residentes de uma comunidade e a disponibilidade destes para resolver um problema no bairro.

De acordo com Souza (2018), a hipótese aplicada era a de que os residentes que conhecem e confiam uns nos outros acabavam por criar uma estável rede informal de relacionamentos entre si, que poderia contribuir na baixa taxa de atos ilícitos na comunidade. O baixo índice de delitos foi constatado entre aquelas vizinhanças com nível de controle social informal alto e, portanto, concluído que a boa relação entre os vizinhos é fator primordial na formação do sentimento de segurança de um bairro.

Na avaliação de Silva e Beato Filho (2013) “existem fortes evidências da importância do efeito contextual das vizinhanças sobre o medo do crime, assim como já ficou demonstrado seu efeito sobre o crime propriamente” (SHAW; MCKAY, 1942; BUSIK; GRASMICK, 1993; SAMPSON; RAUDENBUSH; EARLS, 1997 *apud* SILVA E BEATO FILHO, 2013, p.158). De forma inversa, e utilizando as mesmas variáveis, para os autores, antes do que uma consequência trivial do crime, o medo também “assume papel relevante na medida em que reduz a interação social e a confiança mútua entre os residentes, causando diminuição da qualidade de vida da comunidade, ou vizinhança” (GAROFALO; LAUB, 1978 *apud* SILVA; BEATO FILHO, 2013, p.158).

Em busca da comprovação das evidências da importância da vizinhança sobre o medo do crime, os próprios Silva e Beato Filho (2013) realizaram uma pesquisa sobre o tema, controlando características individuais da população em estudo, como sexo e idade. Eles concluíram que a coesão social retira o efeito da taxa de criminalidade sobre o medo do crime, muito embora, do ponto de vista individual, pessoas vitimadas tendem a mudar hábitos e comportamentos por causa do medo.

Enquanto alguns estudos sugerem que laços sociais podem potencializar o medo do crime do ponto de vista individual devido ao que se denomina “vitimização vicária” (VILLARREAL e SILVA, 2006), o resultado mais importante deste trabalho mostra como uma comunidade (vizinhança) mais coesa, com maior contato entre os seus residentes, pode gerar um sentimento de maior segurança, a despeito da ocorrência real de crimes na localidade. Assim, os resultados sugerem que, ao mesmo tempo que a redução dos índices de violência deve ser prioridade na agenda dos governantes e *policymakers*, estes devem estar atentos e sensíveis à importância dos contextos locais, sobretudo no que diz respeito aos mecanismos que fortalecem os laços sociais por meio da utilização e apropriação pública dos espaços urbanos (SILVA; BEATO FILHO, 2013, p.166).

Rodrigues (2006) também buscou examinar os efeitos de diversos fatores, entre eles a coesão social da vizinhança, sobre a percepção de risco e sobre o risco real de um roubo acontecer em Belo Horizonte. Na sua conclusão, apontou que indivíduos com maior tempo de residência na vizinhança apresentaram menor percepção de risco de ser vitimado de roubo na região onde mora. Segundo o estudo, utilizando-se de conceitos de Sampson, Raudenbush e Earls (1997), o tempo de residência é considerado um importante indicador de coesão social à medida que também pode significar maior contato e interação entre residentes de uma vizinhança. Destaca-se, de forma complementar, ainda, que, segundo a conclusão de Rodrigues (2006), a estabilidade residencial também se mostrou redutora das chances de uma pessoa ser vítima de roubo no município de Belo Horizonte.

Além da coesão social entre a vizinhança, a vinculação ao bairro é outra variável atrelada à processos sociais que também está ligada ao conceito de comunidade. Soares (2007), em uma pesquisa sobre o sentimento de insegurança no Rio de Janeiro e seus preditores, tratou da relação entre a ideia do desconhecido e o familiar, e concluiu que apenas 3% dos que responderam à sua pesquisa se sentem muito seguros ao andar por bairros inexplorados à noite. Durante o dia, nos mesmos bairros, esse percentual dobra e sobe para 6%. Na outra ponta, do lado mais elevado do sentimento de segurança, está a combinação da familiaridade, por exemplo, com o bairro em que determinada pessoa mora e o dia, quando 46% se sentem seguros, mesmo que, por exemplo, estejam andando a pé. Destaca-se que a pesquisa de Soares (2007) faz uma correlação entre a variável bairro conhecido e desconhecido com o dia e noite para avaliação dessa condicionante como preditora do medo do medo.

Goffman (1971) citado por Guedes, Cardoso e Agra (2012) indica, ainda, uma relação entre a ideia de controle sobre o ambiente e o sentimento de segurança. De tal forma que o contrário, ou seja, o desconhecimento do ambiente, também possa significar uma indeterminação de perigoso e ameaças possíveis.

Por último, destaca-se a formação das chamadas figuras do medo pela interação social que também contribuem, de acordo com a literatura, para o recrudescimento do medo do crime. Essas figuras podem ser conceituadas como aquelas pessoas com estigmas físicos, vestimentas ou de comportamentos que, de acordo com percepções e classificações de outros, seriam preditores do medo do crime (LEAL, 2010).

Há estudos, como os de Machado (2004), Birolli (2011) e Guedes (2016) que apontam que esse significado é construído por meio de influências de fatores externos, como os meios

de comunicação de massa, por exemplo, bem como experiências passadas, que contribuem para a formação de estereótipos.

Pode-se citar ainda a pesquisa de Matias e Fernandes (2009) que buscou analisar a figura dos arrumadores de carros (no Brasil, mais conhecidos como flanelinhas) e dos tóxicos-dependentes como figuras do medo do crime em na cidade do Porto, em Portugal. Em sua conclusão positiva, que liga esses dois grupos a figuras que despertam medo do crime, os autores apontam, ainda, que as pessoas têm dificuldades em separar as figuras do medo de estereótipos das figuras dos produtores de crime. O que reforça da ideia de que “a compreensão do fenômeno da insegurança parece basear-se mais em fatores psicológicos e sociais que levam à cristalização dos medos nos diversos grupos sociais (MATIAS; FERNANDES, 2009, p.20).

A construção da imagem do criminoso baseada em estereótipos alimenta uma visão generalista da figura do medo, eliminando ambiguidades e diferenças entre esses indivíduos e levando conseqüentemente a processos de exclusão social. As narrativas do crime, produzindo esses estereótipos, fazem emergir barreiras que se traduzem não só nos discursos, mas nas formas físicas, quando novas maneiras de segregação social são adotadas (MATIAS; FERNANDES, 2009, p.12).

2.3.4 Vitimização direta e indireta

Ser vítima de um crime, ou conhecer alguém próximo que passou por essa experiência, representa o conceito de vitimização direta e indireta, respectivamente. A vitimização direta pode ainda ser chamada de vitimização anterior, assim como a indireta é conhecida como vitimização vicária (ADORNO, 1996; CALDEIRA, 2000; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2007; HALE, 1996; WARR, 2000; SANI; NUNES, 2013; GUEDES; CARDOSO; AGRA, 2012; FRIAS, 2004). As duas experiências são consideradas preditoras do medo do crime e, apesar de se ter, inicialmente, a intuição de que quem foi vítima de um delito pode possuir mais sensação de insegurança, pesquisas sobre o assunto indicam que a questão é bem controversa ou, nas palavras de Robert (2007), que a relação entre vitimização e medo é questão complexa.

Isso porque, como demonstra Sani (2002) nem todos os indivíduos são afetados da mesma forma pela vitimização anterior ou vicária e que, esta relação, pode estar relacionada às características da vítima. Dantas, Persjijn e Silva Junior (2006) também ponderam que além de fatores como idade, gênero etc., os efeitos de um determinado episódio traumático variam em

função da gravidade e do tipo de crime. Há ainda que se destacar, conforme conclusão dos estudos de Graça Frias (2004), que indivíduos com experiências de vitimização anterior tendem a adotar mais comportamentos de segurança, passam a ser mais cautelosos com algumas situações e que, portanto, passam a experienciar o medo do crime de uma forma diferenciada.

Na realidade brasileira, a argumentação de Adorno (1996), por exemplo, sustenta que, no país, pós década de 80, houve um grande aumento da violência, aumento da vitimização direta, assim como na América Latina, e que essa estatística foi acompanhada pelo aumento da sensação de insegurança. Tal opinião é compartilhada por Caldeira (2000). De acordo com a autora, a modificação das paisagens urbanas, com seus muros altos, excesso de prédios fortificados, grades nas casas e as mudanças no comportamento dos cidadãos, como a evitação da circulação à noite, exclusão de certos locais de uma possível rota, entre outros comportamentos de autoproteção, acontece em função do medo do crime, que reflete o aumento nas taxas reais de criminalidade vivenciadas pela cidade de São Paulo, a partir da década de 80.

Os resultados dos estudos de Sani e Nunes (2013) levam a crer que a experiência de vitimização afeta de forma negativa os indivíduos, pois tende-se a se ter níveis mais elevados de medo do crime pós experiência. “Essas manifestações demonstram-se através de reações fisiológicas, bem como do desenvolvimento de um sentimento de insegurança e vulnerabilidade, e uma maior sensibilidade diferencial ao risco” (SANI; NUNES, 2013, p.143)

Já Peixoto (2012) aponta para o fato de que o medo de uma possível vitimização não é uma consequência direta de experiências anteriores, pois grande parte dos sujeitos que tem este medo, sequer, foram vítimas. Borges (2013) testou a hipótese de relação linear entre vitimização anterior e medo do crime, mas encontrou ressalvas em suas respostas. Segundo ele, os resultados dos *surveys* aplicados demonstraram que as pessoas que experimentaram a vitimização no ano anterior à pesquisa apresentaram maiores percentuais de insegurança, durante o dia e durante à noite, no bairro de moradia e também na cidade. Entretanto, o percentual de pessoas que se sentem inseguras é diferente segundo o tipo de crime que foram vítimas nos últimos 12 meses. As pessoas que sofreram um roubo, por exemplo, se sentem mais inseguras que aquelas vitimizadas por um furto (BORGES, 2013).

Citando pesquisas internacionais sobre vitimização direta e medo do crime, neste caso, apontadas pela dissertação de Souza (2018), destacamos outras conclusões sobre o mesmo tema e que também não são unânimes. Skogan e Maxfield (1981), por exemplo, averiguaram que o medo é produto da experiência de vitimização. Seis anos mais tarde, Skogan (1987) voltou a se

debruçar sobre o tema e concluiu que, sozinha, a vitimização anterior não possui relação linear com o medo. Isso porque, para o autor, para algumas pessoas que foram vítimas de um crime, houve potencialização da sensação de insegurança ao mesmo tempo que, para outros, essa experiência foi reduzida, principalmente entre aqueles que ampliaram as suas precauções. Já Biderman, *et. al.* (1967) destaca que há uma relação entre a vitimização e o medo do crime, todavia, esta depende do tipo de experiência vivida pelo sujeito, ou seja, é o tipo de delito e a sua gravidade que irá determinar o elevado nível de medo do crime sentido. Os sujeitos do estudo de Biderman, *et.al* (1967), que foram vítimas de crime contra a pessoa, por exemplo, não retrataram oscilação no nível de sentimento de medo do crime (SOUZA, 2018).

A vitimização indireta ou vicária, ou seja, aquela que acontece com outra pessoa conhecida, da comunidade, e que chega por meio de uma informação até o cidadão, também é avaliada como uma condicionante do medo do crime, apesar de menos presente em pesquisas da área. Caminhas (2010), por exemplo, aponta para uma relação entre as duas variáveis, citando pesquisas como as de Box, Hale e Andrews (1988), Covington (1991) e Villareal e Silva (2006). Para ele, partindo das pesquisas citadas, é possível inferir que o simples fato de se conhecer alguém que já foi vítima ou de se passar por um local conhecido pela grande quantidade de crimes ocorridos, acarreta no aumento do medo do crime. O autor destaca ainda que, diferente da vitimização direta, a exposição indireta ao crime através de relatos interpessoais é frequente e relativamente generalizada.

Já Hale (1996) destaca ainda que além de alterar o nível de insegurança das pessoas, em razão do excesso de informações sobre criminalidade circulantes em um bairro, a vitimização vicária pode provocar o enfraquecimento de laços sociais. Sobre esse assunto, a autora avalia.

Conhecer alguém, especialmente alguém local, que foi vítima, ou ficar sabendo sobre vitimizações na vizinhança, seja por meio de fofoca ou das notícias da mídia local, parecem ter um impacto imediato muito maior do que ser vítima ou ouvir sobre crime em uma localização distante (HALE, 1996, p. 34).

Entre os destaques dessa citação de Hale (1996), está a indicação da imprensa como amplificadora do medo do crime por meio da vitimização vicária. A relação dos meios de comunicação de massa, mais especificamente, da imprensa, com o medo do crime, inclusive, é objeto de estudo desta pesquisa e, portanto, será discutida enquanto condicionante preditora do sentimento de insegurança, mais profundamente, no próximo capítulo desta dissertação. Na

literatura sobre o tema, os meios de comunicação são um dos fatores que explicam a construção do medo do crime enquanto formador de representações sociais, construção de realidades e determinante da opinião pública.

3 O DISCURSO DA IMPRENSA E SUA RELAÇÃO COM O MEDO DO CRIME

3.1 CONSTRUÇÃO DE REALIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A designação de era midiática para conceituar os tempos atuais, assim como a classificação da imprensa como quarto poder, são figuras de linguagem de uso frequente que refletem o papel de destaque que os meios de comunicação de massa adquiriram na atualidade e na apreensão e estruturação de mundo pelos cidadãos. Como destaca Penedo (2003), em todos os domínios da vida coletiva, a percepção da realidade circundante está longe de se confinar à experiência direta do sujeito. Para muito além da vivência de cidadania, é através dos media que o mundo é detalhado, por meio de fatos, acontecimentos, histórias, relatos, testemunhas e imagens.

Bertrand (1999) enfatiza que ninguém possui conhecimento direto do globo. Por isso, segundo sua análise, além da experiência pessoal, o que se sabe provém da escola, de conversas, mas, sobretudo, da mídia. “Para o homem comum, a maior parte das regiões, das pessoas, dos assuntos dos quais a mídia não fala, não existem” (BERTRAND, 1999, p.29).

Essa questão ganha ainda mais acuidade em tempos de globalização dos processos comunicacionais que as mídias eletrônicas vieram sacramentar em definitivo. Em segundos, fatos são conectados a pessoas das mais diferentes partes do mundo. Kellner (2001) aponta que, desde a década de 60 do século passado, os Estudos Culturais Britânicos vêm mostrando como a cultura da mídia produz identidades e formas de ver e agir que integram as pessoas na cultura dominante, ajudando a criar o que elas entendem como realidade. Agora, mais que nunca, potencializados pela tecnologia, os meios de comunicação se tornam os mais rápidos e importantes transmissores de texto e imagem, com informações difundidas, principalmente, por meio do noticiário do jornalismo: o recorte de mídia neste estudo.

Vale destacar que a recepção de informações por meio da imprensa é, na maioria das vezes, a principal (e as vezes, a única) fonte de acesso a determinados fatos. O jornalismo passa a ser, então, um importante instrumento de condução e de representação do cotidiano. Como destaca Marshall McLuhan, citado por Silvestone (2002), o noticiário filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária e para a produção e manutenção do senso comum.

A Teoria das Representações Sociais também reforça a ideia do papel da imprensa no imaginário cidadão discutido até aqui. Segundo essa teoria, uma corrente da Psicologia Social, as representações sociais servem como referencial para a busca de respostas e de interpretações para o mundo e abrangem fenômenos cognitivos, ou seja, envolvem atos de percepção, atenção, memória, etc. (MOSCOVICI, 2003). A teoria aponta para o agendamento de assuntos realizado pela imprensa como um dos fatores criadores dessas representações.

A Sociologia do Conhecimento, ao interrogar-se sobre o que é que as pessoas conhecem como realidade na vida quotidiana – vida não teórica ou pré-teórica – delimita o conhecimento social como um tecido de significados, sem o qual nenhuma sociedade poderia existir (Berger e Luckmann, 1999, p.27) Este conhecimento existe enquanto realidade objetiva que cada indivíduo apreende e assimila de forma subjetiva e que será determinante no modo como se conduz e interage na sua relação com o mundo. É, portanto, nesta relação de interface com o mundo que a realidade ganha sentido e se edifica, e é também neste plano social de intensa permuta de significações que encontramos todos os órgãos de comunicação social como mediadores simbólicos incontornáveis. (PENEDO, 2003, p.31-32).

A força da imprensa na produção de realidades e sob a opinião pública também é discutida por Porto (2009). Entre suas constatações, está o fato de que, nas democracias contemporâneas, os veículos de comunicação têm função pragmática na orientação de condutas dos atores sociais. No seu trabalho, ela demonstra, por exemplo, como ideias repetidas à exaustão nas notícias de jornais e telejornais, ganham status de verdade, transformando-se em afirmações não contestadas. Um dos exemplos citados pela autora, que estaria sempre presente nos discursos do jornalismo, seja pela cobertura enfadonha da violência ou pela forma de apresentação das estatísticas ou discurso do crime é o seguinte: a violência no Brasil é fenômeno que vem, nos últimos anos, crescendo sistematicamente e não dá mostras de retroceder. Segundo Porto (2009), por repetição, essa afirmação já é parte do imaginário popular. E, independente do seu caráter falso ou verdadeiro, molda condutas e comportamentos dos cidadãos, a partir das representações sociais criadas, que indicam como os indivíduos devem se situar no mundo (PORTO, 2009, p. 211-233).

A partir da inferência da imprensa como produtora, portanto, de representações sociais e construtora de realidades, pode-se afirmar que os veículos de comunicação ocupam papel de destaque na nossa forma de entender o mundo e de pensar. São decisivos para o que chamamos de Opinião Pública e, pela sua influência, têm poder. Mc Combs e Shaw (1972) comentando

sobre o peso dos meios de comunicação na formação da opinião nacional, afirmaram que, “na maior parte das vezes, a imprensa não tem êxito dizendo às pessoas o que hão de pensar; mas sempre tem êxito dizendo aos seus leitores aquilo sobre o que hão de pensar” (MCCOMBS E SHAW, 1972, p.177).

3.2 O AGENDAMENTO TEMÁTICO

A tendência do jornalismo e dos meios de comunicação de massa de definir temas de discussão pública, abre um extenso campo de debates que visa, em última instância, a compreensão do papel da comunicação social enquanto destacado interlocutor social, promotor de mudanças nas sociedades modernas.

Uma linha de investigação contribui para o recrudescimento da problemática dos efeitos da imprensa sobre os cidadãos e é conhecida, no campo de estudos da Comunicação Social, como Teoria do Agendamento, ou Agenda-Setting. Ela é pertencente à *Communication Research*, que é a linha de investigação em comunicação desenvolvida nos Estados Unidos. Desde o início do século XX, estudiosos norte-americanos empreenderam esforços a fim de identificar os efeitos dos meios de comunicação na sociedade. A Agenda-Setting, alocada na tradição do pensamento estadunidense de Comunicação, compõe parte desse esforço, que está focado em compreender a influência dos media na opinião pública e na construção da imagem que as pessoas têm da realidade (FORMIGA, 2006; WOLF, 2005; HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001; CASTRO (2014); NERY; TEMER, 2009).

A hipótese do Agenda-Setting tem como ponto de partida formal um artigo de McCombs e Shaw (1972), em que se sustenta uma relação de causalidade entre a agenda dos media e a percepção pública de temas relevantes do dia. Entretanto, autores como Castro (2014), que realizou uma revisão bibliográfica sobre o assunto, entendem que a ideia central do agendamento, já havia sido apontada por autores anos antes, como Lippmann (1922), Park, Ernest e Roderik (1925), Lazarsfeld et al. (1944), Cohen (1963) e Lang & Lang (1966). Formalmente, no entanto, foram McCombs e Shaw (1972) os pesquisadores que oficialmente sistematizaram, aprofundaram e nomearam o conceito de Agenda-Setting.

Para uma breve revisão histórica, ainda segundo Castro (2014), em 1922, 50 anos antes da obra que instaurou, de fato, a corrente teórica da Agenda-setting, o jornalista Walter Lippmann publicou seu livro *Public Opinion*, em que anunciava o papel de destaque da

imprensa no enquadramento da atenção dos leitores rumo a temas que considerava de interesse coletivo. Foi a primeira anúncio de uma função de agendamento da mídia. Por isso, academicamente, a obra de Lippmann é conceituada como a principal “origem doutrinária” da hipótese. As ideias contidas no livro foram fundamentais para a estruturação, meio século depois, do modelo teórico proposto por McCombs e Shaw (1972).

No final da década de 1960, recém-chegados à Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos, os então dois professores-assistentes, McCombs e Shaw, deram início a um estudo na cidade de Chapel Hill, no mesmo estado, para verificar a hipótese de que os meios de comunicação influenciavam a percepção dos eleitores no que diz respeito aos temas mais importantes para o país. Os professores fizeram um levantamento durante a campanha presidencial norte-americana e, então, para testar a hipótese do agendamento, compararam dois conjuntos de evidências: a descrição da agenda pública a partir das preocupações dos eleitores e a descrição de temas relevantes realizados pelos veículos de comunicação que aqueles leitores utilizavam. O questionário solicitava que esses eleitores citassem questões-chaves do dia-a-dia, de acordo com seus pontos de vista. (MENDONÇA; TEMER, 2015).

McCombs e Shaw encontraram cinco temas predominantes na cobertura midiática que tinham uma correspondência quase perfeita com os da agenda pública, isto é, com a lista de assuntos considerados mais importantes entre os listados pelos entrevistados. Por isso, a conclusão desse primeiro estudo foi de que “o grau de importância dado a estes cinco temas pelos eleitores aproximou-se muito do grau de proeminência nas notícias”. (MCCOMBS, 2004, p. 23). Desta forma, entendeu-se que a capacidade de os meios de comunicação de massa darem ênfase a determinados temas pode legitimar a inclusão desses temas em listas de prioridades dos cidadãos após a influência recebida pelo meio de comunicação.

[...] os temas enfatizados nas notícias acabam sendo considerados, ao longo do tempo, como importantes pelo público. Em outras palavras, a agenda da mídia estabelece a agenda pública. Ao contrário da lei das mínimas consequências, esta é uma declaração sobre um efeito causal forte da comunicação massiva no público, a transferência da saliência da agenda da mídia para a agenda pública (McCOMBS, 2009, p. 22).

Revisitando outros autores para uma definição mais completa da Teoria do Agendamento, pode-se afirmar que, segundo Shaw (1976), em consequência da ação dos jornais, da televisão e de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção

ou descarta, realça ou negligencia, elementos específicos dos cenários públicos (SHAW, 1976 apud WOLF, 2002). Isso porque as pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os meios de comunicação de massa incluem ou excluem de seu próprio conteúdo e, além disso, tendem a atribuir importâncias que refletem as ênfases dadas pelos meios de comunicação de massa aos problemas, acontecimentos e pessoas (CRUZ, 2008).

Há ainda de se ressaltar que a Teoria do Agendamento trabalha com a ideia da mídia como alteradora da estrutura cognitiva das pessoas. “É o modo de cada indivíduo conhecer o mundo que é modificado a partir da ação dos meios de comunicação de massa, ação que passa a ser compreendida como um agendamento” (ARAÚJO apud HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2003, p. 129).

Penedo (2003) complementa, ainda, que o reconhecimento do impacto cognitivo da comunicação social possui dois níveis. Isso porque, por um lado, os media identificam os temas, assuntos e problemas que merecem a atenção do público dando-lhes visibilidade e, por outro, hierarquizam o seu grau de relevância (PENEDO, 2003).

Já no que complementa Nery e Temer (2009), os meios de comunicação não pretendem, necessariamente, persuadir, mas acabam por oferecer para o público uma lista do que seria necessário ter uma opinião e discutir.

Dois são os níveis de análise, que realçam a diversidade entre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade social apreendida por meio dos meios de comunicação de massa e das experiências pessoais:

- a- a ordem do dia dos temas, assuntos de problemas presentes nos meios de comunicação de massa;
- b- hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia (NERY; TEMER, 2009, p. 73).

Por fim, cabe aqui destacar, uma vez mais, que os estudos do agendamento midiático se prestam ao entendimento de que a imprensa é capaz de promover mudanças na sociedade e tem o poder, junto com outras variáveis, de construir realidades sociais e desenhar a percepção de mundo dos cidadãos. Tem a capacidade de desenvolver a noção de problema social ou crise. Para alguns, isso não pode ser considerado dominação (MENDONÇA; TEMER, 2015). Para outros, embora a recepção não seja acrítica, passiva, nem igualitária entre os cidadãos, a imprensa exerce funções sociais que dizem respeito ao controle de poder e da sociedade

(SACCO, 1995) e, por isso, recebe designações como quarto poder, quarto estado ou *watchdog* (PINA, 2009).

3.3 INFLUÊNCIAS DO MERCADO E DOS PRISMAS OFICIAIS

Clarificados pontos da importância dos meios de comunicação de massa na apreensão da realidade circundante e no impacto a temas partilhados pela opinião pública, parte-se para uma análise crítica de influências que afetam a construção das narrativas dos media e, conseqüentemente, o entendimento de fenômenos, como a criminalidade. A ideia é demonstrar como o conhecimento produzido sobre determinados assuntos, pela principal moldura pública de conhecimentos que é a imprensa, sofre várias influências, que podem alterar percepções, entre elas, o medo do crime.

Parte da imprensa, que nasceu com uma função social clara, se perdeu ao longo do caminho e hoje está atrelada a leis de mercado, se aproximando, até mesmo, do entretenimento, principalmente no caso do noticiário de criminalidade. Ao mesmo tempo, o processo produtivo das notícias tende a reforçar prismas oficiais e a visão do senso comum, moldando o controlo e o normativo, e resumindo a narrativa da violência a bandidos e mocinhos e à necessidade de reposição da ordem.

3.3.1 Função social e mercado

Honneth (2015) afirmou, no livro “O Direito da Liberdade”, que o desenvolvimento histórico da vida pública democrática até a atualidade possui “déficits atuais refletidos em sua dependência de práticas comunicativas” (p. 210). Isso porque, citando Durkheim, o autor é enfático na afirmação de que todo processo intelectual, como uma vida democrática plena, só tem potencial de acontecer quando há clareza dos problemas sociais. E que essa clarividência só pode ser realidade à medida a sociedade consiga fazer pontes com o Governo. Algo plenamente possível para a imprensa, com seu poder e missão balizadora.

Em um remonte histórico, Honneth (2015) destaca que as primeiras publicações da imprensa foram financiadas pela nova classe burguesa do século 18, que tinham como objetivo questionar o exercício de poder político de príncipes e cortes e, portanto, permitiram bastante debate e participação política. A imprensa, porém, se perdeu desse propósito inicial de apoio para a construção da vida pública democrática, e se voltou, ao longo da história, para discussões

narradas pela lógica do particular. Com olhar crítico para produção midiática, o autor afirma que não é fácil separar o joio do trigo e tomar conhecimento, de maneira relativamente sábia, dos acontecimentos reais, a partir das publicações dos meios de comunicação de massa. Isso porque, há uma disseminação social de atividades privatistas, refletidas também no papel da imprensa, que tendem a privilegiar seu benefício próprio de poder de decisão (no caso dos veículos de comunicação, o lucro e a decisão editorial sobre publicações), ao invés de favorecer assuntos que afetem toda a sociedade.

Uma das discussões sobre essa “quebra de caminho” da imprensa, inicialmente com a tarefa de estimular a livre circulação de ideias, pode ser teorizada à luz da Indústria Cultural. Adorno e Horkheimer (1944), fundadores da Escola de Frankfurt, e citados por Gomes (2015), tratam do surgimento da Indústria Cultural, da qual a imprensa é um exemplo, como uma forma de reprodução cultural das relações de poder material. Para Adorno e Horkheimer (1944), essas indústrias culturais, através do entretenimento, veiculam os discursos das elites e acabam por exercer controle, ser mais influentes e mais poderosas sobre as populações que consomem os bens culturais, inibindo-as, por vezes, de se manifestarem sobre determinados aspectos.

Pesa ainda o facto de a finalidade das indústrias culturais consistir em gerar lucro, uma vez que estão “submetidas às lógicas da ideologia capitalista, o que faz com que as relações de poder subjacentes ao modelo capitalista e a consequente “mercadorização” cultural” estejam, assim, “na base da produção de informação pelos media” e façam com que apenas determinadas elites tenham relevo na decisão das produções culturais” (GOMES, 2015, p.82).

Nos últimos anos do século XIX, os meios de comunicação tornaram-se mais preocupados em atrair o público num mercado competitivo e o entretenimento e a publicidade acabaram por substituir os comentários políticos e sociais, tornando-se a força motriz da indústria principal. Os meios de comunicação caíram cada vez mais sob o controlo das grandes empresas e a esfera pública transformou-se de um fórum para o debate democrático em um espaço de manipulação por parte dos interesses corporativos (HABERMAS, 2010 apud GOMES, 2015, p.83).

Como reforça Bourdieu, citado por Ramonet (1999), na indústria cultural, a informação é antes de mais nada considerada uma mercadoria e essa característica prevalece, de longe, sobre a missão basilar dos media, criado para ser um sistema para esclarecimento e enriquecimento do debate democrático.

Essa mercadorização, no que diz respeito ao crime, ocorre, por exemplo, pelo fato de a cobertura midiática de casos criminais ser frequentemente formada para consumo e entretenimento e não necessariamente como contributo para a educação e formação cívica das audiências (MACHADO; SANTOS, 2008). A forma que a imprensa relata os crimes será descrita posteriormente, mas, vale apenas uma observação: sem contexto para o entendimento da criminalidade, com necessidade de vendas e ultrapassagem da concorrência e com a tendência de sobrerrepresentar os crimes mais graves, o noticiário de violência se aproxima de uma telenovela com bandidos e mocinhos.

Vários estudos sobre a presença do crime na imprensa de diferentes países coincidem na constatação de que os relatos de fatos criminais se esgotam normalmente na descrição da sua consumação e consequências imediatas e de que raras vezes esses fatos são analisados a partir de perspectivas críticas alargadas ou distanciadas (CARVALHO, 2007). Ou seja, pela lógica da indústria cultural, “a dramatização e a exploração de tragédias humanas são quase sempre um valor seguro de audiências” (MACHADO E SANTOS, 2010, p.77) e, portanto, tendem a serem as escolhas editoriais do noticiário de criminalidade. O resultado disso, pode ser, por exemplo, o sentimento subjetivo de medo do crime.

3.3.2 Valores dominantes e prismas oficiais

O debate sobre o papel e o impacto das notícias nas representações de mundo dos cidadãos se vale, ainda, de discussões que incluem os Estudos Culturais – linha de pesquisa surgida entre 1950 e 1960 do século passado, na Inglaterra, e liderada, na área da Comunicação, por Stuart Hall. Em uma definição modesta de Escosteguy (2001), os Estudos Culturais, desde a sua fundação, se debruçaram por várias áreas e se preocuparam em estudar as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade. Quando o recorte comunicação é colocado em foco, pode-se aferir que essa linha trabalho assenta-se na interação da mídia com a instância receptora e na preocupação com uma dominação dos discursos por “verdades” oficiais.

Nas palavras de Dalmonete (2002), para os Estudos Culturais, a preocupação é que não há uma única cultura, mas várias; e é preciso atenção para não excluir as camadas populares da função de detentoras de sistemas simbólicos. Dito de outra forma: a cultura não é vista pelo que apresenta, mas pelo que lhe falta, com base na chamada alta cultura, promovida pelos detentores de valores dominantes.

Trazendo ao contexto discutido, os Estudos Culturais trazem a dimensão ideológica das notícias para o centro do debate, uma vez que há uma tendência da imprensa de reproduzir definições da realidade de acordo com os valores dominantes e os prismas oficiais (PENEDO, 2003; SURETTE, 1998 apud Gomes 2015; RODRIGUES, 2017; RAMOS; PAIVA, 2007).

Uma pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), do Instituto Cândido Mendes, por exemplo, fez uma medição dessa afirmação, a partir de um recorte da cobertura da violência e criminalidade em todo o país. De acordo com a pesquisa, realizada entre 2004 e 2006, a cobertura da segurança pública no Brasil sofre de um alto grau de dependência das informações policiais.

Em 2004, uma análise de 2.514 textos publicados em nove jornais de três estados demonstrou que a polícia era a principal fonte ouvida em 32,5% dos casos. Quando eram desconsiderados os textos que não indicavam fontes – notas e colunões, rápidos registros de encontros de cadáveres, roubos e outras ocorrências, que compunham 24,8% da amostra – o percentual subia para 43,2%. Em outro levantamento, realizado pelo CESeC em 2006 sobre oito jornais do Rio, 26,9% dos 2.651 textos baseavam-se em informações policiais. Além destes, um grande número dos colunões e notas, que compunham 34,6% da amostra, tinha como fontes os boletins de ocorrência (RAMOS; PAIVA, 2007, p.37).

Nas análises realizadas pelo CESeC, o segundo lugar como fonte principal das matérias é a vítima (9,7% no levantamento nacional, 10,4% na pesquisa sobre jornais do Rio de Janeiro). Em terceiro lugar, surgem o Poder Executivo Federal, o Estadual e o Municipal (8,5%), indicando a forte presença das secretarias de segurança neste cotidiano. Especialistas aparecem em pequeno número – 4,6% na pesquisa nacional e apenas 1,4% no estudo sobre jornais fluminenses. A chamada sociedade civil organizada corresponde a menos de 1% das principais fontes ouvidas. Representantes do Ministério Público, envolvidos diretamente no processo legal, também não aparecem em proporção semelhante à sua importância: na pesquisa regional, eles são fontes principais em apenas 1,7% das matérias.

Com a dimensão ideológica e a tendência de reproduzir o discurso de fontes oficiais, a imprensa passa a funcionar, como destaca Penedo (2003), como uma forma de reforço da estabilidade da estrutura social e dos valores dominantes – o que não é encarado, necessariamente, de forma conspiratória pelos Estudos Culturais. Hall (1988), nas defesas descritas no livro de Penedo (2003), demarcou claramente que não tem posições pessimistas ou radicais face a dependência da produção noticiosa do poder político e econômico. Segundo o

autor, a reprodução da estrutura dominante resulta de imperativos que ele chamou de estruturais.

Alguns dos principais pontos estruturais, segundo Hall (1988), são a forma da produção das notícias, marcada pela pressão do tempo nas práticas profissionais, a necessidade de material constante e atualizado em tempo útil, além da exigência de uma (ideia de) imparcialidade pela qual a notícia deve ser formatada. O imperativo tempo é fundamental e é esperado que os jornalistas atuem em cima do acontecimento, com atualização. Assim, as redações funcionam no pulsar dos ponteiros do relógio, dentro de ciclos temporais definidos.

Como destaca Penedo (2003), essas circunstâncias obrigam o jornalista a desenvolver estratégias de atuação que lhe permitam reconhecer e conseguir material noticiável em tempo útil. A autora ainda destaca que a necessidade de os meios redatoriais disporem de um pré-agendamento dos acontecimentos noticiáveis, de forma a estabilizar as rotinas de produção, conduzem os jornalistas a uma maior dependência das fontes e entidades que sejam capazes de anunciar antecipadamente suas atividades.

As entidades oficiais também se configuram como fontes credenciadas, pelo seu estatuto social e institucional de representação formal de grupos ou pelo domínio de assuntos e temas específicos, cujo prisma confere à notícia credibilidade. Esta ideia foi explanada por Becker, no que chamou de hierarquia da credibilidade: “probabilidade daqueles que estão em posições superiores ou de elevado status na sociedade e que dão opiniões sobre tópicos controversos, terem suas definições aceitas, porque tais vozes são consideradas mais precisas ou especializadas (Becker, 1977 apud Greer; McLaughlin, 2010, p.27).

Se o recorte das discussões de prisma oficial, função normativa e impacto nas realidades sociais é feito para as notícias de criminalidade, cabe o destaque de Ramos e Paiva (2007), que avaliam que uma das consequências mais graves da dependência das informações policiais é o fato de ela diminuir a capacidade dos meios de comunicação de criticar as ações das forças de segurança. Segundo as autoras, a imprensa tem exercido um papel fundamental na fiscalização das forças de segurança. “No entanto, em grande parte dos textos, ela divulga sem questionar os atos cometidos por elas. E são inúmeros os exemplos de ações policiais equivocadas – muitas vezes feitas na pressa de oferecer uma satisfação à opinião pública – que encontram destaque nas páginas de jornais” (RAMOS; PAIVA, 2007, p.38).

O jornalismo, como já ressaltado, é uma das molduras públicas para o entendimento de mundo dos cidadãos. Portanto, em um tema que contém em si elementos de especial

conflitualidade, como a criminalidade, a presença de vozes e prismas alternativos é muito importante para a complexificação dos problemas sociais projetados a partir das notícias do crime bem como para a promoção da discussão pública.

Não problematizar a narrativa da violência nos jornais construída por fontes oficiais é ignorar que o entendimento do fenômeno criminalidade está sendo afetado. Não seria justo questionar se o “traficante mais perigoso do Estado preso por tal corporação”, é mesmo o mais perigoso? Será que as leituras dessa manchete, por exemplo, descritas dessa forma, tal qual a narrativa da polícia, podem alterar a nossa percepção de medo do crime? Além disso, como reforça Penedo (2003b) a formatação de notícias de crime por um prisma único, faz com que os media cumpram uma função reguladora, que transforma as informações sobre violência em um quadro normativo dominante que tem como desfecho a reposição da ordem.

3.4 VOLUME E NOTICIABILIDADE

A criminalidade, seus atores, desdobramentos e o que se tem realizado na tentativa de prevenir o crime ou diminuir estatísticas de violência ocupam considerável espaço na imprensa e no cotidiano da sociedade. A depender da linha editorial dos veículos, têm volumes mais ou menos representativos, mas sempre coabitam o fazer jornalístico.

Por anos, pesquisas indicam que as notícias sobre crime são as mais populares e constantes no total de notícias veiculadas. (MACHADO; SANTOS, 2008; PENEDO, 2003). Como destaca Cruz (2008), o tema da segurança pública tem estado em evidência na imprensa, tanto pelo acompanhamento no local dos fatos quanto pela divulgação, muitas vezes simultânea, das operações policiais. E, além de multiplicarem discursos sobre as infrações no entendimento do fenômeno criminalidade, relembram os cidadãos das ameaças que o crime comporta à estabilidade e à paz social.

O noticiário de criminalidade é muito eficiente no chamamento e na manutenção da atenção de grande parte do público, em geral, pelo seu potencial dramático e emotivo. Como destaca Reiner (2002) citado por Rolim (2006), apesar da tendência de se atribuir à imprensa a responsabilidade pelo fascínio do público para o crime, é fato que um remonte histórico indica que o tempo gasto com narrativas sobre delitos e violência – por meio de livros, filmes etc – sempre foi grande e pareceu acontecer por algum tipo de “recompensa”.

Sublinho apenas que o crime e a violência sempre foram temas importantes também porque tratam de realidades extraordinárias, incomuns. Destacadamente, os dados de assassinatos – abordados tanto nos relatos ficcionais quanto nos noticiários – dizem respeito a “transgressões máximas” pelas quais tomamos contato, então, com interdições máximas.... o contato com a morte e a violência é intencional, a partir da mediação do relato, nos aproxima do extremo, compreendido como o limite que não pode ser transposto. O que, talvez, nos ofereça uma forma pela qual possamos contornar nossos impulsos mais obscuros e ancestrais (ROLIM, 2006, p. 186-187).

Pesquisadores caminham na defesa de que as notícias de crime amaciam olhares voyeuristas, exacerbam sentimentos, despertam o lado mais sombrio e enigmático da natureza, por isso tendem a ser tão atrativas (SOUZA, 2018, PENEDO, 2003). Longe, entretanto, de tentar buscar as causas para o fascínio que as notícias de criminalidade causam, cabe aqui refletir sobre as motivações para o extenso volume das mesmas nas páginas de jornais.

Surette (2014), fazendo uma síntese das diferentes explicações usadas por diversos autores, avança com um conjunto de três possíveis justificativas gerais: 1) as notícias do crime são, por um lado, descritas como servindo a uma função social positiva, ao definirem o limite do comportamento social aceitável, dissuadindo os infratores, acautelando potenciais vítimas e fornecendo vigilância sobre o crime; 2) o crime é também uma questão social importante e, portanto, as notícias do crime são realizadas por forma a espelhar o mundo em que vivemos; e, por último e de forma pragmática, 3) as notícias do crime aumentam a circulação e têm valor de entretenimento para as empresas que detêm os meios de comunicação social. (Surette, 2014, p. 67).

Há ainda de se considerar que a criminalidade oferece matéria-prima regular para os circuitos de produção noticiosa, como destaca Penedo (2003). E, por essa regularidade, alimenta o que Beato (2015), no livro de Ramos e Paiva (2007), chamou de “dependência” entre as polícias e os jornais, porque as forças de segurança também precisam ter suas ações validadas nas páginas de notícias.

A hipótese destacada por Surette (2014), que indica que noticiário de criminalidade que se aproxima de características do entretenimento, é, entretanto, a mais discutida e/ou aceita por pesquisadores para descrever as motivações que levam a potencialização dos relatos de violência nos jornais, principalmente, em tempos de veículos de comunicação que respondem ao mercado (JEWKES, 2004; RODRIGUES, 2017). Com características de entretenimento, minimamente pensadas para prender a audiência, o noticiário de criminalidade passa então a ser algo rentável e com grande valor-notícia. *Infotainment* é, inclusive, um nome encontrado

em livros de comunicação (JEWKES, 2004; RODRIGUES, 2017) para designar a fusão de formatos de informação e entretenimento, que ganhou ênfase com a internet.

Este conceito é composto, basicamente, por três características: serialização (apresentação do conteúdo dentro das séries de eventos dramáticos e histórias), personificação (as histórias focam-se no emocional, no dramático e nos aspetos interpessoais das pessoas) e comodificação (a embalagem, a formatação, promoção e venda da informação sobre o mundo à audiência consumidora) (SURETTE, 2003 apud Rodrigues, 2017, p.9).

Ainda na abordagem do extenso volume do noticiário de criminalidade, vale ressaltar que as notícias que tratam da violência também se encaixam, em muitos aspectos, no que as Ciências da Comunicação Social denominam de valor-notícia. Os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade surgem como elementos estruturantes da prática jornalística que influenciam na escolha dos acontecimentos a que a imprensa dá visibilidade, bem como o destaque e a relevância com que os mesmos são tratados.

Os critérios de noticiabilidade incluem fatores como: proximidade (preferência pela proximidade geográfica, afetiva, cultural), momento do acontecimento (preferência por um fenómeno recente), significância (preferência por eventos intensos ou relevantes e com grande dimensão), proeminência social dos sujeitos envolvidos (preferência pela proeminência das pessoas envolvidas), proeminência das nações envolvidas nas notícias (preferência pela proeminência das nações envolvidas), consonância (quanto mais agendável for um fenómeno, correspondendo às expectativas e com um relato que se adapta ao meio, mais provável é de ser notícia), imprevisibilidade, continuidade (o desenvolvimento de acontecimentos já noticiados são mais prováveis de ser notícia), composição (quanto mais um fenómeno se conseguir enquadrar num noticiário com espaço para diversos temas, mais probabilidade tem de se tornar notícia), negatividade (preferência pela negatividade do fenómeno) e frequência (os desenvolvimentos dos acontecimentos já noticiados têm grandes probabilidade de ser notícia de novo) (Galtung & Ruge, 1993; Sousa, 2002 apud Rodrigues, 2017, p.9).

As notícias do crime, portanto, possuem elevado grau de noticiabilidade por conterem violência, ruptura com a ordem social e imprevisibilidade, sendo essa última um dos mais importantes valores-notícia. Como complementa Rodrigues (1993), os contornos de violência (excesso), de ruptura com o normativo (falha), a bizarria e a perversidade (inversão) das histórias de crime, acumulam atributos de notabilidade que as transformam em matérias de grande projeção, associadas a forte carga dramática.

Tratados de uma forma crítica, entretanto, os valores-notícia das Ciências da Comunicação também podem ser entendidos, no contexto do jornalismo subordinado ao mercado, como um procedimento empresarial que pretende algo que entretenha os leitores (Altheide, 1976; Conboy, 2006 apud Rodrigues, 2017). O que é, em todos os aspectos, alcançado pelo noticiário de criminalidade. Como destaca Penedo (2003), crime e media revestem-se de mútua atratividade, “por sua linguagem audiovisual fugaz, imediatista e emocional, em uma dinâmica de mercado concorrencial que mobiliza os media para se rivalizarem na atração das audiências” (PENEDO, 2003, p.114).

3.5 MEDO E O DISCURSO DO CRIME NOS JORNAIS

A importância da centralidade do crime como um dos principais motes da comunicação pública na atualidade, reforçada pelo volume do noticiário de violência nas páginas de jornais, ganha ainda mais contornos quando a discussão se dá em torno da forma que a imprensa apresenta o crime à sociedade. Nas páginas de jornais, os delitos não só ganham frequência e destaque, mas padecem de distorções de representação, como se verá a seguir, ancoradas por valores-notícias ou justificativas jornalísticas de valoração do incomum e o extraordinário.

O risco dessa distorção, se dá nos resultados provocados por ela. Porque, como destaca Bayer (2013), existe uma influência mútua entre o discurso do crime e o imaginário que as pessoas têm dele. A imprensa atua na representação que os cidadãos e o poder público têm do fenômeno da criminalidade e produz conhecimento contínuo do seu conceito.

As notícias criminais, explorando cenários materiais e emocionais chocantes, “elegem heróis, punem vilões, sempre em uma perspectiva exemplar de repor a ordem, a verdade e a justiça” (FERIN-CUNHA, 2003, p.2-3). Mas, principalmente, pretendem emocionar, despertando o interesse e, por fim, o próprio medo (PASTANA, 2003). Como destaca Penedo (2003), mesmo que as ameaças apresentadas aconteçam no plano da representação simbólica, a amplificação e a desviância imprimidas pelos media se traduz em temor.

Várias pesquisas que analisam a relação entre o noticiário de criminalidade e o medo do crime demonstram que as notícias mostram um mapa dos eventos criminais que se difere em muitos aspectos daquele que é facultado pelas estatísticas oficiais do crime (Katz, 1987). Com efeito, vários estudos evidenciam que, mesmo quando as estatísticas mostram que a maior parte

dos crimes praticados são crimes não violentos, os media demonstram exatamente o contrário (Sacco, 1995).

Tal fenômeno é chamado por Rolim (2006) de realidade invertida e tem relação direta com o medo do crime. Segundo o autor, diante do delito, a mídia é sensacionalista, e sempre vai optar pelos crimes graves, em detrimento de outros mais leves, muitas vezes, com maior volume de ocorrência e de realidade nas estatísticas criminais de determinado local. Para o autor, ao contrário do que as pessoas imaginam, “a cobertura jornalística não está voltada, exatamente, para a realidade, mas para aquilo que, dentro dela, aparece como surpreendente” (ROLIM, 2006, p.188).

Túlio Khan (2003) é um dos pesquisadores que levou a realidade invertida de Rolim (2006) para uma pesquisa documental reveladora. O autor fez uma análise das naturezas criminais mais relatadas nos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Brasil em 1998 e buscou uma análise de sua coincidência proporcional com o mapa da criminalidade de São Paulo.

Um dos dados mais destacados da pesquisa é o que representa o crime de homicídio. Apesar de, no cálculo geral da criminalidade, esse tipo penal representar 1,7% dos crimes ocorridos no primeiro semestre de 1998 em São Paulo, segundo a Secretaria de Segurança do Estado, eles representaram até 43,9% dos destaques do Jornal do Brasil, no primeiro semestre do mesmo ano. Na mesma lógica, está o crime de sequestro, com 0,0001% do total de ocorrências no primeiro trimestre de 1998 em São Paulo, contra 10,6% de publicação na Folha de São Paulo, durante o ano de 1997.

Os pequenos furtos e as lesões corporais (agressões) são, de longe, os delitos mais frequentes nas estatísticas oficiais de criminalidade. Mas quem se interessa em ler nos jornais sobre batedores de carteira ou brigas entre marido e mulher? Estes delitos tendem a comparecer no noticiário somente quando existe algo pitoresco e anedótico relacionado a eles. Uma carteira furtada passa a ser motivo de interesse jornalístico se a vítima é uma autoridade pública ou artista conhecido. Caso contrário, estes eventos continuarão esquecidos os arquivos das repartições públicas. Regra geral, os interesses dos meios de comunicação são direcionados pelo potencial dramático da história (KAHN, 2003, p.10).

Rolim (2006) destaca ainda o costume de a imprensa relatar os crimes pela ótica do tensionamento e da singularidade, porém, com dimensões de universal – o que é fator potencializador do medo do crime. Nas palavras do autor: “o que é apresentado como fato, um assassinato, por exemplo, parece desejar emancipar-se de suas circunstâncias e já é mostrado, invariavelmente, sem que se permita qualquer referência às condições que poderiam ser

identificadas como precursoras da própria violência” (ROLIM, 2006, p.190). Para ele, entretanto, essa ausência de referência externa não quer dizer ausência de sentido. Uma vez tratado um homicídio como fato enlouquecido, por exemplo, sem referência social, o problema aparece reduzido apenas a autores. “Assim o círculo das simplificações de fecho, anunciando, também, as medidas necessárias para a proteção do público: mais repressão e rigor às pessoas más” (ROLIM, 2006, p.191)

De acordo com Carvalho (2007), estudos sobre a presença do crime nos veículos de comunicação de diferentes países coincidem na constatação de que os relatos de fatos criminais se esgotam normalmente na descrição da sua consumação e consequências imediatas e de que raras vezes esses fatos são analisados a partir de perspectivas críticas alargadas ou distanciadas.

Problemas habitualmente associados pelas ciências sociais ao crime, como pobreza, desemprego, saúde, baixa escolaridade, elevadas taxas de divórcio, deterioração das relações comunitárias, iliteracia e outros, são geralmente omissos no tratamento de casos criminais por parte dos media (PINA, 2009, p.110).

Sem contexto, o crime parece que pode acontecer em qualquer lugar, em qualquer condição, com qualquer pessoa, potencializando o medo individual. Carvalho Junior (2010) destaca que a cobertura da criminalidade, da forma como é apresentada ao público, faz com que o cidadão se sinta vítima mesmo que a quilômetros de distância. E como reforça Bauman (2008), citado por Bayer (2013), o medo do crime passa a ser ainda mais assustador quando é difuso, desvinculado, sem endereços, nem motivos claros. A sensação de medo do crime é ainda pior quando a ameaça que se deve temer “pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la” (BAUMAN, 2008 apud BAYER, 2013, p.3-4).

Havendo poucas inferências disponíveis sobre referências sociais ou razões que podem levar a alguma ocorrência, o discurso da violência se simplifica ainda mais nos jornais. E simplificando, acaba, muitas vezes, por reproduzir outro problema, a formação de estereótipos, que são também uma característica da cobertura de criminalidade, responsável por elevar o medo do crime.

Estes rótulos, se tivermos em consideração os teóricos da teoria da rotulagem (Becker, 1963; Goffman, 1975), colocam alguns grupos em situações de risco. Tendo em conta que os desvios às normas não são unicamente da responsabilidade dos indivíduos, mas que se devem a todo um conjunto de processos e de interações que se estabelecem entre os indivíduos “desviantes” e os outros que não o são, podemos afirmar que os media acabam por fazer parte do processo que leva à rotulação e estigmatização de

determinados grupos sociais. Muito rapidamente se constrói na esfera pública o confronto simbólico entre cidadão cumpridor, doravante inseguro perante a ameaça constante de vir a ser vítima de crime, e o criminoso, geralmente estrangeiro e excluído da sociedade, que se sente impune perante leis alegadamente laxistas e os agentes policiais que não estão preparados para lidar com uma criminalidade apresentada como cada vez mais violenta e sofisticada (MACHADO E SANTOS, 2009 apud GOMES, 2015, p.87).

A culpabilização estereotipada de determinados grupos sociais e também a estigmatização socioespacial, segundo Lira (2009), gera um discurso reducionista que acaba por criar um *locus* da violência no qual bairros e até mesmo cidades ficam marcados como lugares perigosos

As mídias são ferramentas poderosas e influentes. Todavia, as formas com que a imprensa brasileira vem transformando dados e informações referentes à Segurança Pública em notícias revelam que, via de regra, a abordagem midiática privilegia o sensacionalismo em detrimento da elaboração de materiais mais apuradas que enfoquem os motivos estruturais da criminalidade violenta e se comprometam com a proposição de eventuais soluções da problemática em questão (LIRA, 2009, p.126).

O processo produtivo jornalístico se esbarra ainda na necessidade de transformação de um fato em um acontecimento passível de ser facilmente apreendido e compreendido. Por isso, muitas vezes, o uso de estereótipos, de chamadas simples, de palavras simplórias para detalhes complexos do fato criminal, acaba por gerar um cenário um conhecimento do fenômeno da criminalidade que em nada colabora com futuras mudanças no cenário do medo do crime. Muitas vezes, o noticiário de criminalidade apenas reforça juízos sobre posições que já existiam. Como salienta Rolim (2006), os juízos abrigados pelo senso comum do noticiário de criminalidade são uma dimensão conservadora da imprensa, que solidifica preconceitos e ergue uma blindagem epistemológica com a qual o que não era percebido já não pode mais ser. Para o autor, “o público, saturado com notícias sobre atos mórbidos que vitimam inocentes, sente-se muito concretamente ameaçado. As pessoas imaginam que se tudo está acontecendo com tanta frequência, pode ocorrer com qualquer um, em qualquer lugar (ROLIM, 2006, p.193).

Por fim, cabe ressaltar que vários estudos sobre o impacto dos meios de comunicação na percepção da realidade criminal tendem a ser concordantes, independentemente das estratégias de abordagem e da natureza das conclusões a que chegam, no fato de que, principalmente, a sobrerepresentação da realidade criminal nos meios de comunicação, condiciona de modo significativo o medo do crime. Cabem aqui ressalvas a aqueles que estão

mais intrinsecamente ligados aos efeitos da cobertura da criminalidade realizada pela imprensa e seus desdobramentos no medo do crime (SURETTE, 2014; PENEDO, 2003; GORITA, 2003; PASTANA, 2007; WAINBERG, 2005), assim como aos que buscaram, efetivamente, testar ou medir esse impacto (RODRIGUES, 2017; SOUZA, 2018; CHIRICOS; GERTZ; ESCCHOLZ, 1997; MADRIZ, 1996).

Surette (2014), inclusive, identificou quatro estados pessoais de influência exacerbada dos meios de comunicação na percepção coletiva da criminalidade e no medo do crime: 1) pessoas que não têm fontes alternativas de conhecimento utilizam a informação midiática como conhecimento primário e isso aumenta o medo; 2) pessoas com experiência concreta de vitimização que corroborem ou venham ao encontro da informação veiculada pelos media tendem a sentir medo de ser vítima novamente 3) pessoas menos capazes de prevenir a vitimização são mais facilmente assustadas pela informação dos media; 4) pessoas com semelhanças demográficas com as vítimas de crimes tornam-se igualmente mais receosas e mais suscetíveis de ser influenciadas pelos media.

Embora os media não sejam os únicos responsáveis por induzir o medo do crime — já que a vitimização anterior, incivildades, fatores sociodemográficos (vistos no capítulo 1), estão entre os muitos fatores que interagem e influenciam na percepção de que se pode ser vítima — eles estão fortemente associados a essa conclusão. A imprensa, portanto, atuando na produção do senso comum e nas representações sociais que ajudam os cidadãos a lerem o mundo, transformam o noticiário de criminalidade em conhecimento produzido e apreendido. De tal forma que a disseminação de imagens do crime, nem sempre condizentes com a realidade; a formatação de mitos em torno do crime, que envolvem incidência, locais perigosos e figuras relacionadas ao medo; o volume exacerbado de violência nos jornais e a falta de referência externa, contribuem com a amplificação do medo do crime.

4 METODOLOGIA

Como ressalta Richardson (1989), citado por Dalfovo, Lana e Silveira (2008), o método, em pesquisa, significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e a explicação de fenômenos. Portanto, a fim de analisar os efeitos do noticiário sobre criminalidade no medo do crime de moradores de Belo Horizonte, escolheu-se realizar um estudo que cruze as metodologias qualitativa e quantitativa, por meio da aplicação de *surveys*, pesquisa bibliográfica, documental e observação participativa.

A pesquisa documental foi realizada para a exploração de determinadas características do noticiário sobre criminalidade, que podem, conforme indica a pesquisa bibliográfica dessa dissertação, influenciar na construção de realidades e de representações sociais sobre a violência e, portanto, ter efeitos no medo do crime.

Já a aplicação de *surveys* buscou compreender a relação entre o medo do crime e a influência da imprensa, por meio de perguntas e cruzamentos de variáveis que dialogassem com a fundamentação teórica dessa pesquisa. As perguntas do questionário avaliaram hábitos relacionados à imprensa como, por exemplo, tipo de conteúdo buscado nos meios de comunicação, crença na veracidade das informações consumidas, entre outros aspectos, que serão abordados com mais profundidade ainda neste capítulo.

4.1 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental, nesta dissertação, foi realizada como complemento à pesquisa bibliográfica para um melhor entendimento da formatação das notícias de criminalidade, especialmente em veículos da capital de Minas Gerais, que é o recorte territorial desta pesquisa. Com enfoque nos meios de comunicação de maior abrangência em Belo Horizonte, é uma busca prática por exemplos de características do noticiário de violência que já foram amplamente discutidas por outros autores. Isso porque, a literatura sobre o tema reforça que esse *modus operandi* de retratar a criminalidade no cotidiano dos jornais, é uma das explicações para a influência da imprensa no medo do crime.

Como destaca Cellard (2008), a pesquisa documental favorece a observação do processo de maturação de práticas. Vale ressaltar, entretanto, que a intenção de realizar um raio-x das características da cobertura descrita é modesta, inclusive, pelo tempo total despendido a uma dissertação.

A análise realizada abordou questões tanto no que diz respeito ao volume e a expressão quantitativa do noticiário de violência, quanto a fatores que significam resultados em nível de conhecimento produzido. Isso porque, há o reconhecimento teórico nesta pesquisa de que a imprensa possui um papel relevante enquanto base representacional e de criação de realidades sociais, que contribui para a construção da visão que o cidadão possui sobre o crime e sobre as problemáticas associadas a ele.

Com o objetivo de que fosse abarcado um maior número de representações do discurso jornalístico sobre violência, com características que são próprias de cada meio (jornal impresso, jornal online/portal, rádio e TV) optou-se por coletar dados dos principais veículos, em termos de alcance de público na capital, de cada um dos quatro tipos indicados acima.

A partir de informações fornecidas pela Superintendência de Publicidade da Subsecretaria de Comunicação (Subsecom) do Governo de Minas Gerais, com base nos dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), relativos ao ano de 2021, os veículos analisados por deterem a preferência do público da capital, em suas áreas, são os seguintes: Jornal Super Notícia (maior tiragem de jornal impresso), Rádio Itatiaia (maior audiência radiofônica), TV Globo (maior audiência televisiva) e Portal O Tempo (maior número de visualizações de conteúdo de notícias online).

A análise do jornal impresso Super Notícia aconteceu por inteiro, por ele representar um único produto. Para o caso do Portal O Tempo, foram consideradas as matérias publicadas entre 8h e 19h. Foi necessário adotar esse recorte, em razão de características dos veículos de notícias online, como abastecimento contínuo e grande volume de material produzido ao longo de 24 horas.

Para os casos de rádio e TV, também foi adotada uma regra, considerando a publicização de conteúdo 24 horas e o fato de que esses veículos distribuem informações de jornalismo e entretenimento, sendo necessário o recorte. Para a análise, foi adotado o horário nobre do jornalismo das emissoras propostas, ou seja, o horário com pico de participação de ouvintes e telespectadores. Ainda segundo dados do IVC, os programas com maior audiência, no quadro de jornalismo, foram os seguintes: MG TV 2ª Edição, jornal da noite da TV Globo Minas, com sede em BH, apresentado de segunda a sábado, a partir das 19h15 (horário de finalização variado); e Jornal da Itatiaia, 1ª Edição, que vai ao ar de segunda a segunda, das 7h às 9h.

A análise foi realizada por três semanas seguidas, nos dias 27/01/2022, 02/02/2022 e 06/02/2022. A escolha de dias não continuados foi proposital, de forma a não enviesar a

amostra, pelo risco de fatos específicos que poderiam vir a ocorrer em determinado período. A análise de 205 matérias, de quatro veículos de comunicação, enfocou 61 notícias de criminalidade e avaliou cinco categorias, descritas a seguir.

-Volume: avaliação do quanto as notícias sobre Criminalidade aparecem nos jornais, proporcionalmente ao restante do noticiário. Foi realizada a contagem de todos os conteúdos jornalísticos publicados nos meios de comunicação avaliados já descritos e feita a proporção do quanto o conjunto relacionado à criminalidade representou dentre o total de publicações de cada veículo e de todos os meios somados.

Também foi levantado quais outros dois temas, considerando uma divisão em grandes áreas tratadas em geral no jornalismo, também tiveram relevância em volume, para uma análise mais completa. As grandes áreas consideradas para categorização foram as seguintes: Segurança/Criminalidade, Saúde, Educação, Esportes, Política, Economia, Internacional, Cultura, Entretenimento, Veículos, Chuvas e Cidades/outros. Pretendeu-se explorar o segundo e terceiro lugar de um imaginável ranking de assuntos de destaques nos jornais, até para uma avaliação do quanto a criminalidade, se em primeiro lugar, poderia estar distante dos segundos e terceiros colocados.

A avaliação do volume no jornal impresso, rádio e TV, levou em conta o produto único apresentado, em sua totalidade. Já no caso do portal de notícias, o conteúdo online é de abastecimento constante, ilimitado e com uma proporção de publicações muito numerosa; o que, inclusive, gera dificuldade na mensuração final do total de conteúdo publicado. Portanto, nesse caso, foi avaliado o quanto as notícias sobre crimes prevalecem ou não sobre as demais notícias do que chamamos de caderno/seção de Cidades/Geral etc. Esse caderno é a subdivisão no qual as notícias de criminalidade em geral são publicadas e, nele, estão as matérias do dia-a-dia, que não configuram como notícias de assuntos especializados (que em geral possuem seu próprio caderno, como por exemplo, Esportes, Política, Economia, Cultura). O horário de corte para a contagem na internet, como já especificado, foi de 8h às 19h.

Com essa metodologia proposta, foi possível, então, avaliar a proporção do noticiário de Segurança/Criminalidade frente a tudo que é apresentado no jornal impresso/telejornal/jornal de rádio e a proporção das matérias sobre crimes considerando as matérias que exploram o cotidiano.

-Destaque: avaliação da escolha do veículo em dar destaque, priorizar nas páginas ou nos recursos de chamamento da audiência a informação de determinada matéria, diferenciando aquele fato do contexto geral de assuntos do dia.

No caso de notícias de jornal impresso, foram buscadas chamadas em capa, inclusive manchetes. No caso do portal, foi avaliado se as matérias compunham a página inicial do veículo e se em algum momento do dia, chegaram a ser manchete. Em razão da atualização constante desse meio digital, foi feita a atualização da página inicial a cada hora do dia, entre 8h e 19h, para contabilização das manchetes e dos destaques.

No caso do rádio e da TV foram consideradas as chamadas nas escaladas, que são os destaques nas aberturas dos jornais, com um resumo dos principais assuntos abordados. Nesses veículos, também se buscou a matéria que abre o noticiário como principal do dia, que é classificada como manchete.

-Gênero jornalístico/contextualização: compreensão do gênero jornalístico adotado na difusão das informações sobre criminalidade disponibilizadas pelo público. Foram considerados dois grupos para classificação, a partir dos apontamentos de Wolf (2002). O primeiro, de matérias factuais, notícias, que são aquelas cuja estrutura textual é mais simples e consiste, basicamente, na narração de fatos tais como teriam acontecido. O segundo, as reportagens especiais, que são aquelas que tratam o assunto com maior profundidade e trazem outros dados que demandam mais pesquisa, para contextualizar melhor aquela narrativa para o público alvo.

Também foi avaliado se o veículo buscou dar contextualização, alguma referência social ao assunto da criminalidade que permita que a matéria não seja uma simples descrição do fato ou do boletim de ocorrência. Neste caso, além da referência social, foi considerada como detentora de contextualização uma matéria que contivesse uma discussão mais profunda sobre determinada natureza criminal, que utilizasse fontes variadas e que buscasse a promoção de reflexões sobre o fato narrado.

-Tipificação do crime: avaliação e contabilização do tipo de crime, enquanto natureza criminal, noticiado no conteúdo jornalístico pesquisado. Avaliação das naturezas criminais que possuem destaque no noticiário e sua coincidência, ou não, com os destaques das estatísticas de criminalidade de Belo Horizonte.

Buscou-se uma avaliação da chamada realidade invertida, como denominou Rolim (2006), também discutida por outros autores, e que consiste na afirmação de que a imprensa tem a tendência a noticiar os crimes mais graves e raros e, não necessariamente, aqueles que mais acontecem – interferindo na leitura que o cidadão faz do fenômeno.

Fonte utilizada: avaliação das fontes de informação utilizadas para a construção da narrativa jornalística do noticiário de criminalidade. Buscou-se identificar as principais fontes que contribuiram para a construção da notícia, incorporando-as, na análise, dentro das seguintes categorias: fonte oficial, testemunha, vítima ou outros.

A ideia foi entender a relação da narrativa jornalística com uma função normativa relacionada ao crime. Baseado, muitas vezes, apenas em fontes oficiais, o jornalismo tende a encarnar uma ótica dominante e de prisma oficial, com registros simplificados e fortalecedores de estereótipos, que ampliam o medo do crime.

Portanto, em resumo, a Tabela 1, indica as categorias utilizadas na análise da pesquisa documental desta dissertação e sua relação com a fundamentação teórica.

Tabela 1 - Resumo das categorias analisadas na pesquisa documental

Categoria	Referências de discussão
Volume, destaque e manchete	MACHADO; SANTOS, 2008 PENEDO, 2003 SOUZA, 2018 SURRETE, 2014
Gênero jornalístico/Contextualização	CARVALHO, 2007 CARVALHO JUNIOR, 2010 BAUMAN, 2008
Tipificação das naturezas criminais	KATZ, 1987 SACCO, 1995 ROLIM, 2006 KAHN, 2003
Fonte utilizada para a construção da narrativa	PENEDO, 2003 RODRIGUES, 2017 RAMOS; PAIVA, 2007

4.2 SURVEY

Em busca da compreensão dos efeitos do noticiário de criminalidade difundido por veículos de comunicação de Belo Horizonte (MG) no medo do crime de moradores da capital, aplicou-se um *survey* com 39 perguntas conforme apresentação no Anexo 6 desta pesquisa. A escolha das indagações buscou clarificar questões como: a) as características sociodemográficas dos respondentes, em busca de perfis que pudessem garantir representatividade para análise das respostas b) hábitos relacionados ao consumo da imprensa e do noticiário de criminalidade, como conteúdo buscado intencionalmente, crença na veracidade das informações, entre outros, considerando, inclusive, que esses hábitos podem influenciar o sentimento de insegurança, segundo pesquisas; c) questões relacionadas ao sentimento pessoal de insegurança de cada respondente, para uma correlação com inquirições anteriormente apresentadas. O detalhamento de cada uma das perguntas do questionário será apresentado posteriormente.

O *survey* foi construído na ferramenta de Formulários do Google, também conhecida como *Google Forms*, que é um serviço gratuito que permite a produção e emissão, por e-mail ou link, de questionários de múltipla escolha, questões discursivas ou, até mesmo, avaliações em escala numérica. Todas as funcionalidades da ferramenta foram utilizadas no *survey* em questão, que foi disponibilizado em 14 de setembro de 2021 e fechado para respostas em 12 de janeiro de 2022, ficando 120 dias sob divulgação e disponibilidade para os respondentes. O *Google Forms* permite a transmissão do banco de dados do questionário para Excel – programa de planilha eletrônica - de forma que as informações foram trabalhadas e tiveram variáveis cruzadas via programa conforme necessidade.

Destaca-se que o *survey* foi aplicado de forma anônima e confidencial e que o *Google Forms* foi configurado para que apenas uma resposta fosse aceita por usuário, para garantir a qualidade do resultado final. Não houve amostra selecionada de indivíduos. Portanto, o método de amostragem escolhido foi o não probabilístico, em razão da não garantia de que cada indivíduo tivesse a mesma probabilidade de ser incluído na pesquisa (RODRIGUES, 2017). A amostragem também foi acidental causal ou conveniente, pois os inquiridos foram selecionados segundo a sua disponibilidade e vontade de participação no estudo.

O chamamento dos possíveis respondentes foi realizado via e-mail e via aplicativos de trocas de mensagens instantâneas, como *WhatsApp* e *Telegram*, de forma totalmente online, durante o período já mencionado. A justificativa para a escolha desse tipo de modalidade de

aplicação do *survey* se dá em razão da pandemia da covid-19 que, notadamente, ampliou o tempo do isolamento social e a predileção pelo uso da tecnologia para resolução de questões, como as científicas. A recomendação sanitária de distanciamento se somou aos altos índices de disseminação e rebote da doença, cujo risco potencializado se deu, por longo período, em razão da gravidez e puerpério da autora, ocorrido durante a realização desta pesquisa. Ainda, pela avaliação de que, distribuído por meio de aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram*, o questionário pôde ser respondido no celular, sem prejuízos significativos para o alcance de pessoas das mais variadas classes sociais, idades ou situação financeira.

O *survey* foi escolhido para a busca de resultados nessa pesquisa porque, como destaca Richardson (1989), é o mais usualmente aplicado nos estudos descritivos, ou seja, naqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis. Ainda de acordo com o autor, uma das vantagens desse método seria a maior garantia dos resultados alcançados, pela menor chance de distorções ou interpretações errôneas.

4.2.1 Considerações sobre o *survey*

Para se alcançar o resultado pretendido nessa dissertação, que é entender os efeitos do noticiário de violência no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte, foi montado um questionário amplo com perguntas que podem tanto, diretamente, contribuir com a resposta do problema de pesquisa proposto, quanto foram pensadas de modo a permitir o cruzamento de dados, fornecendo novos elementos comparativos para a questão.

Como exemplos de questionamentos diretos, cujas respostas podem contribuir para a compreensão da relação entre o noticiário da imprensa e o medo do crime, estão: o entendimento se o entrevistado, ao ler uma notícia sobre criminalidade de outra cidade, região ou país, acredita que o mesmo tipo de crime pode acontecer com ele (questão 25). Outro caso é a tríade das perguntas 32, 33 e 35. Consideradas formas indiretas de se medir a sensação de insegurança apontadas por pesquisas já citadas, as perguntas (32 e 33) sobre o medo de se caminhar na região de casa à noite e, nas mesmas condições, em uma região da cidade desconhecida, foram relacionadas ao questionamento sobre a razão para esse medo (35). Entre as respostas disponíveis, há uma alternativa que aponta como motivação do medo o relato dos crimes acompanhados via imprensa.

Também foi utilizado um programa de planilha eletrônica para manuseio do banco de dados e geração dos cruzamentos entre as variáveis. Dada a grande variedade de questões, buscou-se comparar elementos que dialogavam com a fundamentação teórica desta pesquisa e poderiam indicar vínculos entre hábitos relacionados à imprensa e medo do crime. Foi aplicado o teste de qui-quadrado em todos os cruzamentos a fim de avaliar a significância estatística da associação observada entre as categorias. Testes de significância são técnicas de estatística inferencial, nas quais, por meio de uma amostra, obtém-se a evidência estatística para atestar que os resultados encontrados podem ser interpretados para a população no qual a amostra foi extraída (MALHOTRA, 2001). Dito de outra forma, todos os cruzamentos presentes neste trabalho indicaram que uma variável afetava a outra, não em uma relação de causalidade, necessariamente, mas de uma possível interação.

A descrição dos cruzamentos realizados está a seguir:

- a) Avaliação se os respondentes que preferem ler notícias de crime/justiça/polícia (questão 14) também responderam que acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano, por isso têm medo. (36).
- b) Avaliação se os respondentes que intencionalmente assistem a conteúdos relacionados à violência, justiça e polícia, muitas vezes (28), também acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano (36).
- c) Avaliação se os respondentes que classificam que a violência retratada nos jornais é a reprodução da realidade (26), ou seja, que não tem senso da mediação e do recorte da realidade dos fatos que o jornalismo faz, também responderam que acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano, por isso têm medo. (36).
- d) Avaliação se os respondentes que analisam que o volume de notícias de criminalidade nos jornais é adequado ou pequeno (22), ou seja, que não se incomodam com a atual grandeza do número de informações de criminalidade nos jornais, também responderam que acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano (36).

- e) Avaliação se os respondentes que acreditam que um crime que aconteceu em outra cidade, estado ou país, cujo conhecimento se deu pela imprensa, pode também acontecer em sua área de vivência, cidade ou bairro, têm mais medo do crime e acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano.

De forma a garantir ainda mais rigor estatístico nos resultados encontrados nos cruzamentos citados, vale ressaltar que os dados de vitimização anterior dos respondentes do *survey* foram isolados para uma análise prévia de correlação com o medo do crime. Como a questão é uma das mais importantes e mais discutidas nas pesquisas que tratam de preditores do sentimento de insegurança, foi feita essa análise sob a ótica dos 351 colaboradores do questionário, de modo a evitar interferências nos resultados.

A estrutura do *survey* aplicado será exposta a seguir e é composta por um conjunto de grupos que dialogam com questões anteriormente apresentadas na fundamentação teórica deste trabalho.

4.2.2 Questões sociodemográficas

As questões de número 1 a 8 pertencem ao que ficou classificado como grupo 1 do questionário, que reúne as perguntas relacionadas a questões sociodemográficas dos respondentes do *survey*. A ideia foi entender melhor o perfil de quem contribuiu com a pesquisa, avaliando, como primeiro ponto, se houve representatividade da população de Belo Horizonte com uma distribuição, no mínimo, distintiva de faixas de idade, classes sociais percebidas, gênero, entre outros pontos.

Ressalta-se que a pergunta 1 do *survey* “Você mora em Belo Horizonte?” foi inserida para que se mantivesse o recorte territorial proposto pela pesquisa. Ou seja, todos os respondentes não residentes na capital tiveram seu questionário excluído do conjunto de resultados.

A questão 2 trata do entendimento do gênero; a 3 da profissão; a 4 da situação profissional (se desempregado, estudante, aposentado etc); a 5 do grau de escolaridade; a 6 da idade; a 7 do meio de habitação (rural ou urbano); e a pergunta 8 trata da percepção do estado socioeconômico do entrevistado.

4.2.3 Hábitos de leitura, relação com a imprensa e interpretação do noticiário

Os grupos 2 e 3 do *survey* compreendem as perguntas de número 9 a 29 e buscam o entendimento do espaço que a imprensa ocupa na rotina dos respondentes. Considerando que a hipótese desta pesquisa é de que o noticiário de criminalidade influencia no medo do crime, é importante entender o quanto quem respondeu o questionário acessa a imprensa, o noticiário especializado de violência e tem uma consciência crítica sob o que recebe por meios dos jornais.

A pergunta 9 diz respeito à percepção pessoal do respondente do seu nível de informação. Busca-se entender se ele se classifica como uma pessoa que acessa os jornais com certa frequência e possui domínio das divulgações dos veículos.

Já a 10 quer buscar informações sobre quais tipos de veículos de comunicação (TV, rádio, portal, jornal etc.) são os mais utilizados para a busca de notícias. A pergunta 11 é um desdobramento da 10 e inquire sobre a principal fonte, a mais utilizada, para acesso às notícias. A 12 segue a mesma linha e questiona sobre o veículo de comunicação em específico (nome da empresa) mais utilizado para busca de informações. Cada veículo de comunicação, visto como empresa, também possui características específicas de difusão de informações, como a tendência a um noticiário de criminalidade mais enxuto ou mais extenso, para citar um dos exemplos.

A questão 13 buscou medir a frequência que o respondente lê, assiste ou ouve veículos de comunicação, ainda em busca desse perfil de hábitos de acesso à imprensa. A 14, questionou sobre a seção ou o caderno que os entrevistados tendem a procurar notícias com mais assiduidade. Especialmente, nesse caso, busca-se separar aqueles que leiam, com prioridade, informações de crime/justiça/polícia, para análises posteriores. Estudos como os de Rodrigues (2017) indicam que a predileção por informações de criminalidade no consumo das informações da imprensa é uma variante que amplia o medo do crime.

As questões 15, 16, 17, 19, 20 e 21 tratam do tempo gasto no acesso a informações de jornalismo, número de horas médio. São um desdobramento da questão 13 que aborda a frequência, em dias ao longo da semana. Já a pergunta 18 questiona se o respondente passa mais tempo vendo conteúdos em geral ou conteúdos jornalísticos na TV, considerando as características desse veículo de oferta de uma grande gama de informações.

Da pergunta 22 até a 27 a ideia foi trabalhar alguns pontos encontrados na fundamentação teórica que dialogassem com a ideia da força que os meios de comunicação

possuem sobre as representações sociais e o cotidiano. As perguntas buscam percepções dos respondentes sobre como o noticiário de criminalidade impacta na vida pessoal de cada um.

Na questão 22, considerando, conforme já exposto, que uma das características da cobertura da criminalidade é ser volumosa, e que esse tipo de notícia tende a ser a mais popular e constante no total de matérias veiculadas nos jornais (Penedo, 2003; Machado; Santos, 2008), algo que também se confirmou na análise documental - a ideia foi entender qual a percepção que os consumidores de informação têm dessa afirmação. Ou seja, o quanto eles avaliam que o grande volume de notícias de criminalidade está relacionado a uma escolha editorial ou o quanto avaliam que isso se dá em razão de um grande volume de criminalidade correspondente. Tal resposta, supôs-se, tem relação positiva com o medo do crime.

Na questão 23, a ideia foi entender a percepção das pessoas sobre a forma como a realidade criminal é tratada nos jornais. Algo também apresentado na fundamentação teórica e na análise documental. A “representação invertida da realidade”, expressão cunhada por Rolim (2006), a partir do destaque maior dado ao noticiário de crimes mais graves e mais raros e não, necessariamente, a aqueles que aconteçam com maior frequência (KAHN, 2001; ROLIM, 2006), é a percepção que se busca entre os respondentes aqui: entender se há clareza que, como destaca Katz (1987), o mapa dos eventos criminais oferecido pela imprensa se difere, em muitos aspectos, daquele que é facultado pelas estatísticas oficiais do crime.

Na questão 24, explorou-se a crítica de vários pesquisadores de que a imprensa não apresenta contextualização para os crimes, o que pode exponenciar o medo do mesmo. Questionou-se a percepção dos respondentes sobre isso. Estudos indicam que o crime, em geral, não é apresentado como fenômeno variado e múltiplo nos jornais, com indicações de causas, motivações etc. Sem essa referência externa, social, ele parece algo reduzido a autores, simplificado apenas ao mal que deve ser combatido com repressão e rigor, como destaca Rolim (2006). Dessa forma, ser vítima de uma incidência criminal parece algo muito mais simples, que pode acontecer com qualquer um, em qualquer lugar: o que aumenta o medo do crime. Nessa mesma linha de raciocínio, chegou-se à pergunta 25, mais voltada para uma avaliação territorial. É questionado aos respondentes se os mesmos pensam que os crimes relatados nos jornais podem acontecer com eles, na cidade deles, mesmo quando se tem acesso a um relato que acontece em uma região distante. Essa é outra crítica de pesquisadores para a amplificação do medo do crime por meio da imprensa. A falta de contextualização ajuda a carregar o drama do noticiário de criminalidade para qualquer lugar, contribuindo para uma maior sensação de que se pode ser vítima de crimes.

Já a avaliação sobre a postura crítica do que se é publicado nos jornais é o foco da pergunta de número 26. Pretendeu-se entender se os respondentes acreditam que o conteúdo apresentado nos jornais se aproxima da realidade, é equilibrado, sem interferências externas ou se eles têm um ponto de vista diferente sobre o processo de mediação da realidade que a imprensa realiza.

Na pergunta 27 buscou-se saber como as pessoas têm acesso às informações de criminalidade de Belo Horizonte, que contribuem com o seu entendimento do fenômeno. A pergunta 28 é relacionada e quer saber com que frequência as pessoas intencionalmente assistem a conteúdos relacionados ao noticiário de criminalidade. Pesquisas como a de Williams & Dickinson (1993), citada por Rodrigues (2017), indicam que as pessoas que leem mais notícias de crime, o que pode ocorrer pela intencionalidade, expressam mais medo do crime. Já a 28 busca a percepção dos respondentes sobre a criminalidade em Belo Horizonte.

4.2.4 Crime, medo do crime e alteração de hábitos de segurança

Os grupos de perguntas 4 e 5 reúnem os questionamentos de número 30 a 39 e buscam entender mais diretamente o quanto de medo do crime os respondentes afirmam ter e que hábitos foram alterados em suas rotinas por essa razão. Nesta seção também há inferências sobre vitimização anterior, uma das causas germinadoras mais estudadas e consideradas mais controversas na explicação do medo do crime, conforme já discutido na fundamentação teórica.

A pergunta 30, portanto, inquire se a pessoa já foi vítima de algum crime anteriormente. Também é questionado o período (noturno ou diurno) que tal delito ocorreu. Já a questão 31 tenta ser bem específica na indicação desse crime, colocando para marcação em múltipla escolha algumas naturezas criminais mais volumosas ocorridas em Belo Horizonte, segundo informações do Observatório de Segurança Pública Cidadão do Estado, da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp). A vitimização anterior, por sua grande discussão na influência do medo do crime das pessoas, foi tratada como variável de *background* nas análises estatísticas desta dissertação, como já descrito anteriormente.

As perguntas 32 e 33 questionam sobre o sentimento de segurança ou insegurança que o respondente tem sob duas situações: caminhar à noite sozinho perto da sua casa e, nas mesmas condições, em regiões da cidade não conhecidas. Também é perguntado se, caso os enunciados anteriores fizessem referência ao período do dia (pergunta 34), a resposta do entrevistado seria

diferente. Resgata-se os estudos de Welsh e Farrington (2002) que apontam que a iluminação pode influenciar na segurança pública e os de Goffman (1971) citado por Guedes, Cardoso e Agra (2012) que indicam uma relação entre a ideia de controle sobre o ambiente e o sentimento de segurança. Os enunciados das perguntas 32, 33 e 34 aparecem com frequência em questionários que buscam medir a sensação de segurança, como os casos das já citadas pesquisas sobre o medo do crime do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), em 2008, e da pesquisa da Rodrigues, em 2017. É considerada uma forma indireta de se medir o medo do crime. Em razão de sua importância, foi questionado, na pergunta 35, porque as pessoas se sentiriam inseguras nas duas situações (caso assim elas tenham assinalado). E entre as respostas disponíveis, que incluem exemplos como vitimização anterior, medo de regiões desconhecidas etc., está a seguinte opção, ligada ao objetivo da pesquisa: porque acompanho na imprensa os relatos de crimes que acontecem.

De forma direta, se pergunta sobre o medo do crime nas perguntas 36 e 39. A primeira (36), com o questionamento do quanto o respondente acredita que pode ser vítima de violência no próximo ano, em escala linear que vai de nada provável a muito provável. Na segunda (39), inquire-se sobre quanto medo de ser vítima dos seguintes crimes o entrevistado possui: agressão, violência sexual, vandalização de propriedade ou roubo de carro. Neste caso, a escala linear vai de nenhum medo a muito medo.

Depois, na questão 37, são inquiridos alguns hábitos que a pessoa adotou ou deixou de compartilhar, tirou da rotina etc., em razão do medo do crime. Entre os exemplos estão a evitação de pessoas, ruas ou regiões, a prática de esportes ou de treinamentos de defesa pessoal, compra de armas, entre outras questões relacionadas à fortificação da residência. E, por último, na pergunta 38, são questionadas afirmações que se resumem ao entendimento da confiança que o cidadão tem nas polícias e nas instituições judiciais. Para Lourenço (2010) e Hale (1996) o medo do crime traz consequências para a confiança da população sobre a capacidade das polícias e demais estruturas de defesa social na promoção de segurança e na manutenção da ordem social.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 RESULTADOS DA PESQUISA DOCUMENTAL

Assim como indicado na pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental realizada constatou que nenhuma outra grande área temática teve maior volume e expressão nos jornais do que as notícias categorizadas como Segurança/Criminalidade. Em dois veículos de comunicação, em dias diferentes, houve coincidência do número de matérias que compreendiam o maior volume do jornal. Mas, em nenhuma hipótese, nos dias avaliados, outro assunto abarcou mais notícias que os referentes à Criminalidade.

As coincidências em volume aconteceram nas seguintes situações, conforme também indica a Tabela 2: no dia 2 de fevereiro de 2022, não foi possível inferir quais grandes áreas prevaleceram no jornal MG TV 2ª edição, avaliado da TV Globo. Entre as sete notícias apresentadas, não houve repetição de grandes áreas. Ou seja, foram contemplados sete assuntos diferentes, na mesma proporção. Já em 6 de fevereiro, também de 2022, o noticiário da Rádio Itatiaia teve, igualmente, três notícias de Segurança/Criminalidade, três de Esportes e três de Economia.

No cálculo geral dos dias avaliados, as notícias de Segurança/Criminalidade representaram 61 das 205 matérias disponibilizadas pelos jornais ao público, nos três dias de análise, em semanas diferentes, tal qual já descrito na metodologia. Ou seja, 29,7% de todo o conteúdo jornalístico ofertado (televisivo, radiofônico, de internet e impresso) foi constituído por notícias que envolviam relatos de crimes.

Para se dar uma ideia de grandeza desse percentual, pode-se destacar que, mesmo em tempos de pandemia da covid-19 e de reforço de informações de Saúde a todo tempo, essa área ocupou 16,5% do noticiário, com 34 matérias no período, número próximo da metade do total de notícias de Criminalidade. Já em terceiro lugar, estão as notícias classificadas como Cidades/Outros, que abarcam assuntos pertinentes à rotina da cidade, como trânsito, acidentes etc. Cidades/Outros, com 26 notícias, detêm 12,6% do noticiário. Enquanto o Esporte, em quarto lugar, com 19 matérias, fica com 9,26% do noticiário.

Na análise das três semanas de pesquisa documental, em separado, as matérias de criminalidade alcançaram 28,7%, 27,2% e 35,4% dos conteúdos jornalísticos gerais, como pode ser melhor detalhado na Tabela 2. O domingo, dia 6 de fevereiro, inclusive, teve percentual

(35,4%) acima da média geral, uma vez que 17 dos 48 conteúdos divulgados naquele dia foram de Criminalidade.

Já na avaliação de cada um dos veículos de comunicação (Jornal Super, Portal O Tempo, Rádio Itatiaia e TV Globo) nos dias pesquisados, houve variação de 14,2% até 61,5% do total de espaço concedido a informações de criminalidade. Esses 61,5% representam 8 das 13 notícias divulgadas pelo Portal O Tempo no domingo, dia 6 de fevereiro. Mais detalhes estão na Tabela 2.

Destacada abaixo, a Tabela 2 (Medição de volume nos jornais destrinchada por datas), apresenta mais variações da diferença entre o destaque do noticiário ocupado pelo tema Criminalidade e as demais grandes áreas avaliadas nesta pesquisa documental. Já o Anexo 1, ao fim da dissertação, apresenta todas as 205 matérias avaliadas durante três semanas e as grandes áreas as quais cada uma delas pertencem.

Tabela 2 - Medição de volume nos jornais destrinchada por datas

Data	Veículo	Noticiário de criminalidade	Noticiário Geral	Percentual representativo	Destques 1²	Destques 2²
27/01/2022 (Quinta-feira)	Jornal Super Notícia	7	23	30,4%	Esportes (5/21,7%) Cidades/Outros (5/21,7%)	Entretenimento (3/13%)
	Rádio Itatiaia (Jornal da Itatiaia 1 ^a Edição)	7	27	25,9%	Saúde (4/14,8%) Cidades/Outros (4/14,8%)	Esporte (3/11,1%)
	Portal O Tempo	8	26 ¹	30,7%	Saúde (6/23%)	Cidades/Outros (5/19,2%)
	Tv Globo (MG TV 2 ^a edição)	1	4 ³	25%	Cidade/Outros (1/25) Saúde (1/25%) Chuvas	-

					(1/25%)	
27/01/2022	TOTAL	23	80	28,7%	-	-
Data	Veículo	Noticiário de criminalidade	Noticiário Geral	Percentual representativo	Destques 1²	Destques 2²
02/02/2021 (Quarta-feira)	Jornal Super Notícia	5	19	26,3%	Saúde (4/21%) Esportes (4/21%)	Entretenimento (2/10,5%)
	Rádio Itatiaia (Jornal da Itatiaia 1ª Edição)	6	20	30%	Política (4/20%)	Saúde (3/15%)
	Portal O Tempo	9	31 ¹	29%	Saúde (8/25,8%) Cidades/Outros (8/25,8%)	Educação (3/9,6%)
	Tv Globo (MG TV 2ª edição)	1	7	14,2%	Não se aplica ⁵	Não se aplica ⁵
02/02/2021	TOTAL	21	77	27,2%	-	-
Data	Veículo	Noticiário de criminalidade	Noticiário Geral	Percentual representativo	Destques 1²	Destques 2²
06/02/2022 (Domingo)	Jornal Super	6	18	33,3%	Esportes (4/22%)	Entretenimento (3/16,6%) Saúde (3/16,6%)
	Rádio Itatiaia	3	17	17,6%	Economia (3/17,6%) Esportes ⁶ (3/17,65)	Saúde (2/ Internacional (2/11,7%)
	Portal O Tempo	8	13 ¹	61,5%	Cidades/Outros (3/23%)	Saúde (2/15,3%)
	Tv Globo – não há exibição do MG TV 2ª edição aos domingos					
06/02/2022	TOTAL	17	48	35,4%	-	-

Fonte: Elaborado pela autora a partir da coleta de material jornalístico entre os dias 27/01/2022 e 06/02/2022

Tabela 3 - Medição geral de volume nos jornais avaliados

Data	Veículo	Noticiário de criminalidade	Noticiário Geral	Percentual representativo
Somatório	Jornal Super Notícia	18	60	30%
Dias: 27/01/2022	Rádio Itatiaia (Jornal da Itatiaia 1ª Edição)	16	63	44,4%
02/02/2022	Portal O Tempo	25 ¹	40	62,5%
06/02/2022	Tv Globo (MG TV 2ª edição)	2	11	18,1%
Período completo	Todos os veículos analisados	61	205	29,7%

Fonte: Elaborado pela autora a partir da coleta de material jornalístico entre os dias 27/01/2022 e 06/02/2022

1 - Na análise do portal, foi avaliado o quanto as notícias sobre crimes prevalecem ou não sobre as demais notícias do que chamamos de caderno/seção Cidades/Geral etc. Esse caderno é a subdivisão no qual as notícias de criminalidade em geral são publicadas

2 – Destaques 1 e 2, nesta tabela, significam os assuntos divididos em grandes áreas⁴ que, junto com o noticiário de criminalidade, ocuparam maior espaço nos jornais nos dias específicos em análise. Na coleta de dados, percebeu-se que nenhum outro tema apresentou mais volume do que os que se enquadravam como “criminalidade”, apesar de o período avaliado estar marcado por episódios relatáveis e importantes com temas como covid-19 e período de chuvas. Pretendeu-se explorar o segundo e terceiro lugar de um imaginável ranking de assuntos de destaques nos jornais, até para uma avaliação do quanto a criminalidade, em primeiro lugar, poderia estar distante dos segundos e terceiros colocados.

3 - Em razão do jogo Brasil e Equador, pelas Eliminatórias da Copa, o MGTV2 foi menor, com apenas 4 destaques.

4- As grandes áreas de assuntos dos jornais consideradas para categorização foram as seguintes: Segurança/Criminalidade, Saúde, Educação, Esportes, Política, Economia, Internacional, Cultura, Entretenimento, Veículos, Chuvas e Cidades/outros.

5 - No dia 2/2, especialmente, não foi possível inferir quais grandes áreas prevaleceram no jornal MG TV 2ª edição, avaliado da TV Globo. Entre as sete notícias apresentadas, não houve repetição de grandes áreas. Ou seja, foram contemplados assuntos diversos como Política, Saúde, Segurança etc. – na mesma proporção

6 - Também em 2/2, o noticiário de Segurança empatou, em número de matérias, com o de Esportes e Economia, na Rádio Itatiaia

Também foi avaliada a escolha do veículo em dar destaque, priorizar nas páginas ou nos recursos de chamamento da audiência, como escaladas em rádio e TV, a informação de determinada matéria, diferenciando aquele fato do contexto geral de assuntos do dia. Essa é mais uma forma de medir o alcance que as informações de criminalidade têm no atingimento do leitor. Além do volume, o destaque amplia a chance de leitura de uma informação, ou seja, amplia a chance de que uma notícia de criminalidade chegue ao seu receptor, para as consequências já mencionadas e avaliadas, como o medo do crime. E, pode ser considerada também, uma forma de valoração daquela informação em detrimento de outras, feita pelo

veículo de comunicação, seja por razões relacionadas ao mercado ou por manutenção da audiência.

Conforme detalhado no Anexo 2 desta pesquisa, das 61 notícias de criminalidade avaliadas, 34 tiveram chamadas de capa no Portal O Tempo, Jornal Super ou nas escaladas dos jornais da Rádio Itatiaia e TV Globo. Ou seja, 55,7% de tudo que foi divulgado sobre crimes, mereceu um espaço diferenciado de chamamento do público e destaque nos veículos de comunicação.

Já que no que diz respeito às manchetes, principal notícia de determinado noticiário, pode-se inferir que a Segurança Pública é tema de 26,3%. Das 19 avaliadas, cinco estavam relacionadas ao relato de crimes. Apesar desse percentual significar mais de ¼ do total de manchetes do período avaliado, o tema ficou em segundo lugar entre as notícias principais. O assunto Saúde, com chamadas, principalmente, para informações de covid-19, ocupam 8 das 19 manchetes (42,1%). Os destaques de todas as manchetes, com a divisão por grande área, estão no Anexo 3 desta pesquisa.

Já o Anexo 4 traz uma análise sobre o gênero jornalístico adotado na difusão das informações sobre criminalidade disponibilizadas ao público no período avaliado. Foram utilizados os conceitos de Wolf (2005) e divididos os gêneros da seguinte forma: matérias factuais, notícias, que são aquelas cuja estrutura textual é mais simples e consiste, basicamente, na narração dos fatos tais como teriam acontecido; e reportagens especiais, que são aquelas que tratam o assunto com maior profundidade e trazem outros dados que demandam mais pesquisa, para contextualizar melhor aquela narrativa para o público alvo.

Entre as 61 matérias avaliadas, apenas duas (2,3%) se encaixaram nos padrões de reportagem especial. Ou seja, 97,7% de todas as informações de criminalidade que chegaram ao público no período avaliado foram classificadas como notícia e tinham uma estrutura textual mais simplificada. As 59 matérias em questão tratavam de temas factuais e traziam, basicamente, a descrição do fato criminal em questão.

Também foi avaliado, de forma complementar, se houve alguma contextualização diferenciada da informação de criminalidade trazida pela imprensa. Ou seja, se foi apontado algo que promovesse reflexões sobre o fato narrado, pontos de vista diferentes, ou até mesmo, contivesse uma referência social ao assunto.

Como foi detalhado no referencial teórico, pesquisas coincidem na constatação de que os relatos de fatos criminais se esgotam normalmente na descrição da sua consumação e suas

consequências imediatas e, raras vezes, os fatos são analisados a partir de perspectivas críticas alargadas ou distanciadas. De tal forma que, sem contexto, o crime parece que pode acontecer em qualquer lugar, em qualquer condição, com qualquer pessoa, potencializando o medo individual.

Na análise da existência ou não de contextos nas matérias, houve uma coincidência com o resultado da análise do gênero jornalístico. Nas 61 matérias avaliadas, apenas duas apresentaram esse referencial a mais, que são, exatamente, as reportagens especiais. Ambas são matérias de domingo que, em geral, tendem, no jornalismo, a serem mais ampliadas e contextualizadas que as divulgadas em dias úteis. São elas: 1) janeiro de muitos feminicídios, saiba mais sobre o projeto de lei que prevê que a Lei Maria da Pena seja discutida nas escolas; 2) esperança para os casos de estupro em Minas, que estão em alta: banco de perfis genéticos da Polícia Civil de Minas é o segundo maior do Brasil.

Em ambas as matérias, apesar de a narração sobre o aumento dos crimes em questão vir sem nenhuma contextualização ou referência social, e inclusive, com bastante alarmismo, há uma preocupação em apontar caminhos e outros pontos de vista para, por exemplo, discutir alternativas para a diminuição de casos da natureza criminal tratada.

Também foi realizada a avaliação de quais fontes foram utilizadas para a construção do discurso jornalístico no noticiário de criminalidade. Buscou-se quem foram os atores narradores do que aconteceu que contribuíram, portanto, com o conhecimento produzido e a informação sobre criminalidade divulgada em larga escala por meio das notícias. A ideia foi avaliar se as fontes oficiais, como polícias e Governo, predominavam nas matérias analisadas, a fim de problematizar um outro ponto abordado pelo referencial teórico desta pesquisa.

Como já destacado, o jornalismo é uma das molduras públicas para o entendimento de mundo dos cidadãos. Portanto, em um tema que contém em si elementos de especial conflitualidade, como a criminalidade, a presença de vozes e prismas alternativos é muito importante para a problematização de questões sociais projetadas a partir das notícias do crime bem como para a promoção da discussão pública. Não problematizar a narrativa da violência nos jornais construída por fontes oficiais é ignorar que o entendimento do fenômeno criminalidade está sendo afetado.

Entre as 61 notícias avaliadas no quesito fonte, apenas três, o que significa 4,9% do total, exploraram pontos de vista diferentes do oficial para a construção da narrativa de criminalidade. Com exatidão, há duas matérias nas quais a ótica não é a oficial. A primeira, tem como fonte

familiares da vítima, e trata de um possível caso de injúria racial. A segunda, é uma denúncia de lesão corporal em um curso de aperfeiçoamento policial, cujo enredo é totalmente narrado por um sindicato. A terceira matéria, já traz uma junção de fontes oficiais e não oficiais. É narrada pela Polícia Militar, com acréscimos de pontos de vista de testemunhas. Possivelmente, porque o caso de homicídio tratado teria sido cometido por um policial militar; de tal forma que outras fontes se transformam em exigência jornalística.

Entre as 58 matérias que, então, representam 95,1% do total de notícias de criminalidade e são conduzidas por fontes oficiais, 38 ou 62,2% delas possuem como principal informante a Polícia Militar. Tal característica, inclusive, reforça o conceito, tratado anteriormente, de notícias de criminalidade que tendem a tratar os delitos apenas como leituras de boletins de ocorrências. A imprensa, em poucos casos, realiza o acompanhamento de um crime pós-trabalhos da Polícia Civil, Ministério Público, Justiça etc. A exceção são os casos de narrativas de condenação em histórias que renderam bons destaques ou os casos de excepcional apelo público, de crimes que chocam a sociedade. O acompanhamento desses casos chocantes, inclusive, passa também por uma função mercadológica.

Destaca-se, ainda, que além dos 62,2% de matérias que tiveram a Polícia Militar como representante do discurso oficial, também foram encontradas narrativas ditadas pela Polícia Civil (13/21,3%), Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (2/3,2%) e Corpo de Bombeiros Militar (2/3,2%). Superior Tribunal Federal, Guarda Municipal, Polícia Rodoviária Federal, Poder Judiciário, Assembleia Legislativa de Minas Gerais e Instituto de Previdência dos Servidores de Minas Gerais também foram fonte em uma matéria (1,6%) cada um. A lista completa de notícias e suas respectivas fontes pode ser conferida no Anexo 5.

O último ponto analisado trata das naturezas criminais que são apresentadas pelo noticiário de criminalidade aos cidadãos. A ideia foi identificar e contabilizar os crimes que são objetos de matérias jornalísticas sobre violência e avaliar sua coincidência, ou não, com as estatísticas de criminalidade de Belo Horizonte.

O cômputo da natureza criminal inserida em cada uma das notícias avaliadas pela autora foi conferido pelo Observatório de Segurança Pública de Minas Gerais, da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp-MG), para evitar possíveis distorções de entendimento. E a contabilização levou em conta a narrativa da notícia, de forma que se pudessem ser aferidas não só matérias que descreviam determinado crime em si, mas também aquelas que, ao informar

sobre a prisão de determinados autores, lembravam todo o caso, trazendo à tona o discurso sobre o ato criminal. A lista completa dessa avaliação está no Anexo 5.

Como já mencionado na pesquisa bibliográfica, estudos que analisam a relação entre o noticiário de criminalidade e o medo do crime demonstram que as notícias mostram um mapa dos eventos criminais que se difere em muitos aspectos daquele que é facultado pelas estatísticas oficiais do crime. Ou seja, que os crimes relatados nos jornais são aqueles mais graves e não, necessariamente, os mais volumosos. Apesar da explicação existente do ponto de vista da ciência jornalística, dos valores-notícia, para tal abordagem, a situação traz distorções para o entendimento do fenômeno da criminalidade e, portanto, pode ser fator influenciador do medo do crime.

A Tabela 4, abaixo, foi confeccionada para demonstrar, com o recorte em Belo Horizonte, a diferenciação de mapas estatísticos de criminalidade e matérias divulgadas. Foram avaliados os três principais delitos apresentados aos cidadãos pelo noticiário de criminalidade da pesquisa documental e buscadas suas referências no mapa de eventos criminais da capital. Os dados estatísticos oficiais foram fornecidos pelo Observatório de Segurança Pública da Sejusp e confeccionados levando-se em conta o mesmo período utilizado para a análise das matérias. Cabe justificar que, a utilização de três crimes para a formatação da tabela, se explica pelo fato de serem os delitos efetivamente mais significativos no noticiário da imprensa avaliado e, também, pela cortesia realizada pelo Observatório de produção de um dado de difícil extração para esta dissertação, o que resultou em um pedido mais enxuto.

Entre as 61 notícias de criminalidade analisadas, 19 tratavam de homicídios. Ou seja, esse crime ocupou 31,1% de todo o noticiário, enquanto, no mapa de eventos criminais da capital, ele representa apenas 0,6% dos delitos. O homicídio tentado também alcançou 8 inserções nos jornais, o que significa 13,1%, enquanto, na realidade, significa 0,7% dos crimes. No caso do roubo, a superestimação não foi tão intensa como nas duas naturezas já citadas, mas é superior ao dado real. São cinco matérias (11,4%) contra 7,3% de participação no mapa do crime da capital. Entre os outros delitos tratados pelas páginas dos jornais estão lesão corporal, estupro, estupro de vulnerável, extorsão mediante sequestro, roubo tentado, feminicídio, entre outros, que podem ser conferidos no Anexo 5.

Tabela 4 - Percentuais de crimes relatados por jornais comparados com estatísticas oficiais

Natureza Criminal	% dos crimes no noticiário de Criminalidade	Participação percentual no mapa de criminalidade de Belo Horizonte
Homicídio	31,1%	0,6%
Homicídio tentado	13,1%	0,7%
Roubo	11,4%	7,3%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Observatório de Segurança Pública/Reds/Sejusp e avaliação, entre 27/01/2022 e 06/02/2022, dos seguintes veículos: Jornal Super, Jornal da Itatiaia 1ª edição, Portal O Tempo e MG TV 2ª edição da TV Globo

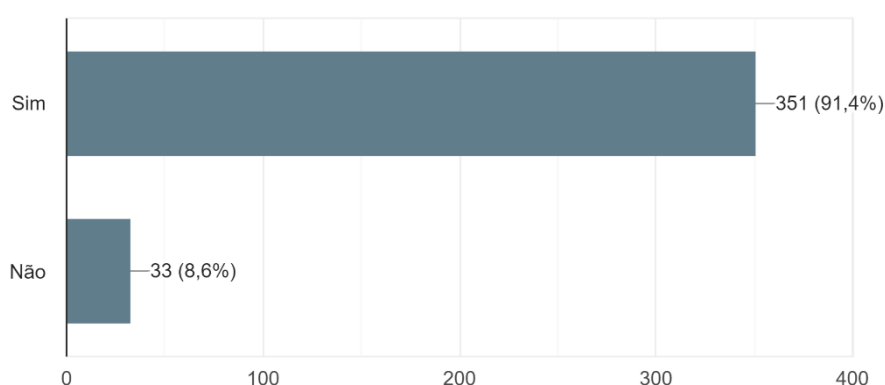
5.2 RESULTADOS DO SURVEY

O questionário disponibilizado por 120 dias em busca da relação entre o noticiário de violência e o medo do crime em Belo Horizonte (MG) foi respondido por 384 pessoas. Deste total, conforme o Gráfico 1 (Total de respondentes e cidade de residência), 351 respondentes eram moradores da capital mineira e, por isso, tiveram suas respostas validadas.

Gráfico 1 – Total de respondentes e cidade de residência

1. Você mora em Belo Horizonte (MG)?*

384 respostas

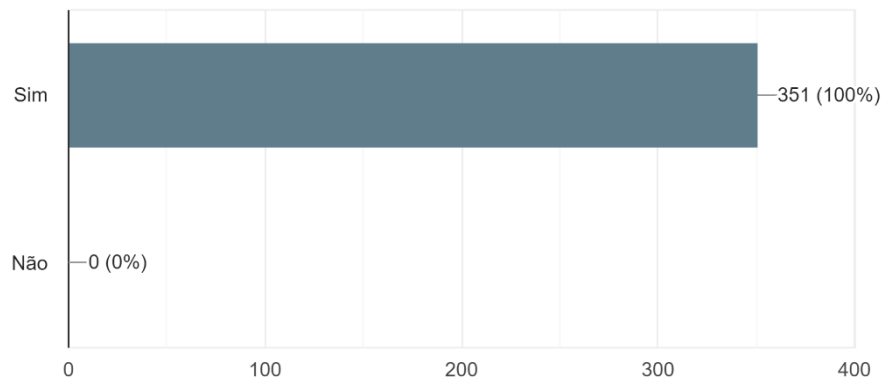


Os 33 entrevistados não residentes em Belo Horizonte (MG) tiveram suas respostas excluídas do banco de dados do *Google Forms*. A ação foi realizada para não comprometer a validade e a precisão dos resultados da pesquisa, ficando o Gráfico 2, representante da questão “Você mora em Belo Horizonte”, da seguinte forma, após o ajuste metodológico.

Gráfico 2 - Total de respondentes e cidade de residência/Ajuste Metodológico

1. Você mora em Belo Horizonte (MG)?*

351 respostas

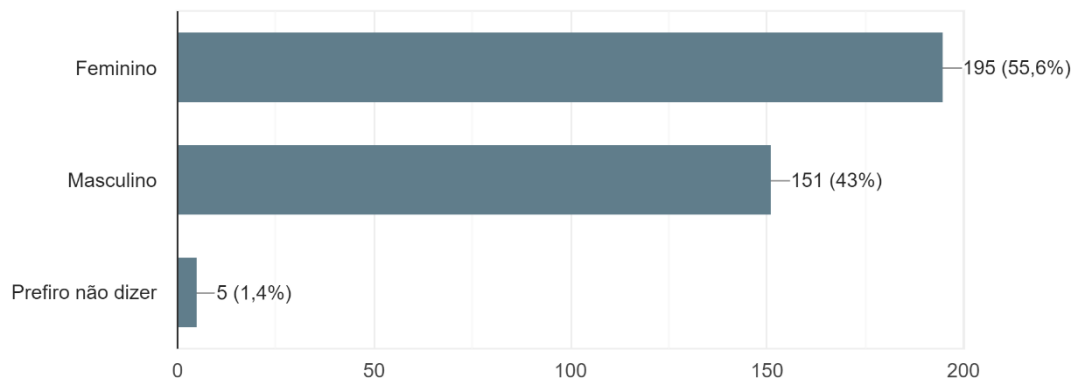


Entre os entrevistados, 195 se declararam do gênero feminino (55,6%) e 151 pessoas, do masculino (43%). Outros 5 respondentes (1,4%) preferiram não informar o gênero.

Gráfico 3 - Gênero dos respondentes

2. Gênero:

351 respostas



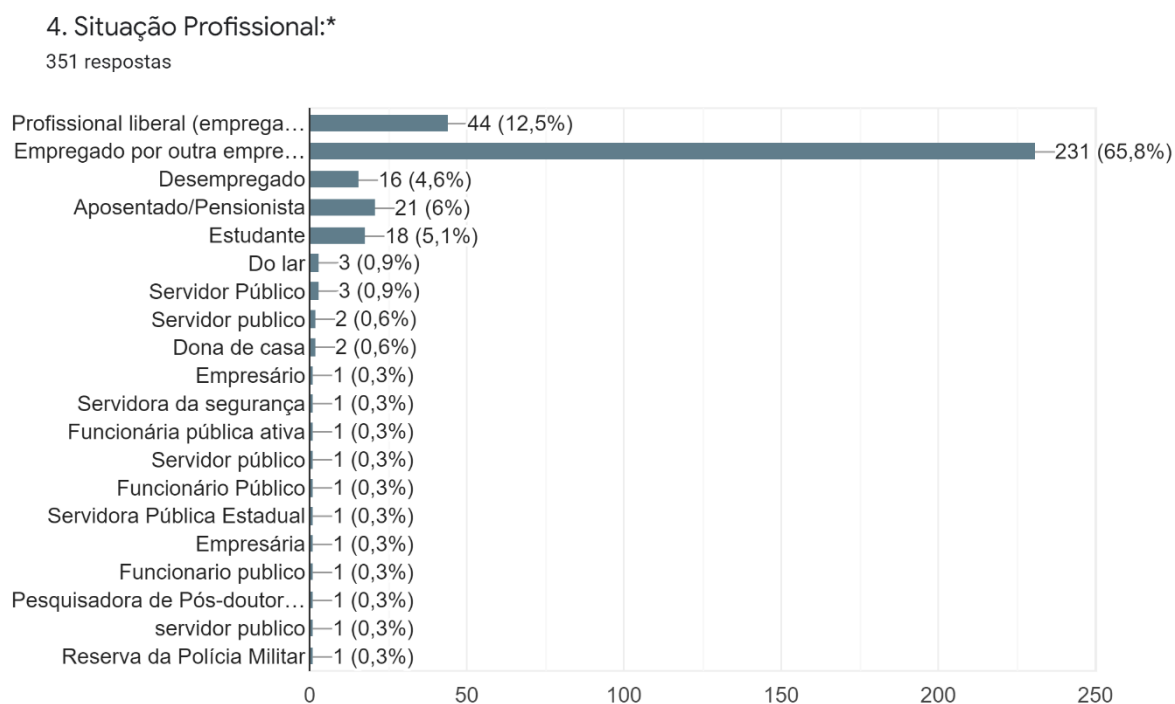
A pergunta de número 3 era aberta e inquiria sobre a profissão dos entrevistados. A ideia foi observar se não haveria uma repetição exagerada de algum tipo de ocupação que, pelo ofício, pudesse trazer prejuízos na análise das respostas. Essa preocupação não foi constatada e, como os resultados encontrados foram muito amplos, não será destacada a resposta de todos os 351

respondentes. Serão ressaltadas apenas as profissões que mais apareceram na caixa de perguntas aberta.

Em primeiro lugar, está o cargo de servidor/servidora pública (51 respostas ou 14,5% do total); em segundo lugar, o de professor/professora (24 respostas ou 6,8% do total) e, em terceiro lugar, do lar/dona de casa (17 respostas ou 4,8% do total).

Já na avaliação da situação profissional, 65,8% dos entrevistados declararam ser empregados de uma empresa/pessoa ou órgão público. Esse percentual representa 231 pessoas. Os dados vêm seguidos de 44 ou 12,5% de profissionais liberais respondentes; 6% de aposentados, com 21 entrevistados; 4,6% de desempregados (16 pessoas) e demais especificações que podem ser conferidas no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Situação profissional dos respondentes



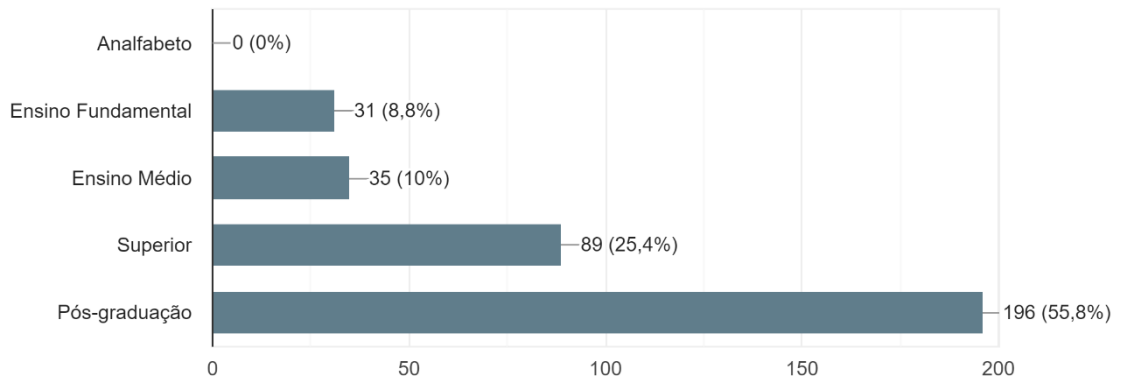
Já no que diz respeito ao grau de escolaridade, questionado na pergunta 5, foi encontrado o seguinte resultado: 196 respondentes ou 55,8% do total declaram que possuem pós-graduação e 25,4% tem curso superior, o que representa 89 entrevistados. Outros 35 respondentes (10%) possuem ensino médio e 31 (8,8%), ensino fundamental. Nenhuma pessoa se declarou

analfabeta entre os colaboradores do *survey*. No questionário, foi considerado o grau de escolaridade em andamento ou finalizado.

Gráfico 5 - Grau de escolaridade dos respondentes

5. Grau de Escolaridade:*

351 respostas

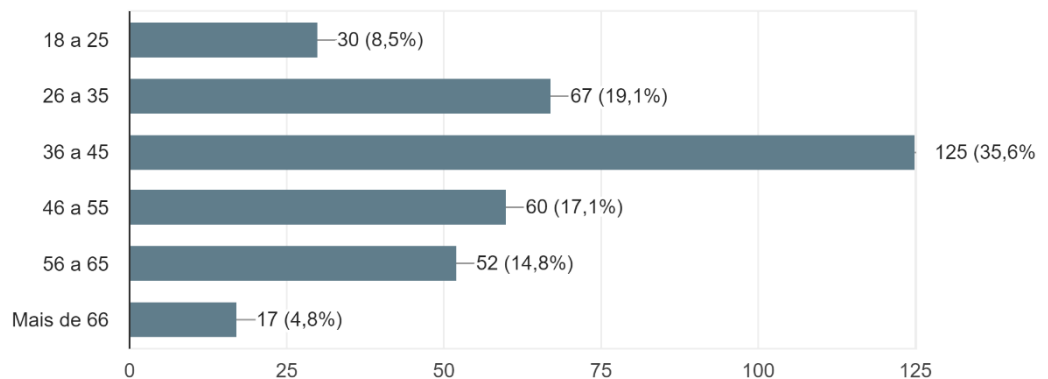


A pergunta 6 abordou a idade dos entrevistados. A maior parte, 35,6% tem entre 36 e 45 anos. Há ainda 67 pessoas (19,1%) que declararam ter entre 26 e 35 anos; 60 pessoas (17,1%), informaram que tem entre 45 e 55 anos; 52 pessoas (14,85%), entre 56 e 65 anos; 30 pessoas (8,5%), entre 18 e 25 anos e outras 17 pessoas (4,8%), mais de 66 anos.

Gráfico 6 - Idade dos respondentes

6. Idade

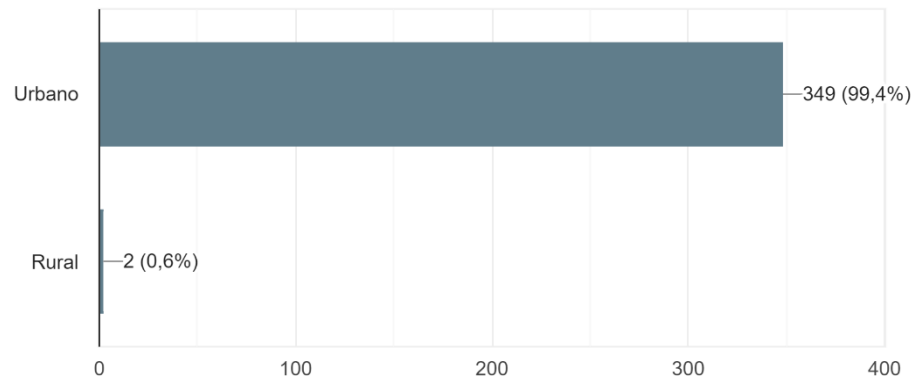
351 respostas



Foi também perguntado aos entrevistados sobre o meio em que consideram que passam a maior parte do tempo. Entre os respondentes, 99,4% ou 349 pessoas moram no meio urbano e 2 pessoas (0,6%), no meio rural.

Gráfico 7 - Meio de moradia dos respondentes

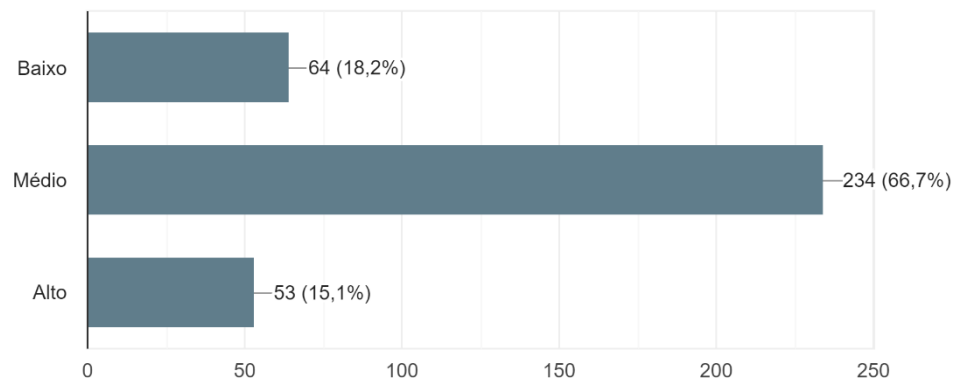
7. Em que meio considera que passa a maior parte do tempo
351 respostas



A pergunta 8 questionou sobre a percepção do estado socioeconômico dos entrevistados. Do total, 234 pessoas (66,7%) indicam que possuem uma condição média; 64 pessoas (18,2%), uma condição alta e 53 respondentes (15,1%), informam que têm uma percepção alta do seu estado socioeconômico.

Gráfico 8 - Percepção do estado socioeconômico dos respondentes

8. Qual sua percepção sobre seu estado socioeconômico
351 respostas



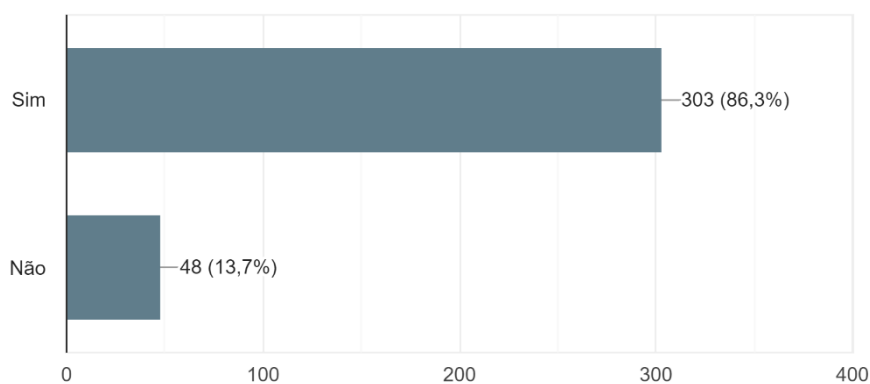
As perguntas de números 1 a 8 buscavam entender melhor o perfil de quem contribuiu com a pesquisa, avaliando, como primeiro ponto, se houve representatividade da população de Belo Horizonte entre os respondentes. Avalia-se que esse resultado foi obtido, com uma distribuição satisfatória de gênero, faixas de idade, local de moradia, entre outros pontos abordados junto aos entrevistados. Destaca-se que não houve uma amostra selecionada de indivíduos nesta pesquisa, apenas uma preocupação com representatividade a partir da análise sociodemográfica. Como já descrito, o método de amostragem escolhido foi o não probabilístico. A amostragem também é acidental causal ou conveniente, pois os inquiridos foram selecionados segundo a sua disponibilidade e vontade de participação no estudo. A partir dessa constatação, serão explanados outros resultados.

Já a pergunta 9 abre o grupo 2 do *survey* e diz respeito à percepção pessoal do respondente do seu nível de informação. Busca-se entender se ele se classifica como uma pessoa que acessa os jornais com certa frequência e possui domínio das divulgações dos veículos. Para a pesquisa que mede a influência do noticiário no medo do crime, ter uma maioria de pessoas que tem uma relação de rotina com a informação é o esperado. O resultado encontrado foi o seguinte: 86,3% ou 303 respondentes classificam que sim, que acompanham as notícias de Belo Horizonte de forma regular. Já 13,7% ou 48 pessoas assinalaram que não, que não se consideram bem informadas.

Gráfico 9 - Percepção de acompanhamento de notícias de forma regular

9. Você se considera uma pessoa bem informada, do ponto de vista de notícias oriundas da imprensa, em geral? Que acompanha as notícias da sua cidade de forma regular?

351 respostas



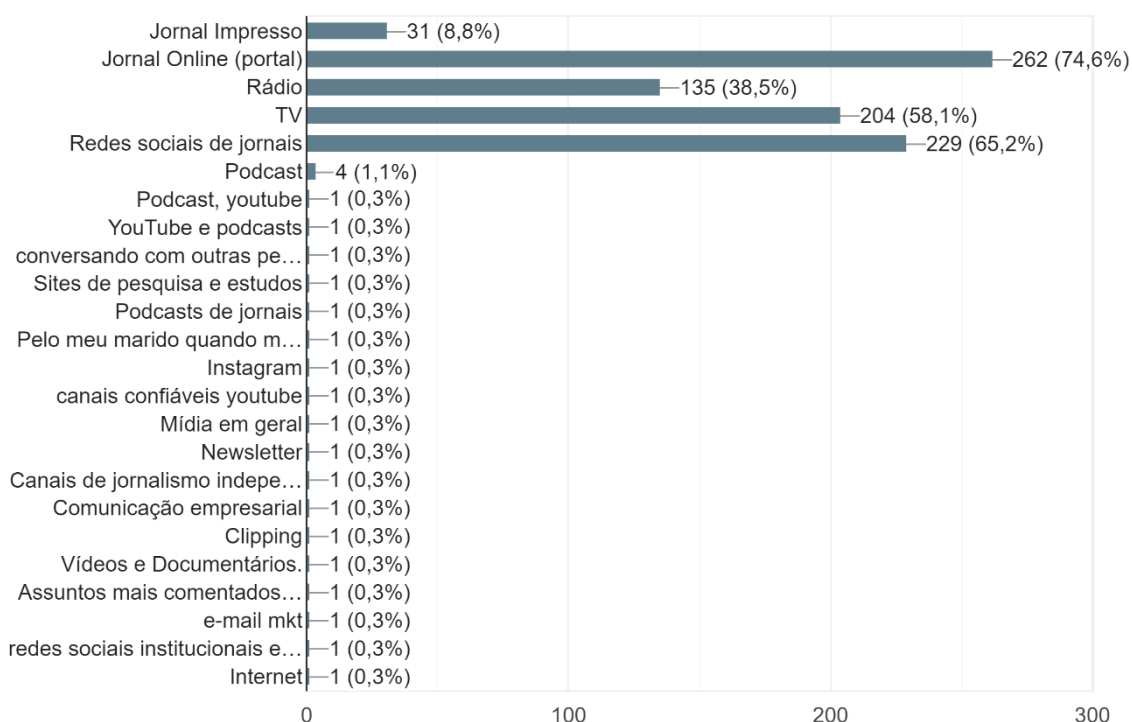
A pergunta 10 inquire sobre que tipos de veículos de comunicação (TV, rádio, portal, jornal etc.) são os mais utilizados para a busca de notícias. Aqui, o entrevistado poderia marcar

mais de uma opção, de forma que o total de respostas para as alternativas ultrapassa o total de entrevistados. A opção mais escolhida foi o portal de notícias da internet, com 74,6% ou 262 marcações. Em segundo lugar, estão as redes sociais de jornais com 229 seleções ou 65,2% das respostas. A TV teve 58,1% ou 204 marcações. O rádio fica com 38,5% das escolhas (135) e o jornal impresso, com 31 (8,8%). Outras opções de meio de informação, como *podcasts*, estão descritos no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Meios escolhidos para contato com as notícias

10. De que forma tem contato com as notícias?*

351 respostas



A pergunta 11 faz a restrição do tipo de veículo mais acessado para a busca de notícias. Aqui, ainda que em percentuais diferentes da pergunta anterior, portais de notícias e redes sociais de jornais seguem com a preferência dos respondentes. Os jornais online foram a escolha de 135 pessoas ou 38,5% do total de respondentes, ao passo que as redes sociais tiveram 119 marcações, ou seja, representam 33,9% da escolha do total de entrevistados. A TV, que aparece em muitas pesquisas como a de Penedo (2003) e Rodrigues (2017) como a primeira opção de

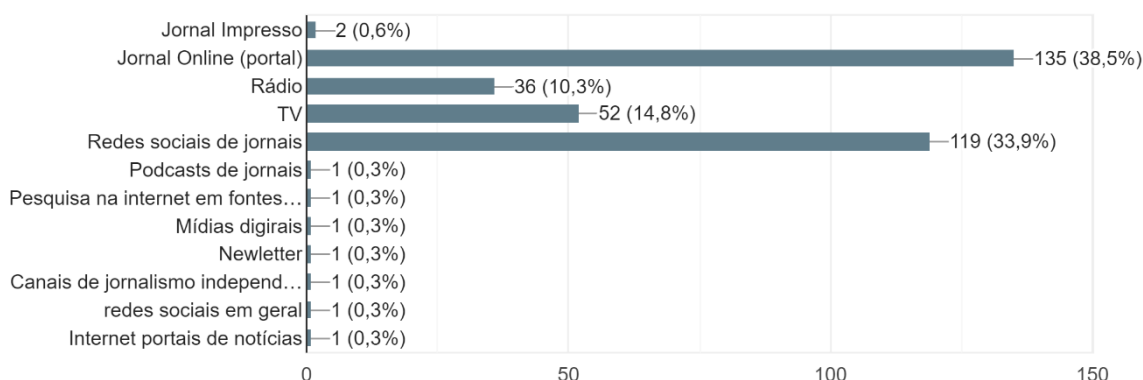
forma de informação, nesta análise, é a preferida para acesso às notícias de 14,8% (52) respondentes. O rádio, de 10,3% (36), e os jornais impressos apenas de 2 pessoas (0,6%).

Vale ressaltar que, somados, os dois formatos de informação online - portais de notícias e redes sociais de jornais - alcançam 72,4% das respostas como principal veículo utilizado para se informar. E, que, mais que uma análise de preferências, trazem reflexões sobre a forma que os conteúdos são consumidos. Como já verificado na fundamentação teórica, a informação na internet, que trouxe benefícios como a interação, também tende, em alguns casos, a ser mais superficial, pela velocidade que imprime nas divulgações. Portanto, talvez ainda mais sem contextualização do fenômeno criminalidade.

Gráfico 11 - Principal fonte de acesso a notícias

11. Qual a sua principal fonte de acesso a notícias? A MAIS usada.

351 respostas



Quando o questionamento é sobre o veículo, no sentido empresa, mais utilizado para a busca de informações (pergunta 12), o resultado é o seguinte: O Portal G1/MG aparece como o mais acessado, com 18,2% ou 64 respondentes, seguido do Portal O Tempo (14,8% e 52 respondentes). A TV Globo aparece em terceiro lugar com 14% (49) e a Rádio Itatiaia, em quarto, com 37 respostas ou 10,5% do total da preferência. Os demais veículos e seus percentuais podem ser consultados no Gráfico 12.

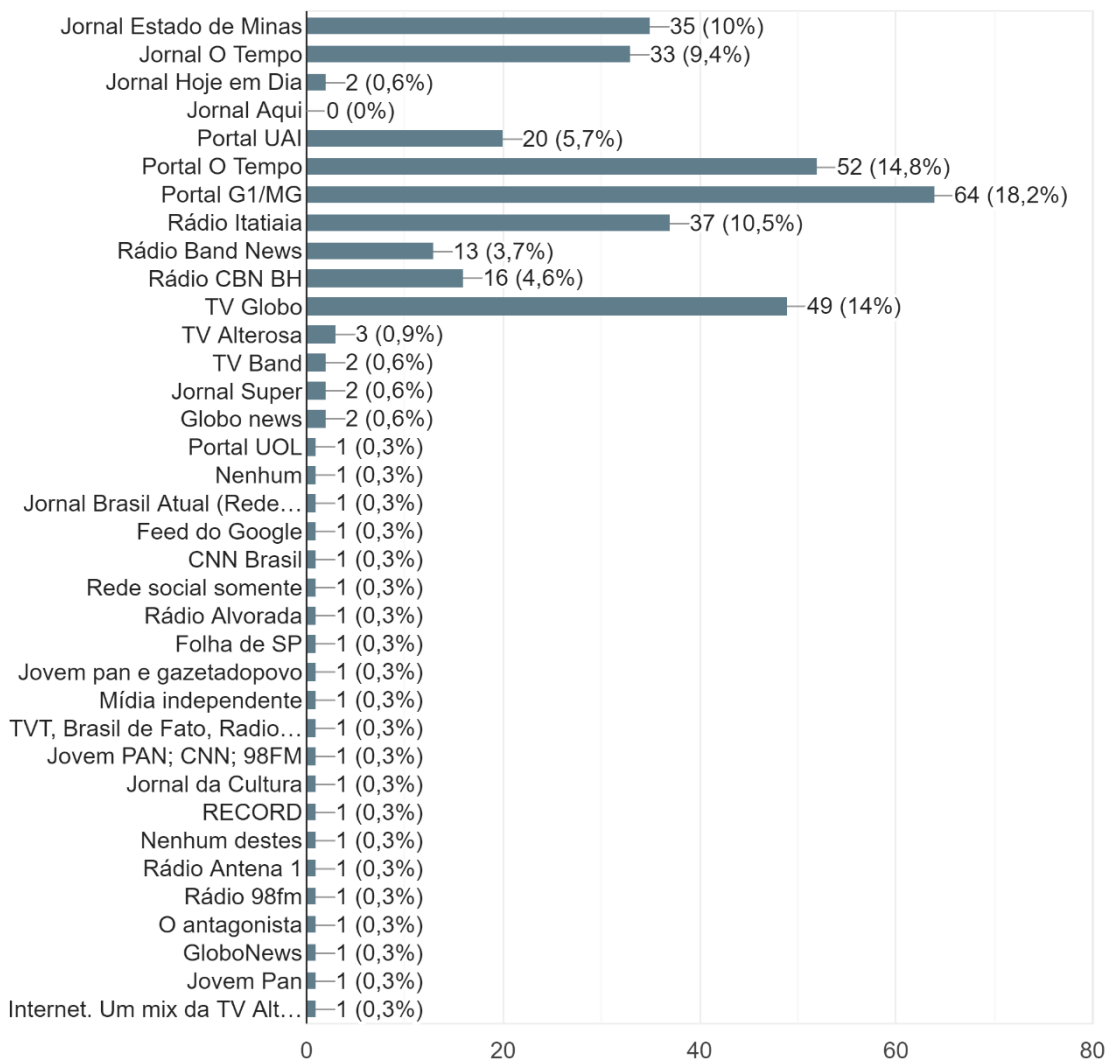
Cabe aqui ressaltar que o resultado dos veículos mais acessados pelos respondentes dessa pesquisa em muito se assemelha com os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), responsável pelo índice oficial de veículos com maior audiência/tiragem/venda. Segundo o IVC, TV Globo, Rádio Itatiaia, Portal O Tempo e Jornal Super são os mais

consumidos em suas respectivas categorias, em Belo Horizonte. Esses veículos, inclusive, foram analisados na pesquisa documental desta dissertação, realizada em busca de um raio-x sobre a forma que a imprensa cobre a criminalidade em Belo Horizonte.

Gráfico 12 - Predileção por veículo (empresa) de comunicação

12. Qual veículo de imprensa com notícias de Belo Horizonte TEM MAIS O HÁBITO ler/ver/assistir?*

351 respostas



A questão 13 aborda a frequência que os tipos de veículos de comunicação são acessados pelos colaboradores do *survey*, ainda em busca do perfil de hábitos de acesso à imprensa. Os

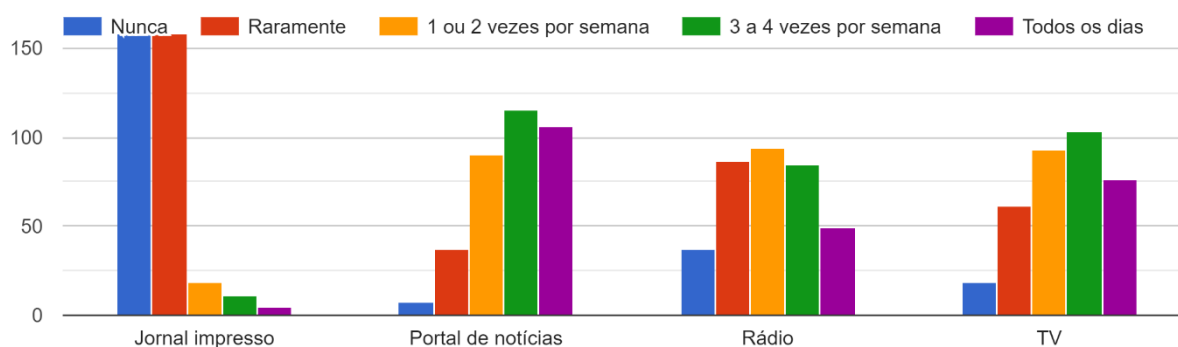
portais de notícias, mesmo sendo o meio mais utilizado para busca de informações, segundo os respondentes, é acessado todos os dias por 30,1% (106) dos entrevistados. A maior parte dos leitores de portal (32,7% ou 115 pessoas) informaram que se atualizam de 3 a 4 vezes por semana. E apenas 7 pessoas (1,9%) nunca acessam portais de notícias.

A avaliação de hábitos diários de leitura é ainda menos expressiva nos demais veículos: 21,6% (76 pessoas) no caso da TV, 13,9% (49 pessoas), no caso do rádio e 1,1% (4 pessoas) no caso do jornal impresso.

Deve ser salientado, aliás, o quanto o jornal impresso, nesta pesquisa, aparece como veículo que raramente ou nunca é utilizado para busca de informações. Somados, os dois índices alcançam 90% ou 316 pessoas do total de respondentes. Mais detalhes podem conferidos no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Frequência de busca por informações em jornais

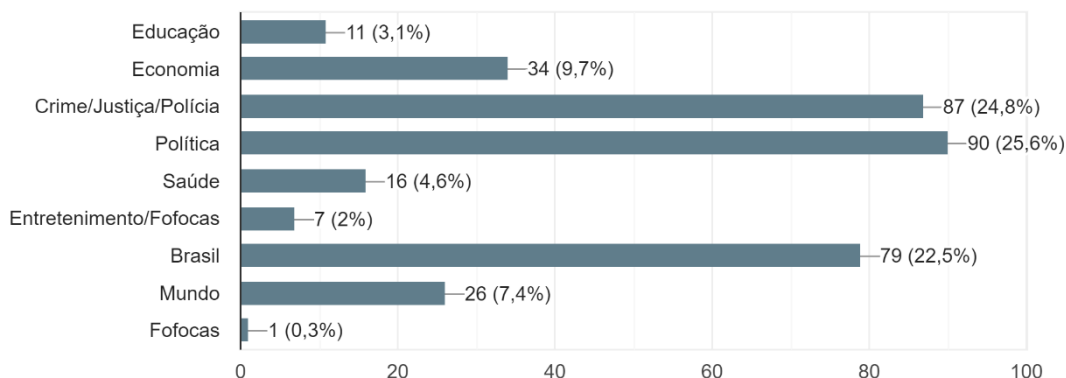
13. Com que FREQUÊNCIA lê/assiste/ouve os seguintes veículos de comunicação?*



A pergunta 14 questionou sobre a seção ou o caderno que os entrevistados tendem a procurar notícias com mais assiduidade. Especialmente, nesse caso, buscou-se identificar aqueles que leiam, com prioridade, informações de crime/justiça/polícia. As pessoas que marcaram essa opção somaram 24,8% ou 87 entrevistados. O que significa que a busca por informações de criminalidade ficou em segundo lugar entre os respondentes do *survey*, atrás apenas das informações de política que somam 25,6% ou 90 marcações. Os demais resultados podem ser visualizados no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Seção/caderno preferencial de busca de informações

14. Qual seção/caderno costuma ver mais? Qual é o que você utiliza para procurar por notícias?
351 respostas



As questões 15, 16, 17, 19, 20 e 21 tratam do tempo gasto no consumo de informações de jornalismo, número de horas médio. São um desdobramento da questão 13 que aborda a frequência, em dias ao longo da semana. Os resultados encontrados, em busca de um perfil de como os respondentes acessam os conteúdos da imprensa, foram os seguintes:

Na análise do comportamento de acessos aos conteúdos de portais/jornais percebe-se que tanto em dias de semana (74,6%), quanto aos finais de semana (79,2%), a maior parte dos respondentes dedica até uma hora do seu dia em busca de informações nesse tipo de plataforma. Aqui somamos os resultados de quem gasta de zero a 30 minutos com quem gasta de 30 minutos a uma hora.

Analisando esses dados de forma desmembrada, temos o seguinte: aos sábados e domingos é possível afirmar que há maior tendência da leitura por até meia hora (49%/172 respondentes). Já em dias úteis, a diferença é percentualmente muito pequena nos dois tempos apresentados (37,3% para até meia hora e 37,6% para até uma hora). Entre os respondentes, 2,6% (9 pessoas) se dedicam à atividade por mais de três horas, dado que tem um ligeiro aumento (3,1%, 11 pessoas) aos fins de semana. Mais informações estão nos Gráficos 15 e 16.

Gráfico 15 - Tempo gasto jornais/portais/Dia útil

15. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta com leitura de jornais/portais?
351 respostas

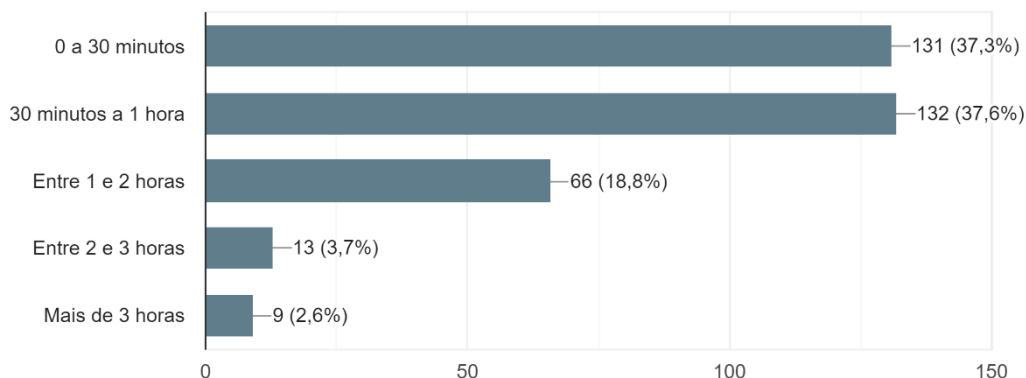
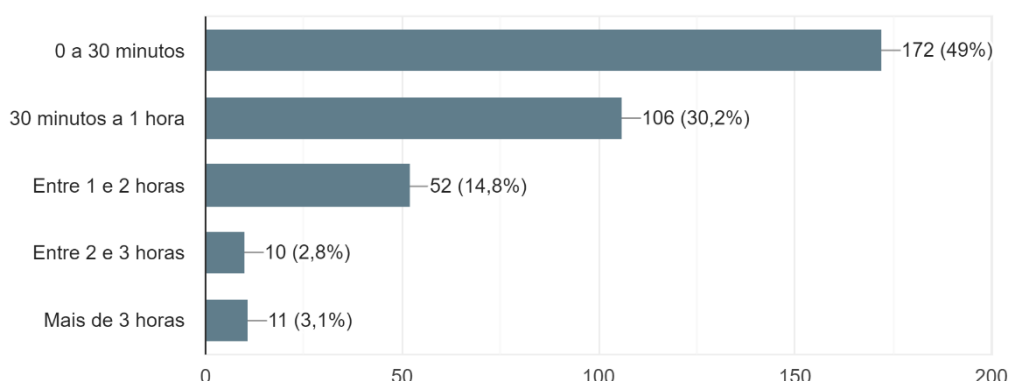


Gráfico 16 - Tempo gasto/portal/fim de semana

19. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta com leitura de jornais/portais?
351 respostas



Na análise do tempo gasto com informações jornalísticas no rádio, em separado, temos o seguinte resultado. A maior parte dos respondentes dedica de zero a 30 minutos à busca informações diárias nesse meio. Em dias úteis da semana, esse percentual é de 53,8% (189 pessoas) enquanto aos finais de semana, é de 64,4% ou 226 pessoas. O segundo lugar em marcações aponta que o tempo de 30 minutos a uma hora é a resposta de 23,1% dos respondentes (81), quando se levam em conta os dias úteis da semana; e de 19,9% (70 pessoas) quando se considera o fim de semana. Um percentual mais baixo de pessoas, assim como nos portais, gasta mais de três horas se informando pelo rádio. Durante a semana, representam 5,1%

ou 18 pessoas, enquanto aos fins de semana, representam 2,8% ou 10 entrevistados. Mais análises estão nos Gráficos 17 e 18.

Gráfico 17 - Tempo gasto/rádio/dia útil

16. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta ouvindo rádio e notícias?

351 respostas

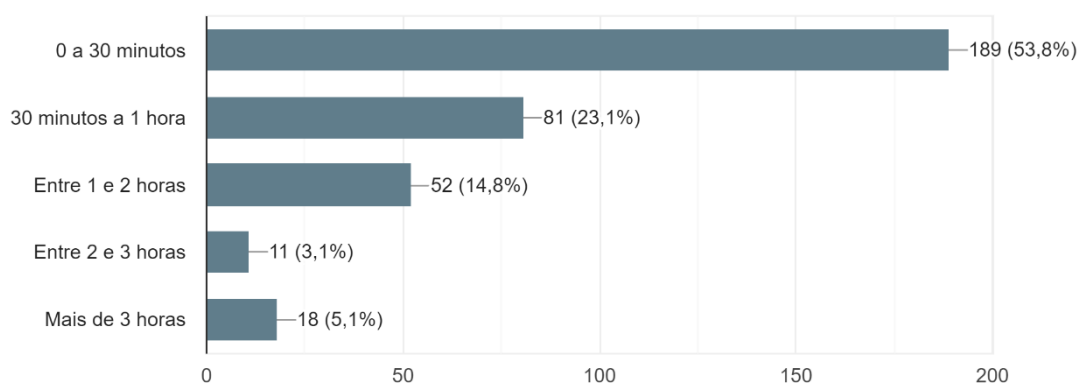
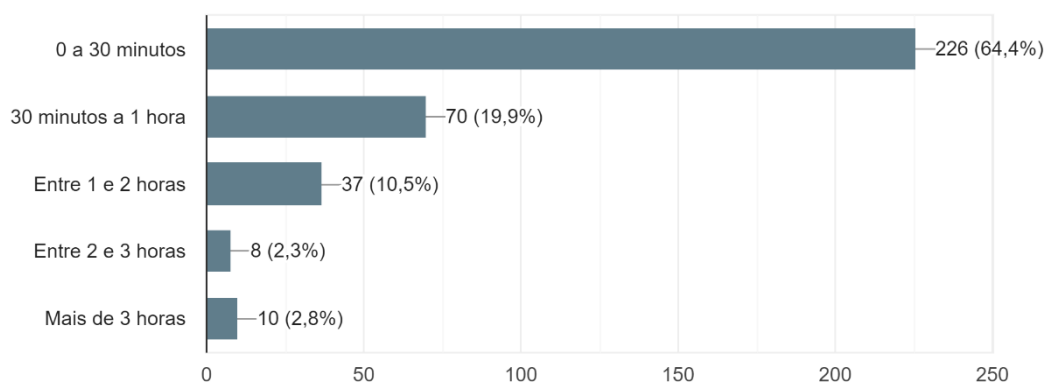


Gráfico 18 - Tempo gasto/rádio/fim de semana

20. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta ouvindo rádio e notícias?

351 respostas



Já quando o assunto é televisão, o tempo gasto com a busca de informações jornalísticas nesse meio ficou da seguinte forma, com base nas respostas do *survey*: 43,9% dos respondentes (154 pessoas) gastam de zero até meia hora assistindo tv em um dia útil, percentual que não se altera muito aos fins de semana, chegando a 43,6% ou 153 respondentes. O tempo de 30 minutos a uma hora é o segundo mais marcado pelos entrevistados e obtêm 24,8% (87) dos

respondentes em um dia útil e 29,9% (105) em um dia de fim de semana. Mais informações podem ser vistas nos Gráficos 19 e 20

Gráfico 19 - Tempo gasto/TV/Dia útil

17. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta vendo TV/notícias de jornais de TV?
351 respostas

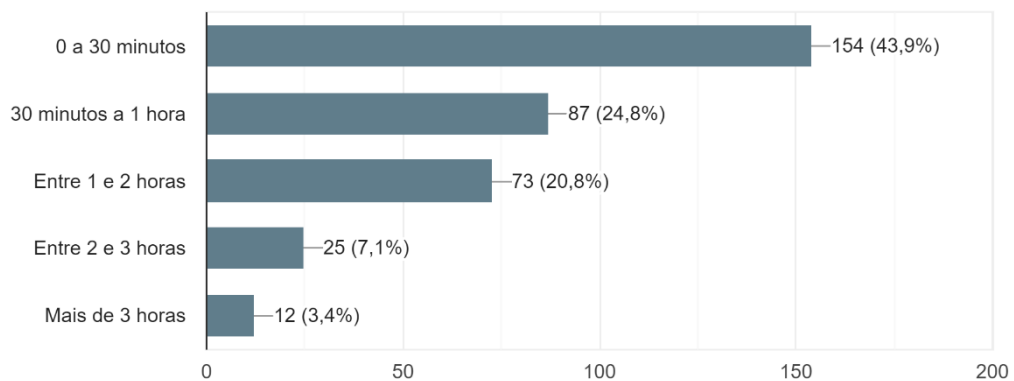
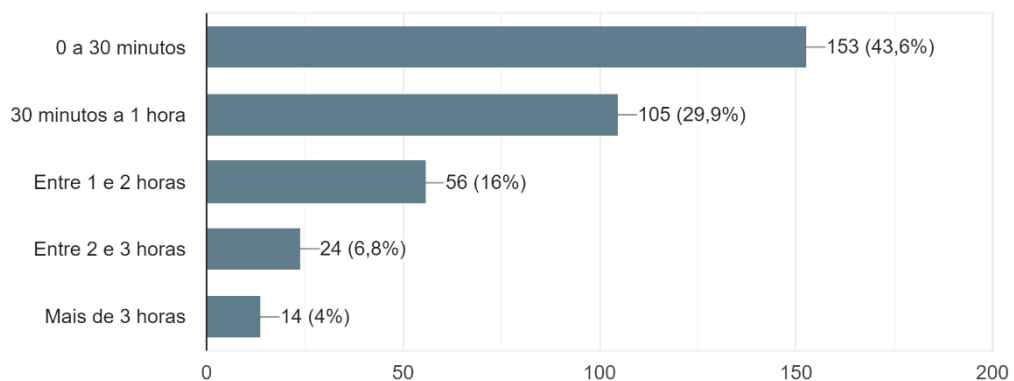


Gráfico 20 - Tempo gasto/TV/fim de semana

21. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta vendo TV/notícias de jornais de TV?
351 respostas



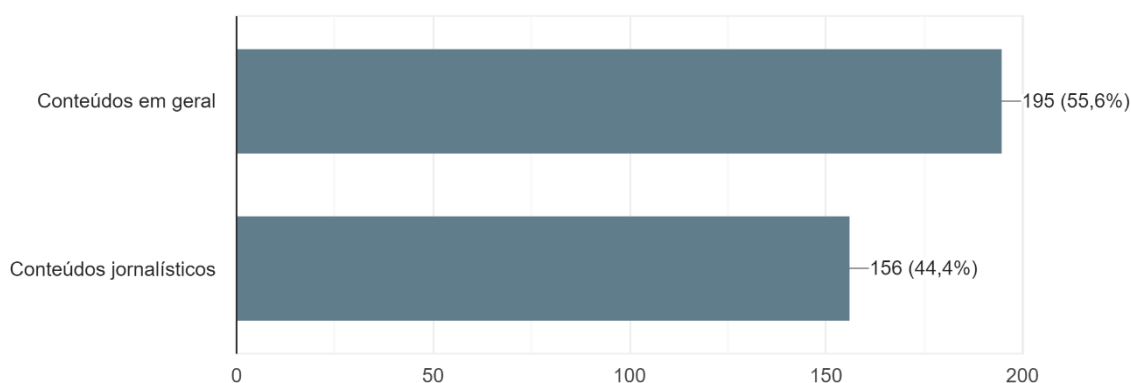
A pergunta 18, que propositalmente está sendo explanada após as anteriores que tratam do tema TV, questiona se o respondente passa mais tempo vendo conteúdos em geral ou conteúdos jornalísticos na TV, considerando as características desse veículo de oferta de uma grande gama de informações. O resultado encontrado foi que a maior parte dos entrevistados – 55,6% ou 195 pessoas – informou que assiste mais conteúdos em geral. O gênero jornalístico,

ficou com 44,4% das marcações, o que representa 156 pessoas. O resultado é mais um que lista um perfil de consumo de informações jornalísticas pelos respondentes do *survey*.

Gráfico 21 - Preferência de conteúdo na TV

18. – O que assiste mais quando vê TV?

351 respostas



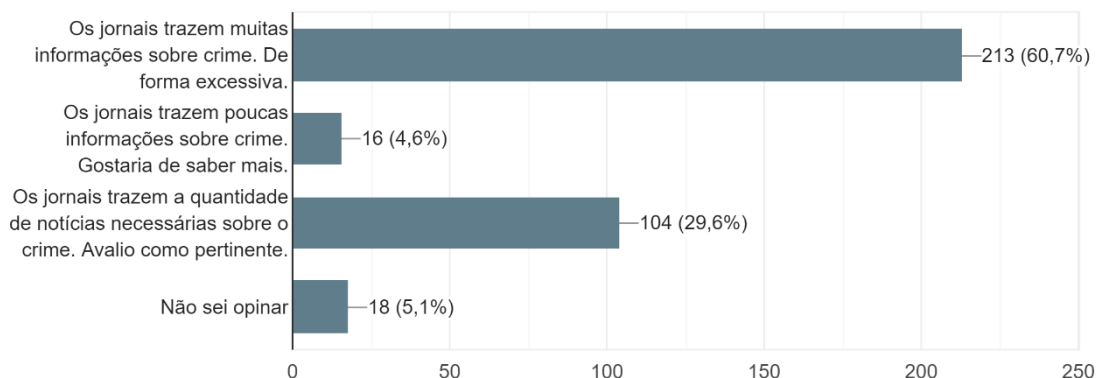
Na questão 22, vale destacar o que se buscou identificar: a percepção que os respondentes do *survey* têm da quantidade de informações de criminalidade que são disponibilizadas pelos jornais. Ou seja, o quanto eles avaliam que o amplo volume de notícias de criminalidade está relacionado a uma escolha editorial ou acreditam que isso se dá em razão de um grande volume de criminalidade correspondente.

Entre os entrevistados, 60,7% ou 213 pessoas acreditam que os jornais trazem um grande volume de notícias de crime, mas que isso acontece de forma excessiva. Outros 29,4% ou 106 pessoas, acreditam que a quantidade de notícias sobre violência disponibilizada é necessária e pertinente. Já 4,6% ou 16 pessoas acreditam que os jornais trazem poucas informações sobre o crime. Eles, aliás, gostariam de saber mais. Outros 5,1% (18) não souberam opinar sobre essa questão.

Gráfico 22 - Avaliação do volume das notícias nos jornais

22. Volume de notícias

351 respostas

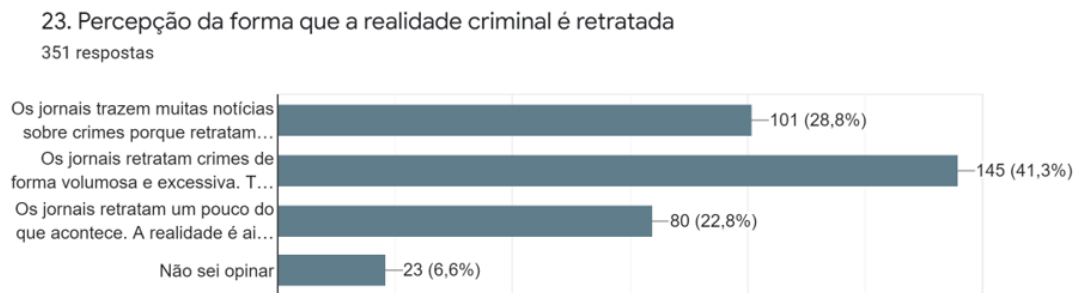


Na questão 23, a ideia foi avaliar a percepção das pessoas sobre a forma como a realidade criminal é tratada nos jornais. Se eles percebem que o que é trazido pela imprensa é fruto de uma mediação e de escolhas editoriais. Lembrando que, como já tratado na fundamentação teórica e pesquisa documental, o mapa dos eventos criminais oferecido pelos veículos de comunicação se difere, em muitos aspectos, daquele que é facultado pelas estatísticas oficiais do crime.

A maior parte das pessoas, 41,3% ou 145 respondentes marcaram a seguinte opção: os jornais retratam crimes de forma volumosa e excessiva. Tendem a mostrar os tipos mais graves, que não são os crimes que mais acontecem, criando uma realidade deturpada. Ou seja, conseguem perceber a mediação da imprensa sobre a realidade.

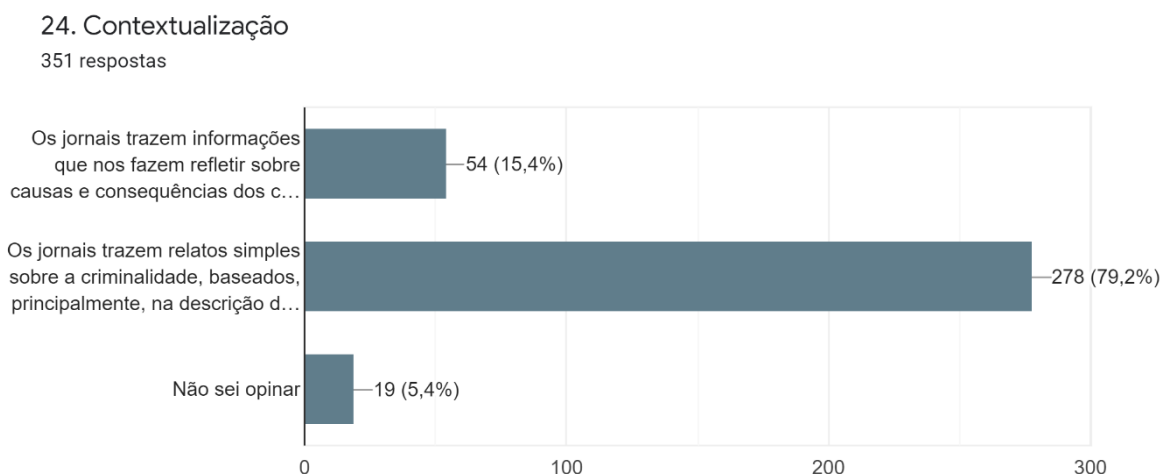
Entretanto, vale a ressalva. Há 28,7% ou 101 pessoas que responderam que os jornais trazem muitas notícias de crimes porque retratam a realidade. E outros 22,8% de respondentes (80) que assinalaram acreditar que os jornais trazem muitas notícias sobre crimes e retratam um pouco do que acontece, porque a realidade é ainda pior. Somadas, essas duas categorias, chegam a 51,5% ou 181 pessoas. E ambas podem ser interpretadas como respostas assinaladas por pessoas que reconhecem que há muita violência retratada nos jornais, mas que justificam isso ora com uma realidade criminal volumosa ora com a crença de um cenário ainda pior.

Gráfico 23 - Percepção da forma que a realidade criminal é retratada



Na questão 24, foi perguntado sobre a percepção dos respondentes sobre uma crítica de pesquisadores do medo do crime relacionada ao trabalho da imprensa: a de que os jornais não apresentam contextualização para os crimes, o que pode exponenciar o medo do mesmo. Entre os respondentes, 79,2% ou 278 pessoas reconhecem que os jornais trazem relatos simples sobre a criminalidade, baseados, principalmente, na descrição dos fatos. Já 54 pessoas ou 15,4% dos entrevistados afirmaram o contrário – que os jornais trazem informações que levam à reflexão das causas e consequências dos crimes. Outras 19 pessoas (5,45%) não souberam opinar sobre a questão.

Gráfico 24 - Contextualização dos crimes no jornal



Nessa mesma linha de raciocínio, chegamos à pergunta 25, mais voltada para uma avaliação territorial. É questionado aos respondentes se os mesmos pensam que os crimes relatados nos jornais podem acontecer com eles, na cidade deles, mesmo quando se tem acesso

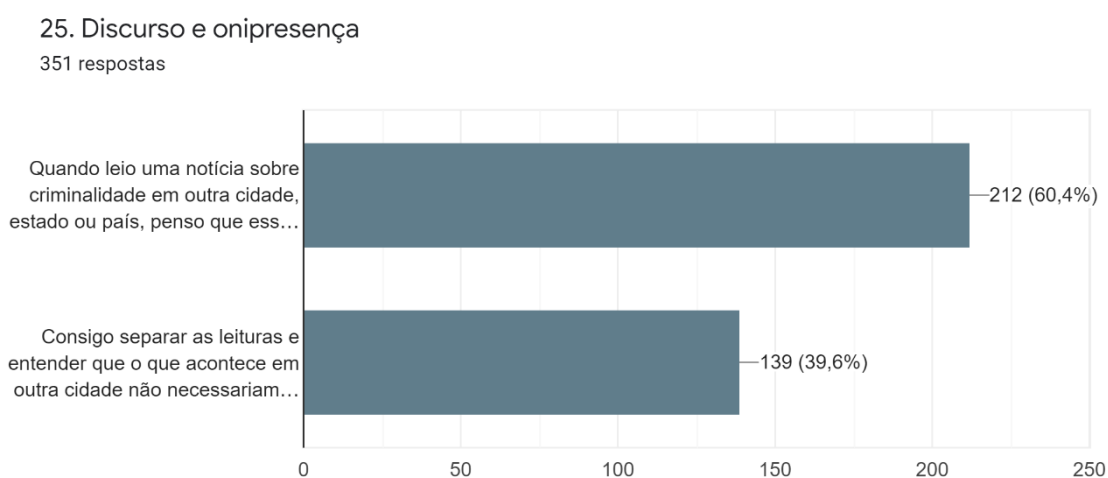
a um relato que acontece em uma região distante. Essa é outra crítica de pesquisadores para a amplificação do medo do crime por meio da imprensa. A falta de contextualização ajuda a carregar o drama do noticiário de criminalidade para qualquer lugar, assim como para qualquer circunstância, contribuindo para uma maior sensação de que se pode ser vítima de crimes.

Entre os entrevistados, 60,4% ou 212 pessoas assinalaram a resposta que afirmava que, quando eles leem uma notícia sobre criminalidade em outra cidade, estado ou país, acreditam que o que está narrado pode acontecer, também, com eles, na região de vivência deles. Ou seja, visualizam uma correlação positiva entre a representação social de mundo criada pela imprensa e seus sentimentos de insegurança.

Ainda sobre os resultados da questão 25 frente aos entrevistados, ressalta-se que 36,6% ou 139 acreditam que não, que conseguem separar a narrativa feita pela imprensa da crença que o exposto pode acontecer na cidade onde moram.

Essa pergunta é considerada por esta dissertação como um ponto argumentativo do nosso problema de pesquisa. Portanto, se a maior parte das pessoas, o que se confirmou, entende que um crime relatado em outra localidade tem o poder de trazer para o seu território o medo de que aquilo também possa acontecer com elas, entende-se que isso pode ser uma das justificativas para nosso problema de pesquisa. Já há reflexos, uma influência da narrativa de criminalidade no sentimento de insegurança individual.

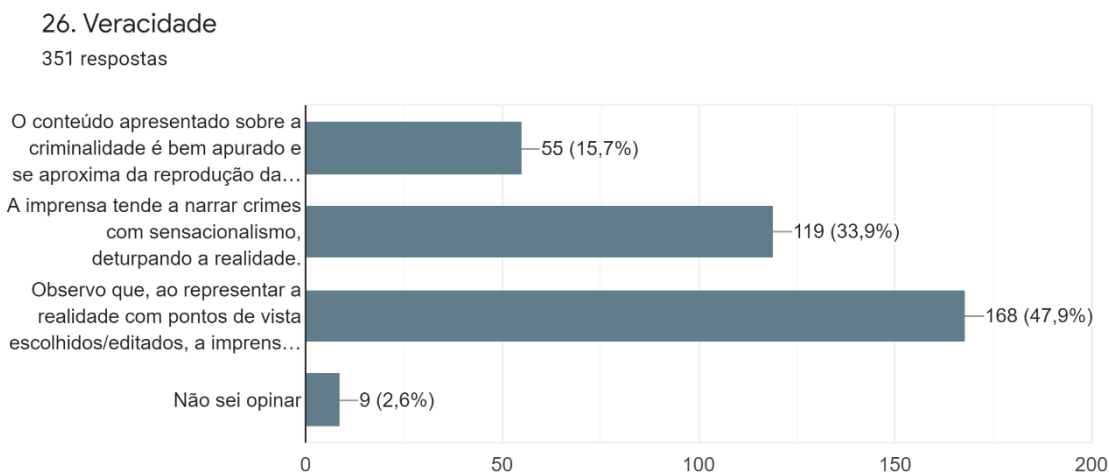
Gráfico 25 - Percepção de como crimes distantes relatados pela imprensa poderiam acontecer no território do respondente



A pergunta 26 quer avaliar o quanto os respondentes acreditam que os relatos da imprensa são verossímeis e se aproximam da reprodução da realidade. Isso porque, ao entender que tudo que está posto nos jornais é um reflexo fiel da realidade, e considerando que os jornais trazem os crimes mais graves e não, necessariamente, os que mais acontecem – pode-se ter uma visão mais pessimista e deturpada da realidade criminal - o que amplia o medo do crime.

Em uma visão geral, 47,9% dos respondentes, ou 168 pessoas, conseguem perceber a mediação realizada pelos veículos de comunicação. Ou seja, observam que, ao representar a realidade com pontos de vistas escolhidos ou editados, a imprensa influencia no que entendemos como verdade ou realidade. Outros 33,9% (119 pessoas) vislumbram que a imprensa narra os fatos com sensacionalismo, o que deturba a realidade apresentada. Já 15,7% dos colaboradores do *survey* ou 55 pessoas, acreditam que o conteúdo apresentado pelos meios de comunicação se aproxima da realidade. E nove pessoas (2,6%) não souberam opinar sobre a questão.

Gráfico 26 - Crença na veracidade das informações apresentadas pela imprensa



A pergunta 27 buscou saber como as pessoas têm acesso às informações de criminalidade de Belo Horizonte, que contribuem com o seu entendimento pessoal do fenômeno.

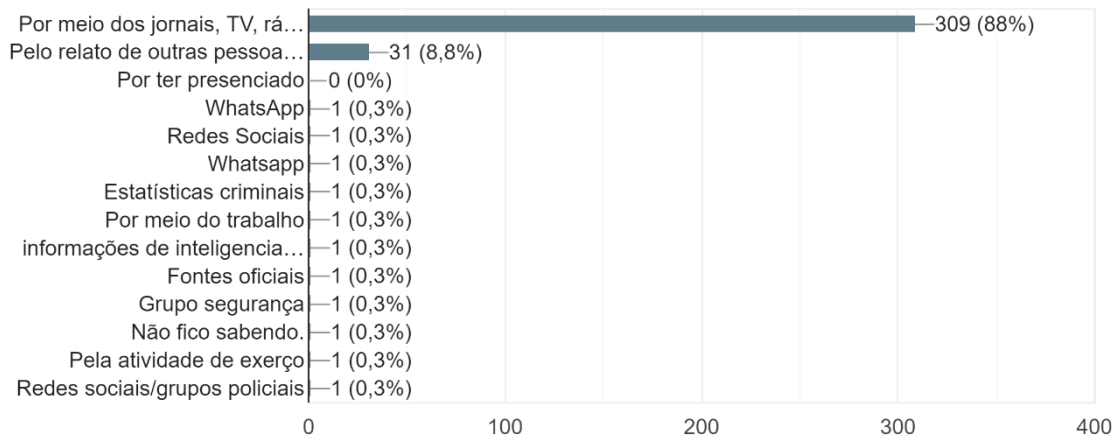
Um total de 309 pessoas, o que representa 88% dos respondentes, informou que a imprensa, por meio do rádio, tv, jornais etc., é sua principal fonte de informações sobre o crime. Há também 31 entrevistados, ou 8,8%, que assinalaram que o que sabem sobre o crime advém

do relato de outras pessoas. Outros detalhamentos das respostas relacionadas à essa pergunta podem ser observados no Gráfico 27.

Gráfico 27 - Fonte de acesso a informações sobre o crime

27. Como você fica sabendo da maioria dos crimes que acontecem na sua cidade? Escolha a principal fonte de acesso.

351 respostas



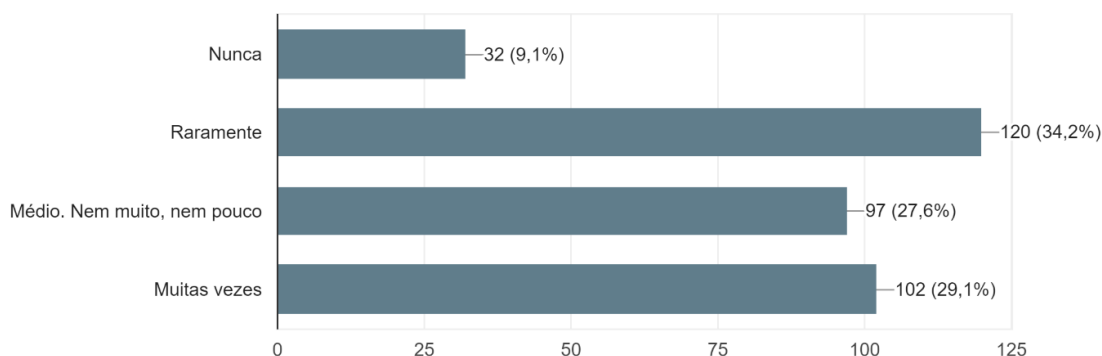
Na pergunta 28, a intenção foi entender a frequência que intencionalmente o entrevistado confirma assistir conteúdos relacionados à criminalidade, violência, justiça, polícia etc. Isso porque, como já referenciado, pesquisas indicam que as pessoas que leem mais notícias de crime expressam mais sensação de insegurança.

O resultado foi o seguinte: 34,2% ou 120 pessoas informaram que raramente buscam por esse tipo de conteúdo. Já 102 respondentes, o que significa 29,1% do total, afirmaram que assistem conteúdos sobre criminalidade, intencionalmente, muitas vezes. Em terceiro lugar está a possibilidade de resposta “nem muito, nem pouco”, que ficou com 97 marcações que simbolizam 27,6% do total. Já 9,1% (32 pessoas) informaram que nunca procuram informações de criminalidade nos jornais.

Gráfico 28 - Frequência de busca intencional por informações de criminalidade na imprensa

28. Qual a frequência você INTENCIONALMENTE assiste a conteúdos relacionados à violência/Justiça/Polícia?

351 respostas



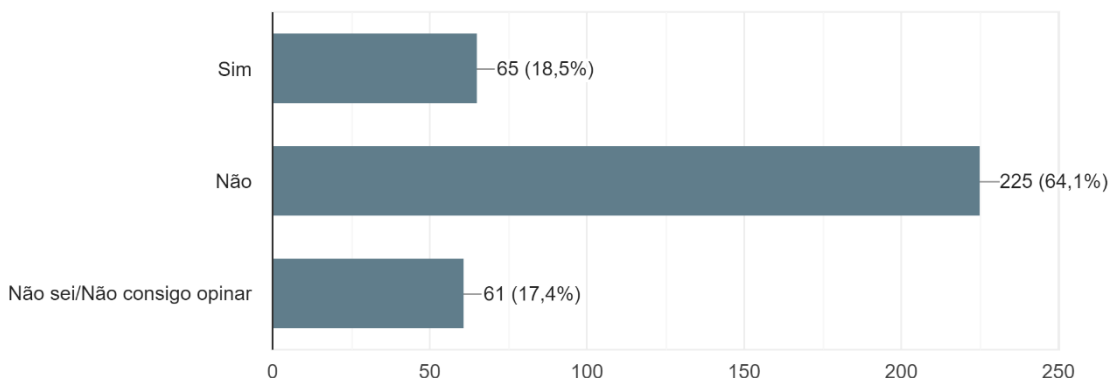
A pergunta 29 busca saber a percepção dos entrevistados sobre a criminalidade na cidade de Belo Horizonte: se ela está em queda ou não. Segundo informações da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais, de janeiro a novembro de 2021, último dado atualizado disponível, na comparação com o mesmo período do ano anterior, houve uma redução de 20,4% nos homicídios consumados, que saíram de 308 registros para 245. O roubo, também diminuiu 21,1%, passando de 9.338 registros para 7.359. Apesar das expressivas quedas em delitos sensíveis para a medição da segurança, nem sempre o resultado é sentido pela população, o que também é uma forma classificatória do que chamamos de sensação de insegurança ou medo do crime.

Entre os entrevistados, 64,1% ou 225 pessoas têm a percepção que a criminalidade na capital não está em queda. Já o número de pessoas que acreditam que as estatísticas de violência caíram (65 pessoas ou 18,5%) é praticamente o mesmo das pessoas que não sabem opinar sobre essa questão (61 pessoas ou 17,4%), conforme demonstrado no Gráfico 29.

Gráfico 29 - Percepção da criminalidade em Belo Horizonte

29. Na sua percepção, a criminalidade está em queda na sua cidade?

351 respostas



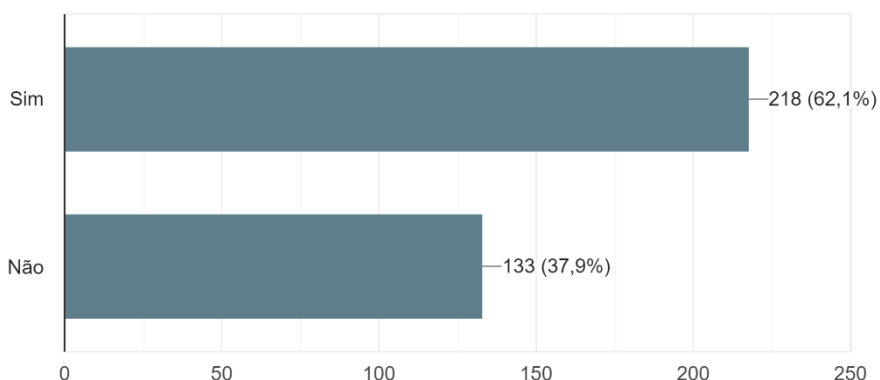
A pergunta 30 inquirir se a pessoa já foi vítima de algum crime anteriormente. Também é questionado o período (noturno ou diurno) que tal crime ocorreu. O resultado encontrado foi o seguinte:

A maior parte dos entrevistados, 62,1% ou 218 respondentes, foi vítima de crimes anteriormente. Já 37,9% (133 pessoas) informaram que não passaram por essa experiência.

Gráfico 30 - Vitimização anterior

30. Já foi vítima de algum crime anteriormente?

351 respostas

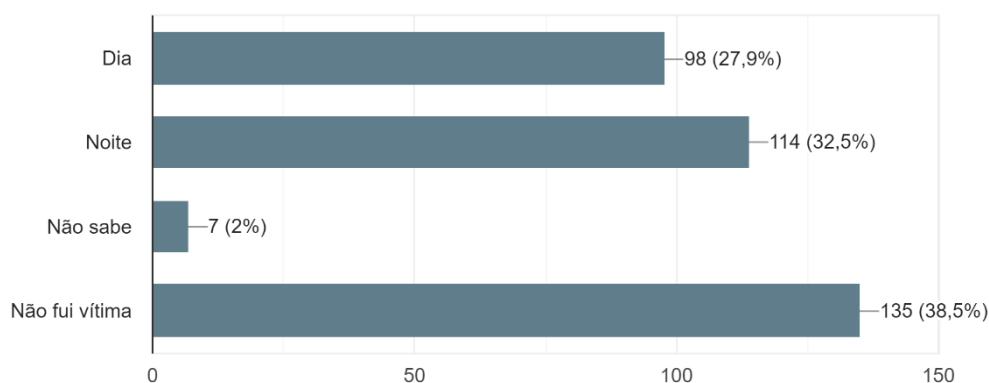


Na avaliação do período do dia em que o crime ocorreu, pode-se afirmar que a maior parte, 32,5% (114) foram ocorrências noturnas. As diurnas somam 27,9% (98). Sete pessoas não se lembram do horário do fato (2%).

Gráfico 31 - Período do dia/vitimização anterior

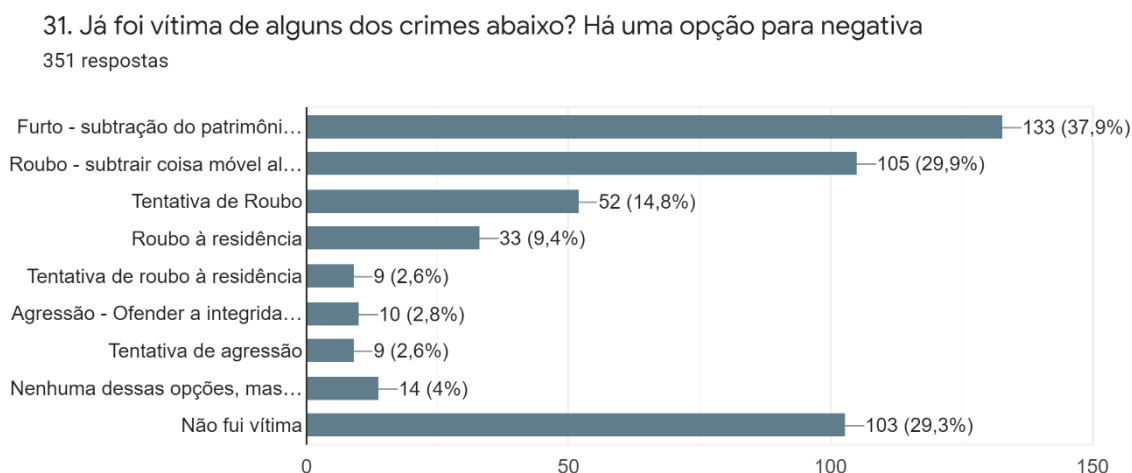
Indique o período do dia em que o último crime aconteceu

351 respostas



A questão 31 tenta ser bem específica na indicação desse crime, colocando para marcação em múltipla escolha algumas naturezas criminais mais volumosas ocorridas em Belo Horizonte, segundo informações do Observatório de Segurança Pública Cidadão do Estado, da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp). Entre os entrevistados e entre as alternativas disponíveis, 37,9% (133) informaram ser vítima de furto. O roubo aparece em segundo lugar com 29,9% (105). A tentativa de roubo ocupa 14,8% (52) das marcações. Mais detalhes podem ser conferidos no Gráfico 32.

Gráfico 32 - Natureza Criminal/Vitimização anterior



O enunciado das perguntas 32 e 33 aparece com frequência em questionários que buscam medir a sensação de segurança, como já mencionado. É considerado uma forma alternativa de se questionar sobre o medo do crime às pessoas, a partir da exposição de situações hipotéticas e rotineiras. A pergunta 32 quer saber se a pessoa sente medo ao caminhar sozinha e à noite perto da sua casa. Já a 33, inquire se, sob as mesmas condições, o respondente tem medo de caminhar em regiões da cidade não conhecidas.

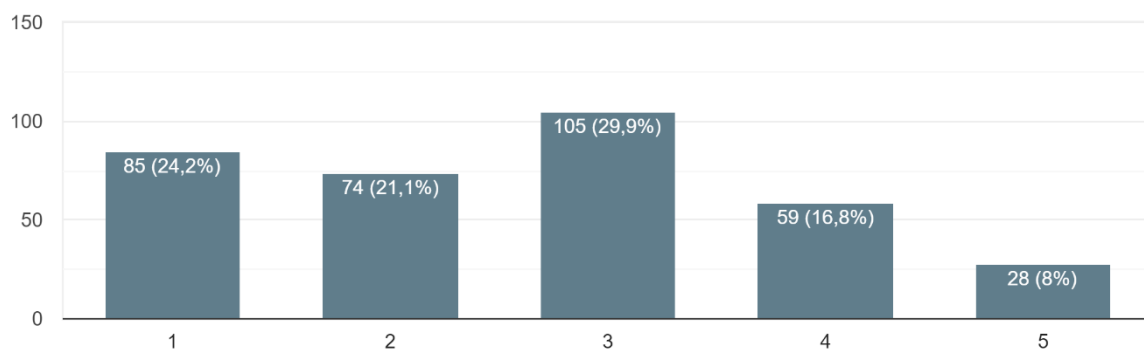
As respostas foram dispostas em escala linear de forma que 1 significa “muito seguro”, 2 “pouco inseguro”, 3 “nem seguro nem inseguro”, 4 “pouco seguro” e 5 “muito inseguro”. Os resultados encontrados após a aplicação do *survey* foram os seguintes:

Para a situação de caminhar perto de casa à noite: o percentual mais alto (29,9%), que abrange 105 pessoas, respondeu que não se sente “nem seguro, nem inseguro” na situação questionada. Em segundo lugar estão aquelas pessoas que se sentem “muito inseguras” e abarcam 24,2% ou 85 respondentes. Há ainda que se mencionar as 74 pessoas ou 21,1% que se sentem um “pouco inseguras”. Outros 16,8% (59) se sentem “pouco seguros” e 28 pessoas (8%) afirmam se sentirem “muito seguras”.

Somadas, as duas possibilidades de resposta que remetem à insegurança alcançam o maior percentual: 45,3% ou 159 respondentes. Na outra ponta, somadas as suas possibilidades de respostas que remetiam à segurança, temos 24,8% ou 87 pessoas. O detalhamento está no Gráfico 33.

Gráfico 33 - Sentimento de insegurança ao caminhar à noite perto de casa

32. Como é que se sente quando caminha sozinho na região da sua casa, no período da noite?
351 respostas

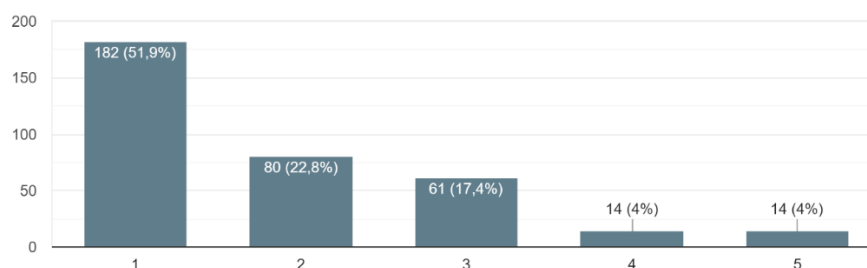


Para a situação de caminhar à noite em regiões desconhecidas da cidade: a maior parte dos respondentes, 182 ou 51,9%, afirmaram que se sentem “muito inseguros” nessa situação. Em segundo lugar, está a resposta um “pouco inseguro”, assinalada por 80 pessoas ou 22,8% dos entrevistados. Há ainda 61 colaboradores do *survey* que disseram que não se sentem “nem seguros nem inseguros” nessa situação; 14 pessoas (4%) afirmaram que se sentem um “pouco seguras” e outras 14 pessoas (4%), “muito seguras” neste caso.

Se, novamente, forem somadas as duas possibilidades de resposta que remetem ao sentimento de insegurança ao caminhar à noite por regiões desconhecidas, será alcançado 74,7% ou 262 respondentes. Já as respostas que remetem à segurança de realizar tal ato somam 28 pessoas e 8% do total. Mais detalhes estão no Gráfico 34.

Gráfico 34 - Sentimento de insegurança ao caminhar à noite em regiões desconhecidas

33. Como é que se sente quando caminha por regiões não conhecidas por você, na sua cidade, no período da noite?
351 respostas



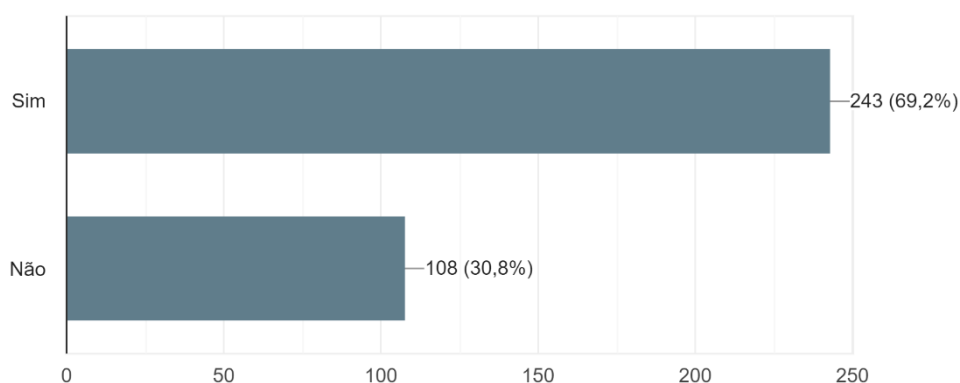
Também foi perguntado se, caso os enunciados anteriores, das perguntas 32 e 33, fizessem referência ao período do dia (pergunta 34), a resposta do entrevistado seria diferente. Tal questão faz menção a pontos do referencial teórico que indicam que a escuridão é uma variável explicativa do medo.

Para os respondentes, essa relação entre a ideia de controle sobre o ambiente em razão da existência de luz e o sentimento de segurança se mostrou positiva. Ou seja, 69,2% ou 243 pessoas responderam que sim, caso as perguntas fossem sobre caminhar perto ou casa ou em regiões desconhecidas, porém durante o dia, a resposta marcada poderia ser diferente. Outras 108 pessoas ou 30,8% dos colaboradores do *survey*, responderam que não; que manteriam as suas posições.

Gráfico 35 - Relação dia/noite e medo do crime

34. Caso alguma das perguntas fosse alterada para o período diurno sua resposta seria alterada?

351 respostas



A pergunta 35 também tem relação com as questões 32 e 33. É voltada para os 45,3% ou 159 respondentes que afirmaram ter “muito medo” ou “algum medo” de caminhar à noite perto de suas casas (pergunta 32) e para aqueles 74,7% ou 262 entrevistados que possuem “muito medo” ou “algum medo” de caminhar à noite em regiões de Belo Horizonte desconhecidas (pergunta 33). Diante do sentimento de insegurança relatado pelos respondentes, foi questionada a razão para esse medo. Mais uma de uma opção poderia ser marcada nessa pergunta, de forma que o somatório dos percentuais das respostas ultrapassa os 100%. Vale

ainda destacar que outras razões, além das destacadas na múltipla escolha, puderam ser descritas pelos colaboradores do *survey*, como demonstra o Gráfico 36.

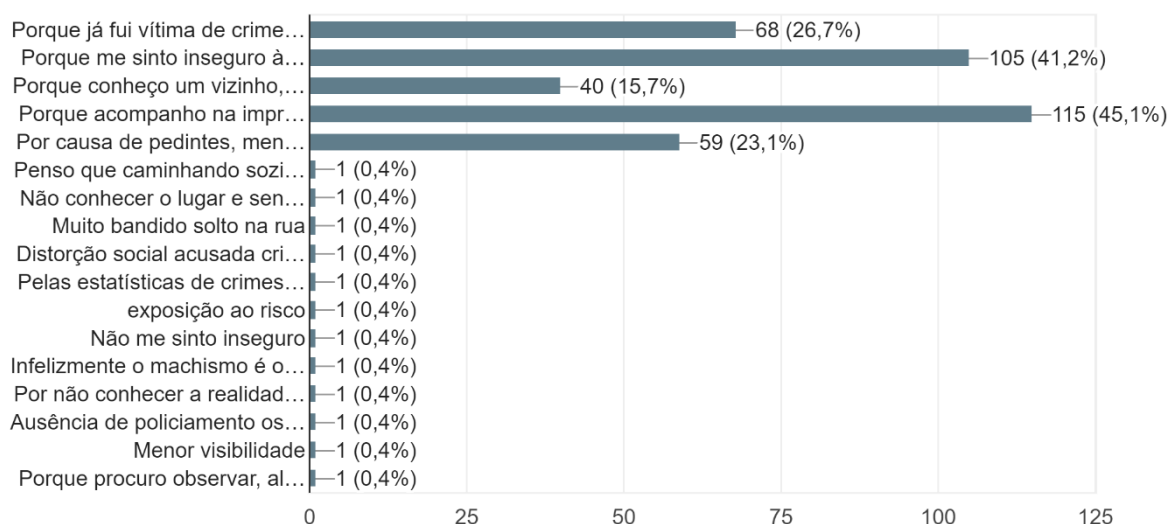
A principal resposta assinalada pelos entrevistados para justificar seu medo do crime nas situações rotineiras e hipotéticas apresentadas tem relação com a imprensa. A opção “porque acompanho na imprensa o relato dos crimes que acontecem” foi marcada por 45,1% do total de entrevistados ou 115 pessoas como causa da insegurança relatada.

A opção “porque me sinto inseguro à noite e não gosto de caminhar por lugares sozinhos” também foi a escolhida por 41,2% ou 105 colaboradores do *survey*. Já a resposta “porque já fui vítimas de um crime” é a terceira mais selecionada, com 26,7% ou 68 respondentes. A opção “por causa de pedintes, mendigos, pessoas consumindo drogas, casas, lotes e prédios abandonados, áreas feitas de mictório e lixo nas regiões citadas” ficou com 23,1% ou 59 pessoas.

Gráfico 36 - Razão para a insegurança relatada ao caminhar à noite perto de casa e em regiões desconhecidas

35. Com base em suas respostas nas perguntas 32 e 33, porque acredita que se sente “muito inseguro” ou “inseguro”.*

255 respostas



Essa pergunta (35), relacionada com as referenciadas (32 e 33), é mais uma considerada por esta dissertação como um ponto argumentativo do nosso problema de pesquisa. Portanto, se entre os respondentes que indicaram ter medo ou muito medo do crime ao caminhar à noite próximo de sua casa ou em regiões desconhecidas, a mais expressada justificativa está

relacionada ao relato dos jornais, pode-se fazer uma correlação positiva entre o noticiário de criminalidade e o medo do crime.

Destaca-se que que várias condicionantes do medo do crime, como incivilidades, vitimização anterior, relação luz/escuridão etc., tratadas anteriormente na fundamentação teórica, foram apontadas como possibilidade de resposta nessa questão.

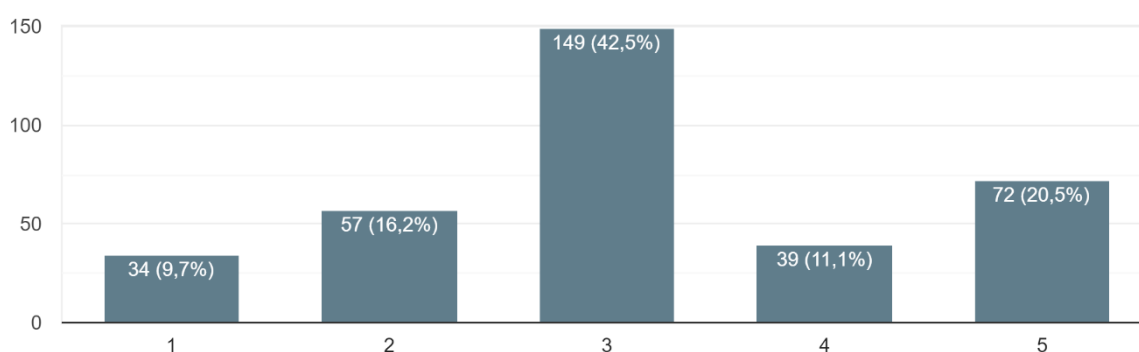
A pergunta 36 traz o questionamento direto sobre medo do crime aos respondentes. A pergunta sobre o quanto o entrevistado acredita que pode ser vítima de violência no próximo ano, tem escala linear que vai de nada provável a muito provável. O resultado está no Gráfico 37.

Entre os entrevistados, 42,5% ou 149 pessoas acreditam que “não é provável, nem improvável” ser vítima no próximo ano. Em segundo lugar estão aqueles que acreditam que é “muito provável que sejam vítimas”: 20,5% dos respondentes ou 72 pessoas no total. Já 16,2% (57) acreditam ser “pouco provável” essa situação; 11,1% (39), pouco improvável e 9,7% (37 pessoas), avaliam que é “nada provável” que sejam vítimas de violência no próximo ano.

Gráfico 37 - Medo do crime relatado

36. Pensa que pode ser vítima de violência no próximo ano?

351 respostas



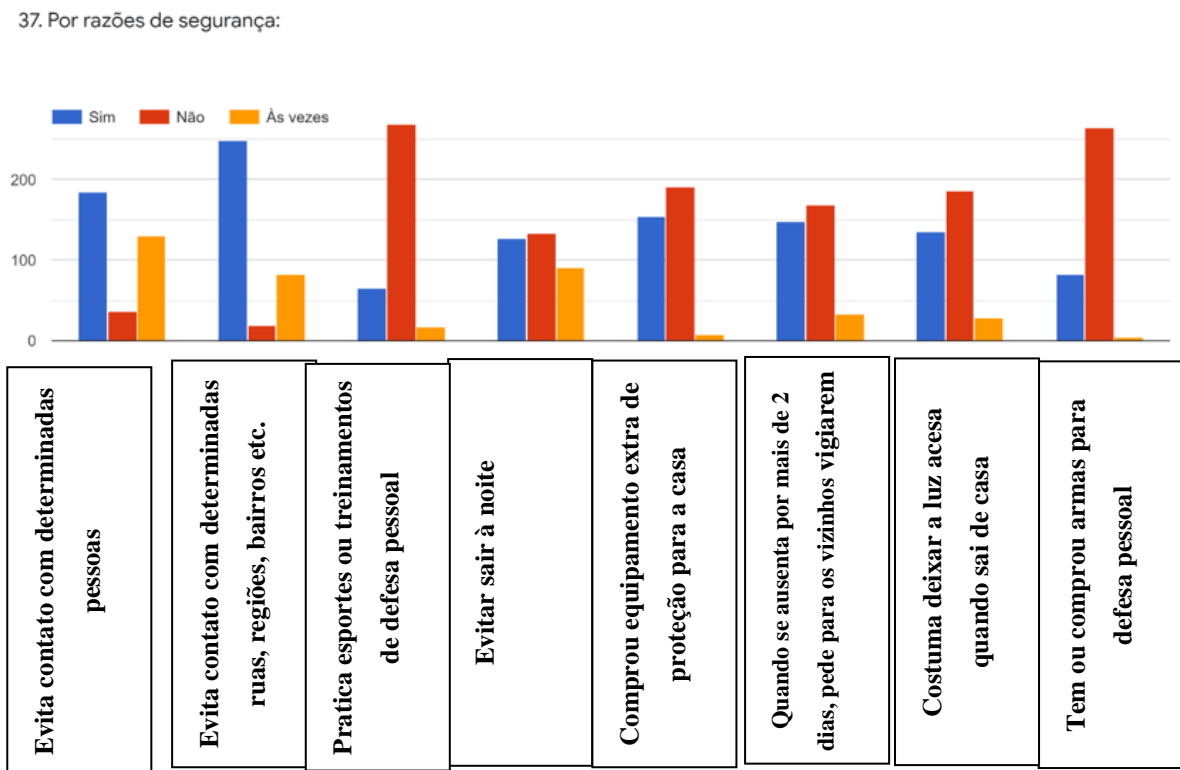
Na questão 37, foram inquiridos alguns hábitos que a pessoa adotou ou deixou de compartilhar, tirou da rotina etc., em razão do medo do crime. Entre as alternativas disponíveis, a que teve maior adesão foi o evitamento de determinadas ruas, bairros ou regiões. Dos 351 respondentes, 249, ou seja, 70,9% do total, confessaram que esse é uma alteração de hábito em

suas vidas causada pelo medo do crime. A evitação de pessoas também foi salientada por 52,7% dos respondentes, ou 185 pessoas.

Há ainda que se considerar a parcela de 43,8% ou 154 pessoas que informaram que, pelo medo do crime, adquiriram equipamentos de proteção individual, tais como cercas elétricas, câmeras de segurança, trancas especiais, entre outros exemplos. Outros 42,4%, ou 149 colaboradores do *survey* informaram que, ao sair de casa por mais de dois dias, pedem que o vizinho fique de olho na casa ou apartamento que mora. Assim como 136 pessoas (38,7%) que afirmam que, ao saírem de casa à noite, deixam uma luz acesa como forma de não expor que o imóvel está sem ninguém no momento.

O Gráfico 38 mostra ainda que 36% dos respondentes ou 127 pessoas evitam sair à noite por medo do crime e que, em menor proporção, 23,6% (83 pessoas) adquiriram armas para proteção pessoal.

Gráfico 38 - Alteração de hábitos por medo do crime



A questão 38 buscou o entendimento de como está a confiança da população nas polícias e nas instituições judiciais. A pergunta está em escala linear que varia de discordo totalmente a concordo totalmente.

Com relação ao Judiciário, quando colocada a afirmação “a justiça é branda” para análise dos respondentes, a maior parte não teve uma resposta conclusiva: 111 pessoas ou 31,6% afirmaram que nem discordam nem concordam com a frase. Há 41 pessoas (11,6%) que discordam totalmente da afirmação e 42 (11,9%) que discordam parcialmente. Ou seja, os que entendem que as leis aplicadas são resolutivas e que o trabalho do Judiciário acontece da forma como se espera que seja são 23,5% (83 pessoas). Na outra ponta, entre os que concordam que a Justiça é branda estão 45,5% (160) dos respondentes. De forma especificada, tem-se que 73 pessoas ou 20,7% que concordam parcialmente com a frase e 24,7% ou 87 entrevistados que concordam totalmente.

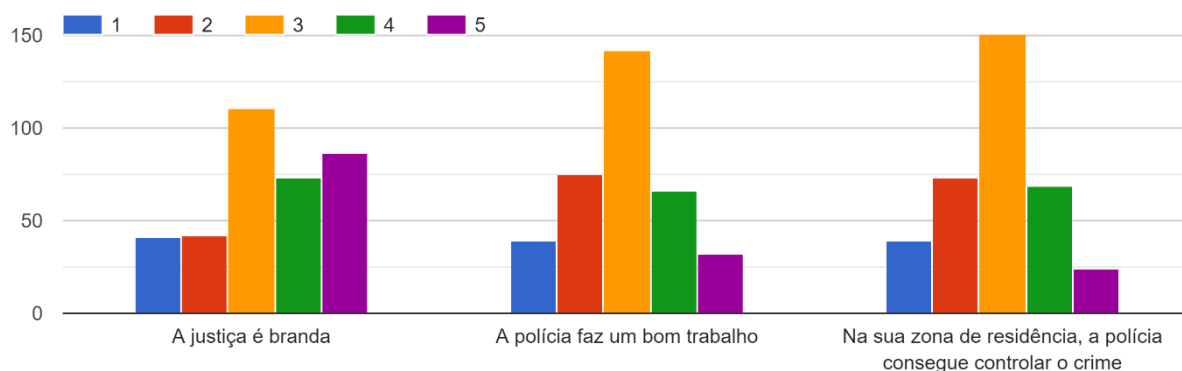
Quando a avaliação é das polícias, mais especificamente, se as polícias fazem um bom trabalho, temos o seguinte resultado: a maior parte, 40,5% ou 142 pessoas nem discordam, nem concordam sobre a afirmação colocada acima. Há 114 pessoas (32,4%) que discordam do postulado, ou seja, creem que a polícia não faz um bom trabalho. Do lado oposto estão 98 pessoas (27,4%) que confiam no que vem sendo desenvolvido pelas forças policiais. De forma especificada, 18,8% (66) confiam um pouco no trabalho e 9,1% confiam totalmente.

Já no que diz respeito à afirmação “na sua zona de residência, a polícia consegue controlar o crime” percebe-se que, mais uma vez, a maior parte dos respondentes, 43% (151 pessoas) ficou com a opção “não concordo, nem discordo”. Entre os que acreditam que a polícia não consegue controlar o crime (31,8% e 112 pessoas), 39 respondentes ou 11,1% discordam totalmente da afirmação acima e outros 73 (20,7%) discordam parcialmente. De forma oposta, entre os 26,8% (93 pessoas) que concordam que a polícia é capaz de controlar o crime em sua área de residência, 69 respondentes (19,6%) concordam um pouco e 24 (6,8%) concordam plenamente.

Nessa questão, pode-se inferir que a maior parte das respostas de avaliação das polícias e do judiciário se manteve num campo neutro. A pergunta fazia menção ao referencial teórico que indica que a capacidade das polícias e demais estruturas de promoção da segurança tende a ser questionada em situações de medo do crime.

Gráfico 39 - Avaliação das instituições de defesa social

38. Algumas perguntas de caráter mais geral: gostaria que desse a sua opinião em relação a cada questão numa escala de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).



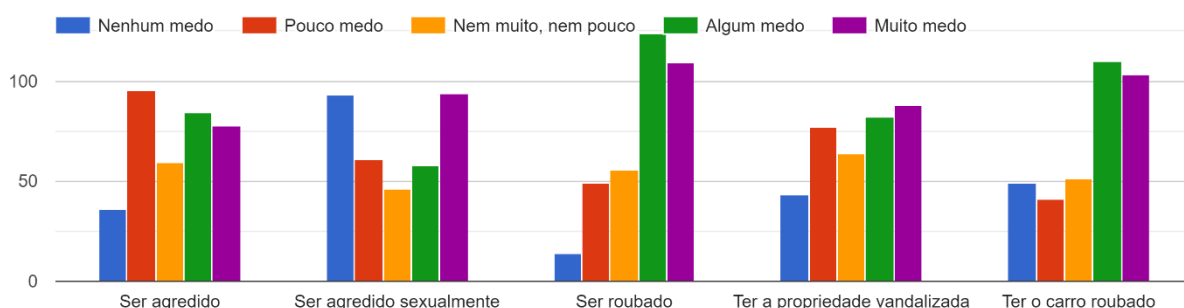
A pergunta 39, assim como a 36, pergunta de forma direta sobre o medo do crime. Ela inquire sobre quanto medo de ser vítima dos seguintes crimes o entrevistado possui: agressão, violência sexual, vandalização de propriedade ou roubo de carro. Neste caso, as escalas vão de nenhum medo a muito medo.

Ao observar o Gráfico 40, pode-se inferir que, exceto no caso da natureza criminal agressão, o número de respostas que indicam que as pessoas sentem muito ou algum medo de ser vítima dos crimes é percentualmente maior.

Quando se avalia em separado, por exemplo, o medo de se ser vítima de um roubo: entre os respondentes, 66,3% tem algum ou muito medo que isso aconteça com eles. Quando se considera a fatia de quem tem muito medo, esse percentual chega a 31%, o que significa 109 pessoas. Se o detalhamento for roubo de carro: 63,5% (223) tem algum ou muito medo do fato, sendo que os que tem muito medo são 29,3% (103 pessoas).

Gráfico 40 - Medo do crime/naturezas determinadas

39. Quanto medo sente que os seguintes crimes possam acontecer com você?



5.2.1 Resultado do cruzamento de variáveis

Antes do detalhamento dos resultados do cruzamento de dados proposto para um melhor entendimento da relação entre o noticiário de criminalidade e o medo do crime, cabe uma observação sobre a avaliação prévia realizada de dados de vitimização anterior dos respondentes do *survey* aplicado. Essa condicionante do medo do crime, como visto da fundamentação teórica, tem conclusões bem controversas, mas é uma das principais hipóteses trabalhadas pelos pesquisadores como preditora do medo do crime. Por ser uma ponte entre o sentimento objetivo e subjetivo de insegurança, foi tratada nesta pesquisa como uma variável de *background* e isolada para a testagem de que seus efeitos não teriam influência sobre os cruzamentos que serão abordados neste tópico.

Como se pode perceber na Tabela 5, a vitimização anterior não foi fator determinante para o medo do crime entre os colaboradores desta pesquisa. Isso porque, 35,3% das pessoas que ainda não passaram pela experiência de vitimização, afirmaram acreditar ser muito provável sua vitimização no próximo ano e que, por essa razão, também têm muito medo do crime. Vale lembrar que na leitura das tabelas, como já descrito na metodologia, a intensidade do medo pode ser lida em escala linear que vai 1, nada provável, a 5, muito provável.

Quando essa mesma análise é feita sob os dados de quem informou ter sofrido vitimização anterior, o percentual cai pra menos da metade, abarcando 11,5% dos respondentes. Não há, portanto, influência dessa variável nos resultados buscados por esta dissertação.

Tabela 5 - Avaliação do medo do crime de respondentes que sofreram vitimização anterior

		p30. Já foi vítima de algum crime anteriormente?		
		Não	Sim	Total
p36. Pensa que pode ser vítima de violência no próximo ano?	1	11,3%	8,7%	9,7%
	2	15,0%	17,0%	16,2%
	3	32,3%	48,6%	42,5%
	4	6,0%	14,2%	11,1%
	5	35,3%	11,5%	20,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%
N=		133	218	351

Fonte: Banco de dados de *survey* sobre medo do crime de moradores de Belo Horizonte aplicado entre 14/09/2021 e 12/01/2022.

Nota: Chi-quadrado de 5.044 (2 graus de liberdade) e $p < 0,080$

Conforme já descrito na metodologia e no Anexo 6, que detalha o *survey*, as escalas de medo da tabela vão de 1 (nada provável de ser vítima/pouco medo) a 5 (muito provável de ser vítima/muito medo)

Em busca de respostas mais qualificadas para o entendimento do problema de pesquisa desta dissertação, foram realizados cruzamentos de variáveis disponíveis no banco de dados do *survey* aplicado. O foco se deu em questões que dialogavam com a fundamentação teórica desta pesquisa no entendimento da força que os meios de comunicação possuem sobre as representações sociais, na necessidade de acesso ao noticiário de criminalidade para essa que essa consequência fosse possível e na avaliação da postura crítica ou não que cada receptor possui sobre o que é divulgado.

Para uma avaliação de influência entre as variáveis, foram testadas as validades estatísticas dos cruzamentos das respostas de alto medo do crime e as seguintes questões a) acesso contínuo e preferencial às notícias de criminalidade, que podem alterar o entendimento do fenômeno; b) acesso intencional ao conteúdo de criminalidade na imprensa, pelos mesmos motivos; c) crença na veracidade das informações recebidas, enquanto reflexo da realidade d) reação à falta de contexto das notícias e consequente carregamentos de dramas para a realidade individual de cada um e e) percepção que os respondentes têm sobre o volume do noticiário de criminalidade

Em todos os casos, apenas o cruzamento entre a percepção que os respondentes têm sobre o alto volume de notícias de crimes nos jornais e o sentimento de medo e insegurança individual não se mostrou estatisticamente viável pelos testes de correlação qui-quadrado realizados. Ou seja, a leitura da tabela gerada pelo atravessamento desses dados não seria

Fonte: Banco de dados de *survey* sobre medo do crime de moradores de Belo Horizonte aplicado entre 14/09/2021 e 12/01/2022.

Nota: Chi-quadrado de 124.158 (32 graus de liberdade) e $p < 0,0001$

Conforme já descrito na metodologia e no Anexo 6, que detalha o *survey*, as escalas de medo da tabela vão de 1 (nada provável de ser vítima/pouco medo) a 5 (muito provável de ser vítima/muito medo)

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, também foi avaliado se os respondentes que intencionalmente e muitas vezes assistem a conteúdos relacionados à violência, justiça e polícia, também acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano e, por isso, também possuem muito medo. Nesse caso, o questionamento foca na palavra intencional, ou seja, no contato não só frequente, mas desejado com o noticiário de criminalidade e suas características.

Conforme indicam os resultados da Tabela 7 (Frequência Intencional de acesso ao noticiário de criminalidade e medo do crime), respondentes que têm contato intencional e realizado muitas vezes com o noticiário de criminalidade violenta possuem mais medo do crime e acreditam que podem, de forma muito provável, serem vítimas de violência no próximo ano. Entre os que possuem esse perfil, 50% possuem medo nível 5.

O valor é bem superior aos demais resultados encontrados: entre os que acessam o noticiário de criminalidade intencionalmente raramente, por exemplo, 6,7% possuem muito medo ou acreditam que seja muito provável sua vitimização no próximo ano. Esse valor, para quem nunca acessa intencionalmente o noticiário de violência é de 6,3% e para quem, de forma média, realiza esse contato intencional, de 11,3%.

Portanto, no recorte desta pesquisa, o acesso intencional ao noticiário de criminalidade, é fator potencializador do medo do crime entre os respondentes. Pesquisas como a de Williams & Dickinson (1993), citada por Rodrigues (2017), já indicaram que pessoas que leem mais notícias de crime, pela intencionalidade, expressam mais medo do crime. Fato confirmado também por este estudo.

Tabela 7 - Frequência intencional de acesso ao noticiário de criminalidade e medo do crime

		p28. Qual a frequência você INTENCIONALMENTE assiste a conteúdos relacionados à violência/Justiça/Polícia?				
		Médio. Nem muito, nem pouco	Muitas vezes	Nunca	Raramente	Total
p36.	1	12,4%	5,9%	18,8%	8,3%	9,7%
Pensa	2	17,5%	5,9%	31,3%	20,0%	16,2%
que pode	3	50,5%	28,4%	31,3%	50,8%	42,5%
ser vítima	4	8,2%	9,8%	12,5%	14,2%	11,1%
de	5	11,3%	50,0%	6,3%	6,7%	20,5%
violência	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
no	N=	97	102	32	120	351
próximo						
ano?						

Fonte: Banco de dados de *survey* sobre medo do crime de moradores de Belo Horizonte aplicado entre 14/09/2021 e 12/01/2022.

Nota: Chi-quadrado de 90.188 (12 graus de liberdade) e $p < 0,0001$

Conforme já descrito na metodologia e no Anexo 6, que detalha o *survey*, as escalas de medo da tabela vão de 1 (nada provável de ser vítima/pouco medo) a 5 (muito provável de ser vítima/muito medo)

Também foi avaliado se os respondentes que classificaram que acreditam que a violência retratada nos jornais é a reprodução da realidade, também responderam que acreditam ser muito provável sua vitimização no próximo ano, por isso têm medo. A crença na reprodução da realidade pelos jornais também pode ser desdobrada no entendimento de que essas pessoas não tem senso da mediação e do recorte dos fatos que o jornalismo faz e, por isso, acreditam que a situação da violência atual é o reflexo do que foi noticiado pela imprensa. Como visto na pesquisa bibliográfica e documental, a narrativa dos jornais privilegia crimes mais graves e se difere do mapa de eventos criminais, em geral, o que potencializaria, neste caso, o medo do crime.

O resultado, indicado na Tabela 8 (Crença na veracidade das informações dos jornais e medo do crime), demonstra que 47,3% dos respondentes que assinalaram que conteúdo apresentado sobre criminalidade se aproxima da reprodução da realidade também acreditam ser muito provável (nível 5) sua vitimização no próximo ano e, por isso, têm medo. Esse nível de insegurança, que atinge quase a metade dos colaboradores do questionário, é mais de seis vezes maior do que daqueles que, ao consumirem o noticiário de violência, conseguem ter uma postura crítica da forma que as narrativas sobre os crimes são apresentadas. Entre essas pessoas, apenas 7,7% declarou ter nível máximo (5) de medo e de crença que elas podem ser vítimas de

violência no próximo ano. Entre aqueles que também acreditam que a imprensa tende a narrar crimes com sensacionalismo, deturpando a realidade, e que por isso possuem algum senso crítico da produção jornalística, 26,1% possuem medo nível 5.

Pode-se inferir, portanto, que embora quem acredite no jornalismo como espelho da realidade represente o menor número entre os respondentes (55 pessoas e 15,7% do total), há uma tendência, entre esse grupo, nesta pesquisa, de possuir mais medo do crime que entre os demais perfis.

Tabela 8 - Crença na veracidade das informações dos jornais e medo do crime

		p26. Veracidade				
		A imprensa tende a narrar crimes com sensacionalismo, deturpando a realidade.	Não sei opinar	O conteúdo apresentado sobre a criminalidade é bem apurado e se aproxima da reprodução da realidade.	Observo que, ao representar a realidade com pontos de vista escolhidos/editados, a imprensa influencia no que entendemos como verdade e realidade	Total
p36.	1	10,1%	22,2%	7,3%	9,5%	9,7%
Pensa que pode ser	2	13,4%	22,2%	9,1%	20,2%	16,2%
vítima de violência	3	37,0%	33,3%	23,6%	53,0%	42,5%
no	4	13,4%	,0%	12,7%	9,5%	11,1%
próximo ano?	5	26,1%	22,2%	47,3%	7,7%	20,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	N=	119	9	55	168	351

Fonte: Banco de dados de *survey* sobre medo do crime de moradores de Belo Horizonte aplicado entre 14/09/2021 e 12/01/2022.

Nota: Chi-quadrado de 52.409 (12 graus de liberdade) e $p < 0,0001$

Conforme já descrito na metodologia e no Anexo 6, que detalha o *survey*, as escalas de medo da tabela vão de 1 (nada provável de ser vítima/pouco medo) a 5 (muito provável de ser vítima/muito medo)

A pergunta que discute se as pessoas acreditam que um crime que aconteceu em outra cidade, estado ou país, cujo conhecimento se deu pela imprensa, pode acontecer também na sua área de vivência, foi tratada de duas maneiras nesta dissertação. Primeiro, como resposta direta ao problema de pesquisa, uma vez que, ao “carregar” o drama noticiado para a sua cidade ou bairro, acredita-se que o cidadão já foi afetado de alguma maneira pelo medo do crime. Entretanto, como forma de reforço, essa variável também foi cruzada com o questionamento em escala linear sobre o medo do crime.

O resultado, conforme indica a Tabela 9, demonstra que 32,1% das pessoas que acreditam que a violência narrada nos jornais pode chegar à sua área de vivência têm nível máximo de medo, nível 5. Já entre os que assinalaram que as notícias de crimes não provocam esse sentimento de “migração”, apenas 2,9% acreditam que muito provavelmente seriam vítimas no próximo ano e, por isso, tem medo. Esse fenômeno foi tratado na fundamentação teórica e pode ser entendido como consequência da formatação das notícias de crime dos media que, dificilmente, dão referências sociais ou qualquer outro tipo de contexto que ajude o receptor da informação a entender melhor o fenômeno narrado. Dessa forma, como destacado por autores, o crime parece que pode acontecer em qualquer circunstância ou lugar.

Tabela 8 - Onipresença do crime narrado pelos jornais

p25. Discurso e onipresença				
		Consigo separar as leituras e entender que o que acontece em outra cidade não necessariamente vai acontecer comigo ou em minha cidade.	Quando leio uma notícia sobre criminalidade em outra cidade, estado ou país, penso que esse tipo de crime pode acontecer também comigo ou na minha cidade.	Total
p36. Pensa que pode ser vítima de violência no próximo ano?	1	18,0%	4,2%	9,7%
	2	25,2%	10,4%	16,2%
	3	42,4%	42,5%	42,5%
	4	11,5%	10,8%	11,1%
	5	2,9%	32,1%	20,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%
N=		139	212	351

Fonte: Banco de dados de *survey* sobre medo do crime de moradores de Belo Horizonte aplicado entre 14/09/2021 e 12/01/2022.

Nota: Chi-quadrado de 62.615 (4 graus de liberdade) e $p < 0,0001$

Conforme já descrito na metodologia e no Anexo 6, que detalha o *survey*, as escalas de medo da tabela vão de 1 (nada provável de ser vítima/pouco medo) a 5 (muito provável de ser vítima/muito medo)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a avaliar a influência do noticiário de criminalidade no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Como resultado de um mestrado profissional, cabe aqui ressaltar que este tema partiu de uma inquietação observada na rotina do trabalho, que sempre resultava em reflexões sobre como os problemas da segurança pública tendiam a parecer ainda maiores no discurso da imprensa. O que se lia nas páginas dos jornais de Minas Gerais, na clipagem diária realizada pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), por muitas vezes, era um retrato de um cenário amedrontador de dias que sempre pareciam se iniciar e terminar com tragédias. Muitas discussões sobre esse assunto podem e devem ser feitas no campo jornalístico, na significância que informações fora da curva têm para o trato diário da imprensa. Mas, também, há muito o que se problematizar sobre as consequências que a atual forma de se relatar os crimes na imprensa podem trazer para a sociedade; o que se buscou com esta dissertação. Com embasamento de outros estudos que indicavam que o noticiário de criminalidade pode ser um dos preditores do medo do crime, partiu-se para a busca de respostas sobre esse tema, com foco na capital de Minas Gerais.

Para se chegar ao resultado do problema de pesquisa, que é analisar os efeitos do noticiário sobre criminalidade no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte/MG, realizou-se um estudo de cunho quantitativo e qualitativo. Foram aplicados *surveys*, com consequente análise quantitativa de seus resultados, e realizada pesquisa bibliográfica, documental e observação participativa, que permitiram uma análise qualitativa do fenômeno em evidência.

A pesquisa documental pretendeu entender características do noticiário de criminalidade apresentado aos moradores da capital, para avaliar, em um primeiro momento, se existiam condições para a disseminação do medo do crime via imprensa. As características buscadas foram embasadas na fundamentação teórica desta dissertação e transformadas em categorias de análise cuja relação positiva foi considerada potencializadora do medo do crime. Esse trabalho foi realizado a partir do conteúdo jornalístico do horário nobre dos veículos de rádio e de TV elencados como de maior audiência em Belo Horizonte, assim como do jornal de maior circulação e do portal de notícias com maior número de visualizações na capital de Minas Gerais (Jornal Super, Portal O Tempo, Jornal da Itatiaia 1ª Edição e MG TV 2ª edição da TV Globo). Durante três semanas, entre janeiro e fevereiro de 2022, foram avaliadas 205 matérias.

Pela análise de cinco categorias elencadas, que serão descritas em resumo a seguir, pôde-se inferir que o noticiário de criminalidade de Belo Horizonte avaliado possui distorções em sua narrativa que podem contribuir com a amplificação do medo do crime dos moradores da capital.

Entre essas características observadas, está o fato de que, assim como indicado na pesquisa bibliográfica, a análise de jornais de Belo Horizonte demonstrou que nenhuma outra grande área temática teve maior volume e expressão do que as notícias categorizadas como Segurança/Criminalidade. Esse tipo de relato, representou 61 das 205 matérias disponibilizadas pelos média ao público. Ou seja, 29,7% de todo o conteúdo jornalístico ofertado foi constituído por notícias que envolviam relatos de crimes, com pico de 61,5% em um dos dias avaliados no Portal O Tempo. Para se ter uma ideia de grandeza, pode-se destacar que, mesmo em tempos de pandemia da covid-19 e de reforço de informações de Saúde a todo tempo, essa área ocupou 16,5% do noticiário em geral, com 34 matérias no período, número próximo da metade do total de notícias de Criminalidade.

Além do volume, o noticiário de criminalidade ganhou destaque nos jornais, por meio de chamadas de capa ou escaladas de rádio e TV, garantindo assim, maior alcance do leitor. De tudo o que foi divulgado sobre o crime, 55,7% mereceu um espaço diferenciado de chamamento do público. Já que no que diz respeito às manchetes, principal notícia de determinado noticiário, a Segurança Pública foi tema de 26,3%, ou seja, mais de ¼ do total, mas ficou com o segundo lugar, abaixo das notícias de Saúde/covid-19.

Também foi buscada a confirmação de que as notícias de criminalidade, em geral, são expressadas como meras descrições de boletins de ocorrência, não contribuindo com reflexões que podem evitar a sensação de que qualquer pessoa, em qualquer lugar ou circunstância, pode ser vítima de um crime. Neste caso, entre as 61 matérias avaliadas, apenas duas (2,3%) se encaixaram nos padrões de reportagem especial, tiveram alguma contextualização diferenciada ou referência social das informações de criminalidade.

As fontes oficiais também dominaram o discurso relatado dos crimes nos jornais avaliados. Entre as 61 notícias analisadas no quesito fonte, apenas três, o que significa 4,9% do total, exploraram pontos de vista diferentes do oficial para a construção da narrativa de criminalidade. Destaca-se que em um tema que contém em si elementos de especial conflitualidade, como a criminalidade, a presença de vozes e prismas alternativos é muito importante para a problematização de questões sociais projetadas a partir das notícias do crime bem como para a

promoção da discussão pública. Sem isso, se retorna para reflexões realizadas nesta pesquisa de que o crime parece algo resumido a autores, fruto do mal que há na humanidade.

Por fim, foi feita a análise de um dos pontos que, em discussões teóricas, mais justificam a influência da narrativa do crime nos jornais na insegurança pessoal. Tratada como realidade invertida nesta pesquisa, essa categoria explora o fato de que a imprensa tende a noticiar crimes mais graves e não, necessariamente, aqueles condizentes, percentualmente, com o mapa criminal. Tal percepção foi constatada nesta dissertação, a partir de uma comparação das naturezas criminais mais apresentadas ao público pelos jornais de Belo Horizonte já descritos e a representação criminal desses delitos no quadro geral de criminalidade da capital. Como destaque dessa realidade invertida, encontrada na análise desta dissertação, está o fato, por exemplo, de que 31,1% das notícias de criminalidade relatadas tratavam de homicídios, enquanto essa natureza criminal correspondeu a 0,7% do total de crimes registrados em Belo Horizonte no mesmo período de análise dos jornais.

Diante da afirmação de que as narrativas de criminalidade dos jornais de Belo Horizonte contêm elementos potencializadores do medo do crime, foi analisado o banco de dados gerado pelo *survey*. As perguntas desse questionário buscaram conhecer o perfil do respondente, sua relação com o noticiário de criminalidade e sua percepção do medo do crime para, então, cruzar algumas variáveis em busca de respostas para o problema de pesquisa desta dissertação.

Disponibilizado por 120 dias, o *survey* foi respondido por 351 moradores de Belo Horizonte, cuja representatividade em termos de sexo, idade, percepção socioeconômica, nível de escolaridade, entre outros, foi obtido de forma satisfatória. Destaca-se que não houve uma amostra selecionada de indivíduos nesta pesquisa.

Os temas das perguntas dialogaram com o referencial teórico deste estudo e, mesmo que, em um primeiro momento, todas as questões não tenham sido utilizadas para conclusões referentes a este estudo, foram importantes para confirmações de teorias já apresentadas na pesquisa bibliográfica. É preciso ressaltar que a base de dados gerada pelo questionário detém uma gama variada de outras informações ainda não aproveitadas, que permitem diferentes cruzamentos e novos estudos sobre o medo do crime e suas variáveis no futuro. Mesmo assim, faz-se uma crítica sobre a extensão do questionário aplicado, que poderia ter perguntas suprimidas, sem prejuízos às conclusões buscadas por este estudo.

Antes da descrição dos resultados encontrados nos cruzamentos de variáveis, cabe aqui a ressalva de questões que, diretamente, já contribuíram com o entendimento do problema de pesquisa. Um dos exemplos é o fato de que 60,4% dos respondentes informaram acreditar que crimes ocorridos em outras cidades, estados ou até mesmo países poderiam vir a acontecer em sua área de vivência depois da leitura dessas informações na imprensa. Por si só, essa crença, pertencente a maior parte dos respondentes, já indica uma influência dos meios de comunicação no medo do crime das pessoas. Também há que se destacar que a principal razão assinalada por 45,1% das pessoas para justificar medo ao andarem sozinhas à noite perto de suas casas e, nas mesmas condições, em regiões desconhecidas, foi o acompanhamento de relatos de crimes pela imprensa.

O cruzamento de dados realizado buscou respostas mais qualificadas para o entendimento da influência da imprensa no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte. Foi aplicado o teste de qui-quadrado nos cruzamentos a fim de avaliar a significância estatística da associação observada entre as categorias. O foco se deu em questões que dialogavam com a fundamentação teórica desta pesquisa no entendimento da força que os meios de comunicação possuem sobre as representações sociais, na necessidade de acesso ao noticiário de criminalidade para essa que essa consequência fosse possível e na avaliação da postura crítica ou não que cada receptor possui sobre o que é divulgado. Vale ainda ressaltar que o dado de vitimização anterior informado pelos respondentes foi isolado para a testagem de que seus efeitos não teriam influência sobre os cruzamentos realizados. A vitimização anterior não foi significativa para o medo do crime entre os respondentes.

Entre os resultados encontrados, pode-se afirmar que, nesta pesquisa, o contato permanente e preferencial dos respondentes do *survey* com as notícias de criminalidade trouxe impactos na ampliação do medo do crime dos mesmos. O medo nível máximo (5), na escala proposta por esta dissertação, alcançou 52,9% das pessoas que declararam favoritismo com as notícias de crime/justiça e polícia. Esse mesmo percentual fica abaixo de 10% entre os que preferem leituras de Política, Economia ou Esportes, por exemplo. Quando a mesma análise é feita com foco na intencionalidade desse tipo de leitura, de forma frequente, 50% das pessoas avaliadas possuem medo nível 5. O valor é bem superior aos demais resultados encontrados: entre os que acessam o noticiário de criminalidade intencionalmente raramente, por exemplo, 6,7% possuem muito medo ou acreditam que seja muito provável sua vitimização no próximo ano. Esse valor, para quem nunca acessa intencionalmente o noticiário de violência é de 6,3% e para quem, de forma média, realiza esse contato intencional, de 11,3%. Por isso, também no

recorte desta pesquisa, o acesso intencional ao noticiário de criminalidade, é fator potencializador do medo do crime entre os respondentes.

O consumo não crítico do noticiário de criminalidade também pode ser fator determinante para a influência da imprensa sobre o medo do crime dos moradores de Belo Horizonte: 47,3% dos respondentes que assinalaram que conteúdo apresentado sobre criminalidade se aproxima da reprodução da realidade também acreditam ser muito provável (nível 5) sua vitimização no próximo ano e, por isso, têm muito medo. Esse nível de insegurança, que atinge quase a metade dos colaboradores do questionário, é mais de seis vezes maior do que daqueles que, ao consumirem o noticiário de violência, conseguem ter uma postura crítica da forma que as narrativas sobre os crimes são apresentadas. Pode-se inferir, portanto, que embora quem acredite no jornalismo como espelho da realidade represente o menor número entre os respondentes (55 pessoas e 15,7% do total), há uma tendência, entre esse grupo, nesta pesquisa, de possuir mais medo do crime que entre os demais perfis.

Essa mesma falta de postura crítica diante da narrativa jornalística dos crimes também explica porque 32,1% das pessoas que acreditam que a violência narrada nos jornais pode chegar à sua área de vivência têm nível máximo de medo, nível 5, contra 2,9% dos que conseguem separar o que está descrito nos jornais de uma expectativa de reprodução em sua cidade ou bairro. Essa crença pode ser entendida, também, como consequência da falta de referência externa ou de produção, pela imprensa, de informações mais robustas, que levem à reflexão, quando o assunto narrado é um crime. E, como visto, atinge a maior parte dos entrevistados: 60,4%.

Portanto, esta dissertação conclui que o noticiário de criminalidade, da forma como é apresentado atualmente pelos jornais da capital de Minas Gerais, com características que distorcem a apresentação do cenário real do mapa criminal e contribuem para o entendimento do fenômeno da criminalidade de forma simples e sem contexto, pode sim influenciar no medo do crime dos moradores de Belo Horizonte. Essa influência, entretanto, está ligada ao volume do consumo desse tipo de informação pelo leitor/ouvinte/telespectador, proporcionalmente superior em casos que o contato com o noticiário de criminalidade se dá de maneira preferencial ou intencional.

A influência do noticiário de criminalidade na insegurança também depende da postura crítica do receptor da informação, à medida que pessoas que tendem a acreditar que o relato dos jornais são reflexos da realidade ou que narrativas de violência de outras localidades têm a

mesma chance de acontecer em sua área de vivência, apresentaram mais medo do crime. O contato volumoso e mais passivo, tende a contribuir para que as representações sociais da criminalidade formatadas pelos jornais sejam decisivas no entendimento do fenômeno pelos cidadãos.

Por fim, cabe ressaltar que, apesar de se apresentar um lado negativo do trabalho realizado pela imprensa nesta dissertação, em razão da influência no medo do crime, se reconhece a importância dos meios de comunicação de massa para a segurança pública. A imprensa, atualmente, atua como um controle externo das polícias, evitando situações indesejadas para a vivência da cidadania. Também é um canal de comunicação pelo qual a comunidade acessa, muitas vezes, com mais facilidade, as instâncias formais do poder público, para expressão de suas opiniões, reclamações e colaborações. Ainda, que muitos atores da segurança pública também se utilizam da imprensa para repassar orientações em massa para a comunidade e contar com a contribuição da população para qualificação da atuação das polícias, como acontece, por exemplo, com a utilização de informações anônimas incentivadas pelo jornalismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. **A gestão urbana do medo e da insegurança**. Violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea. Tese (Livre docência). FFLCH/USP, São Paulo, 1996. Disponível em: <<https://neiv.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/01/down187.pdf>>. Acesso em 21/02/2020.

ADORNO, Sérgio; LAMIN, Cristiane. Medo, violência e insegurança. In: LIMA, Renato. Sérgio de; PAULA, Liana de. (orgs.). **Segurança pública e violência**: o Estado está cumprindo o seu papel? São Paulo: Contexto, 2006.

ALVAZZI DEL FRATE, A. **Victims of crime in the developing countries**. Rome: Unicri Publication, n. 57, 1998.

ARAÚJO, General Mario Lucio Alves de. Entrevista concedida à Fernanda Leonel Santos.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luis C, FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação**; conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social**: da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na Cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BAYER, Diego Augusto. A Mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal. _____. **Controvérsias Criminais: Estudos de Direito Penal, Processo Penal e Criminologia**. Jaraguá do Sul: Letras e Conceitos, 2013

BERG, Bruce. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences 5**. Teaching Sociology, 2004. 18. 10.2307/1317652.

BERTRAND, C. **A Deontologia das Mídias**. Tradução Loureiro, Maria Leonor. Bauru, EDUSC, 1999.

BIROLLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder**: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, p. 71-98

BORGES, Dorian. **Vitimização e Sentimento de Insegurança no Brasil em 2010**: Teoria, Análise e Contexto. Mediações. Londrina, Jan/Jun. 2013, v. 18 N. 1, p. 141-163.

BOX, Steven; HALE, Chris; ANDREWS, Glen. **Explaining fear of crime**. British Journal of Criminology, 1988, v. 28, n. 3, p. 340-356.

BRANDÃO, Vitor Aquino. **A sensação de segurança e o planejamento urbano: um**

estudo sobre a Região Central de Belo Horizonte. 2017. 82f. Monografia (Conclusão do curso de graduação em Administração Pública) - Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2017. p. 9 - 42.

BRANTINGHAM, P.J.; BRANTINGHAM, P.L. Introduction: the dimensions of crime. In: BRANTINGHAM, P.J.; BRANTINGHAM, P.L. (eds.) **Environmental Criminology**. Prospect Heights IL, Waveland Press, 1981, p. 7 – 26.

BRITES, J. **Percepção de risco e medo do crime na caracterização do espaço físico e social.** *Psychologica*, 2010, 52(1), p. 315-325.

BURSIK JR., R. J.; GRASMICK, H. G. **Neighborhood and crime:** the dimensions of effective community control. San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1993.

CALDEIRA, Teresa P. R. **A cidade de muros:** crime segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

CAMINHAS, D. A. **Medo do crime:** uma análise exploratória sobre suas causas em Minas Gerais, 2009. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010.

CARDOSO, G. R.; SEIBEL, E. J.; MONTEIRO, F. M.; RIBEIRO, E. A. **Percepções sobre a sensação de segurança entre os brasileiros:** investigação sobre os condicionantes individuais. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 7, p. 144-161, 2013.

CARDOSO, V. L.; RENNÓ, S.A. **Iluminação e Segurança Pública:** uma investigação sobre a relação entre design e criminalidade urbana pela perspectiva feminina. *Revista (Online) Rio de Janeiro*, v.27, n.3, p. 130-146, 2019.

CARNEIRO, Leandro P. “Para medir a violência”. In: PANDOLFI, Dulce *et al* (org). **Cidadania, justiça e violência.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, 248p.

CARVALHO, Margarida. **A Construção da imagem dos Imigrantes e das Minorias Étnicas pela Imprensa Portuguesa:** Uma Análise Comparativa de Dois Jornais Diários. Tese (Mestrado). Lisboa, ISCTE, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/675/1/Margarida%20Domingues%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em 27/02/2021.

CARVALHO JÚNIOR, Orlando Lyra de. **Mídia e criminalidade:** acertos e impasses no agenda-setting e no accountability. *Ciências Sociais*, Unisinos, 46(2):187-196, maio/agosto 2010.

CASTRO, David de. **Agenda-setting: hipótese ou teoria?** Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. *Revista Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, dez. 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>. Acesso em: 21/02/2022.

CASTRO, H., MATRAK FILHO, R.; MONTEIRO, V. **O sistema de segurança pública e o medo do crime.** *Revista Ordem Pública*, 4(1/2), p. 91-100, 2011.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHIRICOS, Ted; ESCHHOLZ, Sarah; GERTZ, Marc. **Crime, News and Fear of Crime: Toward an Identification of Audience Effects**. *Social Problems*, v. 44, n. 3, p. 342-357, 1997.

COHEN, S. **Folk Devils and Moral Panics**. 3rd edn, London: Routledge, 2002.

COHEN, L.; FELSON, M. **Social Change and Crime Rate Trends: A Routine Activity Approach**. *American Sociological Review*, 44, p. 588-608, 1979.

COVINGTON, Jeanette; TAYLOR, Ralph B. **Fear of crime in urban residential neighborhoods: Implications of between- and within-neighborhood sources for current models**. *Sociological Quarterly*, v.32 n. 2, p. 231-49, 1991.

CRAWFORD, Adam; HUTCHINSON, Steven. **Mapping the Contours of ‘Everyday Security’: Time, Space and Emotion**. *The British Journal of Criminology*, Volume 56, Issue 6, p. 1184–1202, nov. 2016. Disponível em: <<https://academic.oup.com/bjc/article-abstract/56/6/1184/2415137>>. Acesso em: 01/03/2021

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA. **Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais**. CRISP. UFMG, mar. 2010. Disponível em: <https://www.crisp.ufmg.br/wp-content/uploads/2016/10/T078_Relat%C3%B3rioFinal_Percep%C3%A7%C3%A3oMedo-MG_2010.pdf>. Acesso em: 21/02/2021.

CRUZ, T. M. F. **Mídia e Segurança Pública: a influência da mídia na percepção da violência**. *Lumina*, 2008. v. 2, n. 2.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, v.2, n.4, p.01- 13, 2008.

DALMONTE, Edson Fernando. **Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana**. *Idade Mídia*, v. 1, n. 2, p. 67-90, 2002

DANTAS, G., PERSIJIN, A. & SILVA JUNIOR, A. (2006). **O medo do Crime**. Disponível em: <<https://ibsp.org.br/wp-content/uploads/2018/06/O-Medo-do-Crime.pdf>>. Acesso em: 01/03/2021

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. et FRANÇA, Vera Veiga (Org). **Teorias da comunicação – Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Rodrigo A. **Efeitos contextuais no risco de vitimização criminal: Testando teorias de “Atividades Rotineiras” e “Estilo de Vida/Exposição” em diferentes estratos urbanos de Belo Horizonte**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FERNANDES, Rodrigo A; RODRIGUES, Corinne Davis. **Vitimização: riscos objetivos e percepções do risco ou novos dados, novos movimentos**. In: ENCONTRO ANUAL DA

ANPOCS, 31, 2007, Caxambu, Minas Gerais. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública - UFMG.

FERRARO, K. **Fear of crime**: Interpreting victimization risk. New York: State University of New York Press. 1995.

FORMIGA, F de O. N. **A evolução da hipótese de agenda-setting**. 2006. 93f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FRIAS, Graça. **A Construção Social do Sentimento de Insegurança em Portugal na Actualidade**. Tese (Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2002.

FRIAS, Graça. **A Construção Social do Sentimento de Insegurança em Portugal**. 8º CONGRESSO LUSO-AFRICANO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, Coimbra, set. 2004. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/gracafrias.pdf>>. Acesso em 21/02/2021.

FURSTENBERG, Frank. **Public Reaction to Crime in the Streets**. The American Scholar, 1971, 40, p. 601-610.

GAROFALO, J. **The fear of crime**: Causes and Consequences. The Journal of Criminal Law & Criminology, 1981, 72(2), p.839-857.

GAROFALO, J.; LAUB, J. **The fear of crime**: broadening our perspective. Victimology, n. 3, p. 242-253, 1978.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Editora Francis, 2003.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOMES, Silvia. Media e crime: Dos media e da construção das realidades criminais. In: CUNHA, Ivone (Ed.). **Do Crime e do Castigo**: Temas e Debates Contemporâneos, Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2015, p. 81-98.

GORITA, Marcos Alan. **Notícias do Medo, relatos da insegurança**: os discursos da violência na cidade do Rio de Janeiro (1995-2000). 2003. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GREER, Chris; MCLAUGHLIN, Eugene. Prevemos um motim? O policiamento da ordem pública, os novos ambientes mediáticos e a emergência do cidadão-jornalista. Machado, H. & Santos, F., Orgs., **Justiça, ambientes mediáticos e ordem social**, Ribeirão: Húmus, p. 105-133, 2010. Disponível em: [justica_final_conv\(uc.pt\)](https://www.justicafinalconv.uc.pt). Acesso em: 19/11/2021.

GUEDES, I. **Medo do Crime**: Emergência, Reações Emocionais e Discursos. Contributos para a Utilização de Multi-Metodologias. Tese (Doutorado).

Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315613586_Medo_do_crime_emergencia_reacoes_emocionais_e_discursos_Contributos_para_a_utilizacao_da_multi-metodologias>. Acesso em 21/02/2021.

GUEDES, I.; CARDOSO, C.; AGRA, C. Medo do crime. Revisão conceptual e metodológica. In: Agra, C. (Ed.). **A criminologia: Um Arquipélago Interdisciplinar**. Porto: Universidade do Porto, 2012, p. 213-248.

HALE, C. **Fear of crime: A review of the literature**, International Review of Victimology, 1996, 4, p.79-150.

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luis C, FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação; conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

HONNETH, Axel. **O direito da liberdade**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Martins Fontes, 2015

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Org.). **Atlas da violência 2020**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acesso em: 20/05/2021.

JEWKES, Yvonne. **Crime & Media**. Londres: Sage Publications, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _ (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed: UERJ, 2001. p.17-44.

KATZ, Jack. **“What makes crime ‘news’?”**, Media, Culture & Society, 9, 1987, p. 47-75.

KELLING, George; COLES, Catherine M. **Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing Crime in Our Communities**. New York: Free Press, 2003.

KELLING, George L.; WILSON, James Q. **Broken windows: the police and neighborhood safety**. Atlantic Monthly, mar. 1982.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

KAHN, T. **Cidades blindadas: ensaios de criminologia**. São Paulo, Conjuntura. 2001.

KHAN, T. **Questões atuais em criminologia**. Dez. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267420259_Questoes_Atuais_em_Criminologia. Acesso em: 07/02/2019.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: An introduction to its methodology**. Sage Publications, 2004.

LaGRANGE, R.L.; FERRARO, K.F.; SUPANCIC, M. **Perceived Risk and Fear of Crime – Role of Social and Physical Incivilities**. Journal of Research in Crime and Delinquency, n.29, v. 3, p. 311–34, 1992.

LEAL, J. **O sentimento de insegurança na discursividade sobre o crime**. Sociologias, 12(23), p. 394-427, 2010.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York. The Free Press, 1922.

LIRA, P.S. **Índice de violência criminalizada (IVC)**. II CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA, n 2, 2009, Brasília, Anais eletrônicos. Brasília: CONSAD, 2009. Disponível em: http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/Material_%20CONSAD/paineis_II_congresso_consad/painel_62/indice_de_violencia_criminalizada.pdf Acesso em: 20/05/2020

LOURENÇO, N. Cidades e sentimento de insegurança: violência urbana ou insegurança urbana. E. A. Pereira Júnior, J. Francisco da Silva e Juliana Maron (org.). **Um toque de qualidade**. Eficiência e qualidade na Gestão da Defesa Social. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Defesa Social, 2010.

MACHADO, C. **Crime e insegurança: discursos do medo, imagens do outro**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

MACHADO, C.; AGRA, C. **Insegurança e medo do crime: da ruptura da sociabilidade à reprodução da ordem social**. Revista Portuguesa de Ciência Criminal, 2002, 12(1), p. 79-101.

MACHADO, Helena, SANTOS, Felipe. **Crime, drama e entretenimento: o caso Maddie e a meta-justiça popular na imprensa portuguesa**. Oficina do CES, 310, 2008, p. 1-32.

MACHADO, Helena, SANTOS, Felipe. A moral da justiça e a moral dos media: julgamentos mediáticos e dramas públicos. Oficina do CES, 333, 2009. p. 1-18. Disponível em: [\(PDF\) A moral da justiça e a moral dos media: Julgamentos mediáticos e dramas públicos \(researchgate.net\)](#). Acesso em: 25/11/2021

MADRIZ. Nothing Happens to Good Girls. In: WHRITMAN, David; LOFTUS, Margareth. **"Things Are Getting Better? Who Knew"**. US New and World Report. Dez.1996. p.111-14.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

MATIAS, Margarida, FERNANDES, Luis. **Desarrumar o medo...o arrumador de carros como figura do medo na cidade**. Revista Toxicodependências, edição IDT, 2009, v.15, n.3, p.9-22.

McCOMBS, M. **A Teoria da Agenda: a mídia e a Opinião**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

McCOMBS, M.; SHAW, D. L. **The agenda-setting function of the mass media.** Public Opinion Quarterly, 1972, 36:176-187.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L.; WEAVER, David H. **New Directions in Agenda-Setting Theory and Research Mass.** Communication and Society, 2014, 17:6, p.781-802.

MENDONÇA, R. F.; TEMER, A. C. R. P. A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social. **Comunicação & Informação**, 2015, v. 18, n. 1, p. 192-207.

MESCH, Gustavo S. **Perceptions of risk, lifestyle activities, and fear of crime.** Deviant Behavior, 2000, 21:1, 47-62.

MINAS GERAIS. **Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado - PMDI 2019-2030.** Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.planejamento.mg.gov.br/sites/default/files/documentos/planejamento-e-orcamento/plano-mineiro-de-desenvolvimento-integrado-pmdi/pmdi_2019-2030_virtual2.pdf>. Acesso em 11/02/2021

MOLERO, M. **Seguridad urbana y miedo al crimen.** Polis. Revista Latinoamericana, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais.** Investigações em Psicologia Social. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASAR, J.; JONES, K. **Landscapes of fear and estress.** Enviroment and Behavior, 1997, 29 (3), p. 297-323.

NERY, V. C. A; TEMER, A. C. R. P. **Para entender as Teorias da Comunicação.** Uberlândia: Aspectus, 2. ed. 2009.

NOAKS, L.; WINCUP, E. Analysing qualitative data. In: Noaks, L. & Wincup, E. (ed). **Criminological research: Understanding qualitative methods.** Sage Publications, 2004, p. 121-135.

PASTANA, Debora Regina. **Medo e opinião pública no Brasil contemporâneo.** Estudos de Sociologia, Araraquara, 2007, v.12, n.22, p.91-116.

PEIXOTO, A. **Propensão, experiências e consequências da vitimização: representações sociais.** Tese (Doutorado). Universidade Nova de Lisboa, 2012, p.1-56.

PENEDO, Cristina. **O crime nos media: O que nos dizem as notícias quando nos falam de crime.** Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

PENEDO, Cristina. O Crime nos Media. Impacto e valor simbólico das histórias transgressivas. **Media & Jornalismo**, v. 3, n. 3, p. 89-102, 2003b. Disponível em: fabricadesites.fcsb.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-06-Cristina-Penedo.pdf. Acesso em 25/06/2021

PEREZ, Jose Ignacio Ruiz. **Cultura Ciudadania, Miedo al Crimen y Victimizaci3n:** um an3lise de SUS interrelaciones desde La perspectiva Del tejido social. Acta Colombiana de Psicolog3a. N. 10. Universidad Nacional de Colombia; 2007.

PINA, Sara. **Media e Leis Penais.** Coimbra: Edic3es Almedina, 2009.

PORTO, M. M3dia, segurana p3blica e representa3es sociais. In: **Tempo Social.** v.21, n.2, jan. 2009. Dispon3vel em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200010>. Acesso em: 26/02/2021

RAMONET, Ignacio. **A Tirania da Comunica3o.** Porto, Campo das Letras, 1999

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **M3dia e viol3ncia.** Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** m3todos e t3cnicas. S3o Paulo: Atlas, 1989.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento In: **Jornalismo: Quest3es, Teorias e Est3rias.** 1993. P.27-33.

RODRIGUES, Ana Catarina. **O impacto das not3cias de crime na popula3o Portuguesa.** Disserta3o (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2017.

RODRIGUES, Corinne Davis. Civil Democracy, Perceived Risk and Insecurity in Brazil: an Extension of the Systemic Social Control Model. In: **Annals of the American Academy of Political and Social Science,** 605, 2006. p. 242-263.

RODRIGUES, C. D.; OLIVEIRA, V. C. **Medo de crime, integra3o social e desordem:** uma an3lise da sensa3o de inseguran3a e do risco percebido na capital de Minas Gerais. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Recife, 2007.

RODRIGUES, C. D.; OLIVEIRA, V. C. **Medo de crime, integra3o social e desordem:** uma an3lise da sensa3o de inseguran3a e do risco percebido na capital de Minas Gerais. *Revista Teoria & Sociedade,* Belo Horizonte, 2012, v. 20, n. 2, p. 156–184.

ROLIM, Marcos. **A S3ndrome da Rainha Vermelha:** policiamento e segurana p3blica no s3culo XXI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre for Brazilian Studies, 2006.

SACCO, Vincent. **Media constructions of crime.** *The Annals of the American Academy of Political and Social Science,* 539, 1995, p. 141-154.

SAMPSON, R. J.; RAUDENBUSH, S. S.; EARLS, F. **Neighborhoods and violent crime:** a multilevel study of collective efficacy. *Science,* 1997, v. 277, p. 918-24.

SANI, A. **As Crian3as e a Viol3ncia.** Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

SANI, A; NUNES, C. **Experi3ncia de vitimiza3o e medo do crime em popula3o da cidade do Porto.** *Revista Fam3lia, Just3a Social e Comunit3ria,* v.1. 2013. Dispon3vel em: <https://www.academia.edu/11690769/Experi%C3%Aancia_de_vitima%C3%A7%C3%A3o>

_e_medo_do_crime_em_popula%C3%A7%C3%A3o_da_cidade_do_Porto_2013>_. Acesso em 21/02/2021.

SANTOS JUNIOR, A., DUTRA, L., SILVA FILHO, D. **Levantamento da percepção do medo e do crime em Santa Catarina**. Revista Brasileira de Segurança Pública, 1(2), 2007, p. 94-119.

SHAW, C.; MCKAY, H. D. **Juvenile delinquency and urban areas**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, B. F. A.; BEATO FILHO, C. C. **Ecologia social do medo**: avaliando a associação entre contexto de bairro. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 30, Supl., p. 155-170, 2013.

SKOGAN, Wesley G.; MAXFIELD, Michael G. **Coping with Crime**: Individual and Neighborhood Reactions. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1981.

SKOGAN, W. Measuring What Matters: crime, disorder and fear. In: R.Lanworthy. Ed. J. **Measuring What Matters**: Proceeding From the police Research Institute Meetings. Research Report. Washington DC: IS. Department of Justice, National Institute of Justice and Office of Community Oriented Policing Services. 1999.

SKOGAN, W. **The impact of victimization on fear**. Crime and Delinquency, 1987, 33 (1), p. 135-154. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0011128787033001008>>. Acesso em 28/02/2021.

SKOGAN, W. The various meaning of fear. In: Wolfgang, Christian Pfeier and Peter Wetzels (eds). **Fear of crime and criminal victimization**. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag, 1993.

SMITH, W., TORSTENSSON, M. **Gender Differences in Risk Perception and Neutralizing Fear of Crime**: Toward Resolving the Paradoxes. The British Journal of Criminology, 37, 608-634, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/oxfordjournals.bjc.a014201>>. Acesso em 20/02/2021.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O Sentimento de Insegurança: teorias, hipóteses e dados. In: PINTO, Andréia Soares; CAMPAGNAC, Vanessa (Org.). **Pesquisa de condições de vida e vitimização – 2007**. Rio de Janeiro: ISP, 2008, p. 108-125

SOUSA, J. P. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

SOUZA, Thaís dos Santos. **Exploração do Sentimento de Insegurança no Brasil a partir de uma abordagem qualitativa**. Dissertação (Mestrado). Porto, Universidade do Porto, 2018.

SUMARIVA, Paulo. **Criminologia**: Teoria e prática. Rio de Janeiro: Impetus, 2018.

SURETTE, Ray. **Media, crime, and criminal justice**. Cengage Learning, 2014.

TAYLOR, R. The Incivilities Thesis: Theory, Measurement, and Policy. In: Langworthy, R (Ed.), **Measuring what matters: Proceedings from the policing research institute meeting**. Washington, DC: National Institute of Justice, p. 65-88, 1999.

TAYLOR, Ralph B.; HALE, Margaret. **Testing Alternative Models of Fear of Crime**. Journal of Criminal Law & Criminology, 1986, n. 77, p.151-89.

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: Análise e Textos da Teoria do Agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

VANDERVEEN, G. **Fear of crime: Its social construction in the Netherlands?** Criminology (Special Issue), p. 40-49, 2011.

VILLAREAL, Andrés; SILVA, Bráulio F. A. **Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods**. Social Forces, v.84, n. 3, 1725-1753, 2006.

WARR, Mark. **Dangerous situations: social context and fear of victimization**. Social Forces, 1990, 68, p. 891-907.

WARR, Mark. Fear of Crime in the United States: Avenues for Research and Policy. In: **Measurement and Analysis of Crime and Justice**. Criminal Justice, 2000, v. 4, National Institute of Justice, Washington, DC.

WARR, Mark. **Fear of Victimization: Why Are Women and the Elderly More Afraid?** Social Science Quarterly, 1984, v. 65, p. 681–702.

WELSH, BRANDON, FARRINGTON, David. **Crime Prevention Effects of Closed Circuit Television: A Systematic Review**. 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265030990_Crime_Prevention_Effects_of_Closed_Circuit_Television_A_Systematic_Review>. Acesso em: 21/02/2021

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: Comunicação e Violência Política**. São Paulo: Paulus, 2005.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1979. p. 77-82.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking. 7ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

ZEDNER, Lucia. Dimensions of Crime: Victims. In: MAGUIRE, M.; MORGAN, R.; REINER, R. (orgs.). **The Oxford Handbook of Criminology**. 3ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ANEXOS

Anexo 1 - Descrição do conteúdo jornalístico avaliado

27/01/22 (Quinta-feira)	Notícia	Grande Área
RÁDIO ITATIAIA		
1	Adiamento das aulas definido pela Prefeitura	Educação
2	Sindicatos avaliam decisão da Prefeitura	Educação
3	Sepultamento de homem que brigou com cabo da PM	Segurança/ Criminalidade
4	Vacinação de crianças/covid	Saúde
5	Reportagem Especial: 3 anos da tragédia de Brumadinho	Cidade/outros
6	Condenada por tráfico, foragida viaja, posta fotos em Campos do Jordão e é presa em bar de BH	Segurança/ Criminalidade
7	Tirar carteira de motorista vai ficar mais caro	Economia
8	Avião com deportados chega a BH	Cidade/outros
9	Chuvas castigam cidades da Região Metropolitana	Chuvas
10	Criança de 4 anos é levada a motel por mãe e cunhado	Segurança/ Criminalidade
11	MP exige adequação de hospital de Viçosa	Saúde
12	Famílias são evacuadas por risco de deslizamento em Santana do Paraíso	Chuvas
13	Spotify retira músicas de Neil Yougn após protesto	Cultura
14	Denúncia anônima leva à apreensão de drogas e prisão de homens por tráfico	Segurança/ Criminalidade
15	Casos de covid-19 no país batem novo recorde	Saúde
16	Douglas Silva é chamado de macaco e família presta queixa	Segurança/ Criminalidade
17	Ladrão preso com ajuda de rastreamento de celular roubado	Segurança/ Criminalidade
18	Atualização dos casos de covid no Estado	Saúde
19	Primeiro encontro de Ronaldo com a torcida do Cruzeiro aconteceu na quarta	Esporte
20	Raposa domina e estreia com vitória convincente no Campeonato Mineiro	Esporte
21	Galo marca no fim e arranca empate com o Villa Nova	Esporte
23	Funcionários de banco são sequestrados em Carmo do Rio Claro	Segurança/ Criminalidade
24	Anel rodoviário tem retenções e atrasa a vida dos motoristas	Cidades/ Outros
25	Semáforos desligados causam confusão no centro de Belo Horizonte	Cidades/ Outros
26	Governo anunciar congelamento do ICMS	Economia
27	Dilma não deve fazer parte de eventual governo do PT	Política
JORNAL SUPER		

1	Feriadão já era, Covid não dá folga	Saúde
2	Deportados dos EUA relatam dias de terror	Cidades/outros
3	Empresas de ônibus querem rever contrato	Cidades/outros
4	Cães mortos encontrados em geladeira de Canil	Segurança/ Criminalidade
5	Sindicato anuncia agressões em curso	Segurança/ Criminalidade
6	Assalto à banco dá errado	Segurança/ Criminalidade
7	Douglas recebe ameaças racistas na internet	Segurança/ Criminalidade
8	Polícia mira traficantes que trazem droga do Paraguai	Segurança/ Criminalidade
9	Polícia prende homem que matou idosos e degolou bebê por causa de gasolina	Segurança/ Criminalidade
10	Treta por causa de som em carro acaba em morte	Segurança/ Criminalidade
11	Parto de viva e de bebê morta	Cidades/outros
12	Kwid se renova e fica mais econômico	Veículos
13	Unimed abre 200 vagas de emprego	Economia
14	Papa pede que pais não condenem filhos gays	Cidade/outros
15	Calendário de vacinação de crianças	Saúde
16	Novo desafio para Rafael Vitti	Entretenimento
17	Fora da casa, Luciano pede chance na Globo	Entretenimento
18	Discurso do BBB mexeu com a casa	Entretenimento
19	Sem Neymar, Brasil pega Equador hoje	Esportes
20	Tombense vence e é bicampeão da Recopa	Esportes
21	Galo reserva empata na estreia de El Turco	Esportes
22	Coelho deve seguir com time misto no mineiro	Esportes
23	Raposa começa o ano com o pé direito	Esportes
PORTAL O TEMPO		
1	PRF apreende carga de 8.000 latas de cervejas irregulares e drogas em MG	Segurança/ Criminalidade
2	2,5 milhões de pessoas não completaram o esquema vacinal em Minas	Saúde
3	PM prende grupo de jovens que roubou cigarros e sorvete em supermercado	Segurança/ Criminalidade
4	Parte de área de lazer de prédio do Buritis que já havia desabado volta a ceder com chuvas	Chuvas
5	Golpe com beneficiários do INSS	Segurança/ Criminalidade
6	PBH convoca idosos com imunossupressão para a quarta dose	Saúde
7	Defesa Civil alerta para chuva forte nessa quinta-feira	Chuvas
8	Rouba celular e é preso após rastreamento do aparelho ser identificado	Segurança/ Criminalidade
9	Mulher e cunhado levam criança para motel e são presos	Segurança/ Criminalidade
10	Prefeitura de Betim distribui tíquetes com auxílio para famílias atingidas pelas chuvas	Chuvas
11	Corpo em saco plástico é resgatado do Rio Arrudas	Segurança/ Criminalidade

12	Vallourec vai ressarcir órgãos públicos devido a transbordamento de dique	Cidades/ outros
13	Idoso é preso por importunação sexual em ônibus na capital	Segurança/ Criminalidade
14	Polícia apreende 1 tonelada de pedras preciosas roubadas	Segurança/ Criminalidade
15	Minas volta a registrar mais de 30 mil casos de covid em 24 horas	Saúde
16	Kalil convoca sindicatos para debater abertura do comércio no carnaval	Política
17	BH deve atingir pico da covid-19 antes que o interior	Saúde
18	Sargento e mulher morrem em acidente na BR-040	Cidades/ Outros
19	Chuvas fortes vão atingir 55 cidades de Minas entre essa quinta e sexta-feira	Chuvas
20	Ciclista morre atropelado na BR-381	Cidades/ Outros
21	Obras retomadas na BH-31, depois de estrago feito pelas chuvas	Chuvas
22	Governo de Minas vai criar mais 122 leitos para a covid-19	Saúde
23	Retenção no Anel Rodoviário causa confusão	Cidades/ Outros
24	Zema diz que vai manter calendário da rede estadual	Educação
25	Incêndio atinge galpão de produtos recicláveis em Belo Horizonte	Cidades/ outros
26	Hospital Júlia Kubistchek suspende férias de profissionais da saúde em razão da pandemia de covid	Saúde
TV GLOBO		
1	Obras retomadas na BH-31, depois de estrago feito pelas chuvas	Chuvas
2	Vallourec vai ressarcir órgãos públicos devido a transbordamento de dique	Cidades/ outros
3	Vacinação atrasada em BH	Saúde
4	Mulher e cunhado são presos depois de levar criança de 4 anos para o motel	Segurança/ Criminalidade

02/02/22 (Quarta-feira)	Notícia	Grande Área	
	RÁDIO ITATIAIA		
	1	Aumenta a média móvel de Covid no Brasil e em Minas	Saúde
	2	Entrevista com o secretário de Saúde de Minas	Saúde
	3	3 pessoas foram presas pela morte de congolês	Segurança/ Criminalidade
	4	MP abre investigação sobre desabamento de obra do metro em SP	Cidades/ Outros
	5	STF impõe regras para a redução da letalidade policial em favelas	Segurança/ Criminalidade
	6	Aumento da taxa de juros	Economia
	7	Se aproxima do fim, prazo para fim das barragens a montante em Minas	Cidade/outros
	8	Repercussões jogo Brasil x Paraguai no Mineirão	Esportes
	9	Confusão no Mineirão: torcedores são presos após briga e confusão generalizada	Segurança/ Criminalidade
10	Torcedor é baleado dentro do Mineirão	Segurança/	

		Criminalidade
11	Hoje tem jogo do Cruzeiro e América	Esportes
12	França desobriga o uso de máscaras	Internacional
13	Está cada vez maior a chance de a Rússia invadir a Ucrânia	Internacional
14	Governador volta a pressionar a ALMG para a adesão de Minas ao regime de recuperação fiscal	Política
15	Ministra Damares vem a BH lançar projeto de Centro Socioeducativo para menores infratores em sistema de PPP	Segurança/ Criminalidade
16	Ex-chefe de Gabinete de Kalil é indiciado por gravar conversas do prefeito	Política
17	CPI que investiga possíveis irregularidades na Cemig vai convocar 3 pessoas	Política
18	Mulher é presa após atear fogo em 45% do corpo do companheiro	Segurança/ Criminalidade
19	Atualização dos dados de covid em Minas	Saúde
20	Antonio Anastasia se prepara para deixar Senado e assumir cargo no TCU	Política
JORNAL SUPER		
1	País nunca deveu tanta conta de luz	Economia
2	Escolas de Betim terão reconhecimento facial	Educação
3	Preso por espancar e maltratar o próprio cão	Segurança/ Criminalidade
4	Chifrudo tenta atropelar PMs	Segurança/ Criminalidade
5	R\$ 475 mil roubados são recuperados	Segurança/ Criminalidade
6	Corpo achado com tornozeleira	Segurança/ Criminalidade
7	Ônibus metropolitanos voltam ao normal em BH	Cidades/outros
8	Ajuda financeira para recomeçar	Chuvas
9	Mais serviços no Centro Materno Infantil	Saúde
10	BH tem xepa informal para vacinação infantil	Saúde
11	Procura por testes aumentou 500%	Saúde
12	Novo ponto gratuito para exame de covid	Saúde
13	3 são presos por morte em quiosque	Segurança/ Criminalidade
14	Game Over, Rodrigão (BBB)	Entretenimento
15	Cardápio novo no streaming	Entretenimento
16	Brasil vence com bela goleada	Esportes
17	Coelho vai pra cima para Raposa	Esportes
18	Com poucos titulares, Galo encara o Periquito	Esportes
19	Maicon e Pedro Castro com chance de estrear	Esportes
PORTAL O TEMPO		
1	Polícia Militar prende foragido por homicídio em Esmeraldas	Segurança/ Criminalidade
2	Batida entre carreta e caminhão deixa mortos e feridos	Cidades/ Outros
3	Brumadinho: força tarefa aprova os primeiros projetos de restauração	Cidades/ Outros

4	Empresa cria camisa e lenço que protegem contra o coronavírus	Saúde
5	MP exige que Kalil explique até quarta o adiamento das aulas	Cidade/outros
6	Betim implanta reconhecimento facial nas escolas	Educação
7	Parceria construirá 10 espaços para a Educação Integral	Educação
8	Vítimas de enchentes poderão sacar o FGTS	Chuvas
9	Estabilidade na transmissão pode significar pico da variante Ômicron	Saúde
10	Em BH, procura por testes de covid aumenta 500%	Saúde
11	Mulher ateia fogo no marido e é presa	Segurança/ Criminalidade
12	Traficante é preso em Vespasiano com livros de educação financeira	Segurança/ Criminalidade
13	Ambulância bate em caminhão e paciente morre	Cidades/ Outros
14	Agiota é morto a tiros próximo de casa	Segurança/ Criminalidade
15	Infecções por dengue crescem 94% em uma semana em Minas	Saúde
16	Recém-nascida morre por causa de covid no interior de Minas	Saúde
17	Polícia encontra feto dentro de sacola em lote vago	Segurança/ Criminalidade
18	Granizo pode atingir Belo Horizonte nesta quarta	Cidades/ Outros
19	Governo de Minas divulga lista de pontos facultativos de 2022	Cidades/ outros
20	Mais dois suspeitos do assassinato de dentista são presos	Segurança/ Criminalidade
21	Casos de covid em 2022 ultrapassam total de casos de 2020	Saúde
22	Polícia Civil prende quadrilha especializada em desmanche de veículos	Segurança/ Criminalidade
23	Chuvas fortes vão atingir 774 cidades de Minas nesta noite	Chuvas
24	Motorista é atropelado por caminhão e cai em ribanceira após bater carro	Cidades/ Outros
25	Duas em cada três crianças convocadas ainda não se vacinaram em BH	Saúde
26	Homem é preso após tentar atropelar policial no entorno do Mineirão	Segurança/ Criminalidade
27	Briga no Mineirão tem 21 detidos e 5 enquadrados em tentativa de homicídio	Segurança/ Criminalidade
28	Pais espalham placas de led pedindo a volta às aulas em BH	Educação
29	Campanha de Popularização do Teatro é cancelada após PBH pedir público vacinado	Cultura
30	Minas começa a encaminhar 1,3 milhão de testes rápidos para a covid nos municípios	Saúde
31	Menino de 10 anos é atacado por cachorro do vizinho	Cidades/ Outros
TV GLOBO		
1	Baixa adesão à vacinação de crianças	Saúde
2	Prefeitura perde prazo de explicações ao MP sobre adiamento das aulas	Educação
3	Estado vai ao STF para que deputados votem o regime de recuperação fiscal	Política
4	Estado assina contrato de concessão do Aeroporto da Pampulha	Economia

	5	Confusão no Mineirão termina com indiciamentos por tentativas de homicídio	Segurança/ Criminalidade
	6	Clássico no Mineirão	Esportes
	7	Casas de uma rua tradicional do Bairro Santo Antonio são reformadas	Cultura

06/02/22 (Domingo)		Notícia	Grande Área
	RÁDIO ITATIAIA		
	1	Governadores e Senadores devem avaliar medidas para evitar nova alta de combustíveis	Economia
	2	Aumentam acidentes com veículos de grande porte como ônibus	Cidades/ Outros
	3	Departamento de Edificações e Estradas de Rodagem faz estudos para avaliação da instalação de 600 novos radares em Minas	Cidades/ Outros
	4	Mais um grupo de pessoas imunossuprimidas tomam a quarta dose da vacina contra a covid	Saúde
	5	Rio de Janeiro vai fechar centro de testagem de covid	Saúde
	6	Militares americanos começam a chegar nas fronteiras da Rússia	Internacional
	7	Rainha Elizabeth II completa 70 anos de reinado	Internacional
	8	América e Athletic entraram em campo no Horto	Esportes
	9	Atlético entra em campo hoje contra o Patrocinense	Esportes
	10	Geral sobre campeonatos estaduais no país	Esportes
	11	Juiz rejeita denúncia contra o ex-presidente Michel Temer	Política
	12	Semana com novidades no cinema nas plataformas de streaming	Cultura
	13	Está à disposição da Justiça suspeito de tráfico de drogas	Segurança/ Criminalidade
	14	Mercado analisa a queda acentuada de venda de carros novos em janeiro	Economia
	15	Novas empresas serão inauguradas em Minas em 2022 e abrem novas oportunidades de emprego	Economia
	16	Janeiro de muitos feminicídios, saiba mais sobreo projeto de lei que prevê que a Lei Maria da Pena seja discutida nas escolas.	Segurança/ Criminalidade
	17	Esperança para os casos de estupro em Minas, que estão em alta: banco de perfis genéticos da Polícia Civil de Minas é o segundo maior do Brasil	Segurança/ Criminalidade
	JORNAL SUPER		
	1	Escobar é morto em bar do Barreiro	Segurança/ Criminalidade
	2	Procura polícia após ser chamado de ladrão	Segurança/ Criminalidade
	3	Rotativo volta à área hospitalar	Cidades/ outros
4	Espancador de bebê até a morte é condenado a 30 anos de prisão	Segurança/ Criminalidade	
5	Mata irmão e se gaba: “sou bom em tudo que faço”	Segurança/ Criminalidade	

6	Benzem dindin e roubam idoso	Segurança/ Criminalidade
7	Assalta grávida e idoso	Segurança/ Criminalidade
8	Pitbull atava menino no meio da rua	Cidades/ Outros
9	Famílias não vacinam 42 mil em BH	Saúde
10	1 milhão diário gasto com não imunizados	Saúde
11	Situação das UTIs ainda é preocupante	Saúde
12	Jade já escolheu os alvos	Entretenimento
13	Atriz não grava final e web reage	Entretenimento
14	Amantes na cama, rivais nos tribunais	Entretenimento
15	Cabeça erguida para tentar reação	Esportes
16	Galo com equipe titular na volta ao Mineirão	Esportes
17	Embalado, América busca a liderança	Esportes
18	Sada vai para cima do Funvic em Contagem	Esportes
PORTAL O TEMPO		
1	Jovem negro procura a polícia após ter foto divulgada no Facebook como ladrão	Segurança/ Criminalidade
2	Meninas de três anos é atacada por pitbull e fica ferida em Minas. Familiares esfaqueiam dono do cão	Segurança/ Criminalidade
3	Homem que matou filha tentou suicídio dias antes do crime	Segurança/ Criminalidade
4	Bombeiros procuram por corpos de pai e filha	Segurança/ Criminalidade
5	Agente penitenciário bêbado mostra arma dentro de padaria e é preso na Grande BH	Segurança/ Criminalidade
6	Chuva alaga rua e enchente invade casas no bairro Pantanal, em Santa Luzia	Cidades/ Outros
7	Prefeitura trabalha no fechamento de buraco na Avenida Cristiano Machado	Cidade/ Outros
8	Homem atea fogo na mulher, impede socorro e se mata	Segurança/ Criminalidade
9	Fhemig abre 14 vagas para médicos em Belo Horizonte e Patos de Minas	Saúde
10	Minas Gerais registra 14.345 casos de coronavírus e 114 mortes em 24 horas	Saúde
11	Acidente entre carreta e caminhão deixa dois mortos e sete feridos em Minas	Cidades/ Outros
12	Pai espanca filha e 6 anos e a joga em rio	Segurança/ Criminalidade
13	Homem é encontrado morto dentro de casa com faca cravada na costela	Segurança/ Criminalidade
TV GLOBO		
	No domingo, não há exibição do MG TV 2ª edição	

Anexo 2 – Tabela de avaliação de destaque no noticiário

Data		Notícia	Veículo	Destaque	Manchete
27/01/2022 (Quinta-feira)	1	Sepultamento de homem que brigou com cabo da PM	Itatiaia	Sim	Não
	2	Condenada por tráfico, foragida viaja, posta fotos em Campos do Jordão e é presa em bar de BH	Itatiaia	Não	Não
	3	Criança de 4 anos é levada a motel por mãe e cunhado	Itatiaia	Sim	Não
	4	Denúncia anônima leva à apreensão de drogas e prisão de homens por tráfico	Itatiaia	Sim	Não
	5	Douglas Silva é chamado de macaco e família presta queixa	Itatiaia	Sim	Não
	6	Ladrão preso com ajuda de rastreamento de celular roubado	Itatiaia	Não	Não
	7	Funcionários de banco são sequestrados em Carmo do Rio Claro	Itatiaia	Sim	Sim
	8	Polícia mira traficantes que trazem droga do Paraguai	Jornal Super	Não	Não
	9	Polícia prende homem que matou idosos e degolou bebê por causa de gasolina	Jornal Super	Não	Não
	10	Treta por causa de som em carro acaba em morte	Jornal Super	Sim	Não
	11	Cães mortos encontrados em geladeira de Canil	Jornal Super	Sim	Não
	12	Sindicato anuncia agressões em curso	Jornal Super	Não	Não
	13	Assalto à banco dá errado	Jornal Super	Não	Não
	14	Douglas recebe ameaças racistas na internet	Jornal Super	Sim	Não
	15	PRF apreende carga de 8.000 latas de cervejas irregulares e drogas em MG	Portal O Tempo	Sim	Não
	16	PM prende grupo de jovens que roubou cigarros e sorvete em supermercado	Portal O Tempo	Não	Não
	17	Golpe com beneficiários do INSS	Portal O Tempo	Sim	Não
	18	Rouba celular e é preso após rastreamento do aparelho ser identificado	Portal O Tempo	Não	Não
	19	Mulher e cunhado levam criança para motel e são presos	Portal O Tempo	Sim	Sim

	20	Corpo em saco plástico é resgatado do Rio Arrudas	Portal O Tempo	Sim	Não
	21	Idoso é preso por importunação sexual em ônibus na capital	Portal O Tempo	Sim	Sim
	22	Polícia apreende 1 tonelada de pedras preciosas roubadas	Portal O Tempo	Sim	Não
	23	Mulher e cunhado são presos depois de levar criança de 4 anos para o motel	Tv Globo	Sim	Não
02/02/2022 (Quarta-feira)	24	3 pessoas foram presas pela morte de congolês	Rádio Itatiaia	Sim	Não
	25	STF impõe regras para a redução da letalidade policial em favelas	Rádio Itatiaia	Não	Não
	26	Confusão no Mineirão: torcedores são presos após briga e confusão generalizada	Rádio Itatiaia	Sim	Não
	27	Torcedor é baleado dentro do Mineirão	Rádio Itatiaia	Não	Não
	28	Ministra Damares vem a BH lançar projeto de Centro Socioeducativo para menores infratores em sistema de PPP	Rádio Itatiaia	Não	Não
	29	Mulher é presa após atear fogo em 45% do corpo do companheiro	Rádio Itatiaia	Sim	Não
	30	Preso por espancar e maltratar o próprio cão	Jornal Super	Sim	Não
	31	Chifrudo tenta atropelar PMs	Jornal Super	Não	Não
	32	R\$ 475 mil roubados são recuperados	Jornal Super	Não	Não
	33	Corpo achado com tornozeleira	Jornal Super	Não	Não
	34	3 são presos por morte em quiosque	Jornal Super	Não	Não
	35	Polícia Militar prende foragido por homicídio em Esmeraldas	Portal O Tempo	Não	Não
	36	Mulher atea fogo no marido e é presa	Portal O Tempo	Sim	Não
	37	Traficante é preso em Vespasiano com livros de educação financeira	Portal O Tempo	Sim	Não
	38	Agiota é morto a tiros próximo de casa	Portal O Tempo	Não	Não

	39	Polícia encontra feto dentro de sacola em lote vago	Portal O Tempo	Sim	Não
	40	Mais dois suspeitos do assassinato de dentista são presos	Portal O Tempo	Sim	Não
	41	Polícia Civil prende quadrilha especializada em desmanche de veículos	Portal O Tempo	Não	Não
	42	Homem é preso após tentar atropelar policial no entorno do Mineirão	Portal O Tempo	Não	Não
	43	Briga no Mineirão tem 21 detidos e 5 enquadrados em tentativa de homicídio	Portal O Tempo	Sim	Não
	44	Confusão no Mineirão termina com indiciamentos por tentativas de homicídio	Tv Globo	Sim	Não
06/02/2011 (Domingo)	45	Está à disposição da Justiça suspeito de tráfico de drogas	Rádio Itatiaia	Sim	Não
	46	Janeiro de muitos feminicídios, saiba mais sobreo projeto de lei que prevê que a Lei Maria da Pena seja discutida nas escolas.	Rádio Itatiaia	Não	Não
	47	Esperança para os casos de estupro em Minas, que estão em alta: banco de perfis genéticos da Polícia Civil de Minas é o segundo maior do Brasil	Rádio Itatiaia	Sim	Não
	48	Escobar é morto em bar do Barreiro	Jornal Super	Sim	Sim
	49	Procura polícia após ser chamado de ladrão	Jornal Super	Não	Não
	50	Espancador de bebê até a morte é condenado a 30 anos de prisão	Jornal Super	Não	Não
	51	Mata irmão e se gaba: “sou bom em tudo que faço”	Jornal Super	Sim	Não
	52	Benzem dindin e roubam idoso	Jornal Super	Não	Não
	53	Assalta grávida e idoso	Jornal Super	Não	Não
	54	Jovem negro procura a polícia após ter foto divulgada no Facebook como ladrão	Portal O Tempo	Sim	Não
	55	Meninas de três anos é atacada por pitbull e fica ferida em Minas. Familiares esfaqueiam dono do cão	Portal O Tempo	Não	Não

	56	Homem que matou filha tentou suicídio dias antes do crime	Portal O Tempo	Sim	Não
	57	Bombeiros procuram por corpos de pai e filha	Portal O Tempo	Sim	Sim
	58	Agente penitenciário bêbado mostra arma dentro de padaria e é preso na Grande BH	Portal O Tempo	Não	Não
	59	Homem ateia fogo na mulher, impede socorro e se mata	Portal O Tempo	Sim	Não
	60	Pai espanca filha e 6 anos e a joga em rio	Portal O Tempo	Sim	Sim
	61	Homem é encontrado morto dentro de casa com faca cravada na costela	Portal O Tempo	Não	Não

Anexo 3 - Manchetes dos dias avaliados

Data	Veículos	Manchete	Grande Área
27/01/2022	Super Notícia	Estreia fenomenal do Cruzeiro	Esporte
	Rádio Itatiaia	Volta às aulas é adiada em Belo Horizonte	Saúde
	Portal O Tempo*****	Em MG, 2,5 milhões não completaram o esquema vacinal contra a covid.	Saúde
		Mulher e cunhado levam criança para motel e são presos	Criminalidade/Polícia
		PBH convoca idosos com imunossupressão para quarta dose	Saúde
		Idoso é preso por importunação sexual em ônibus na capital	Criminalidade/Polícia
		Vallourec vai ressarcir órgãos públicos por causa de transbordamento de dique	Cidade/Outros
TV Globo	Obras retomadas na BH-31, depois de estrago feito pelas chuvas	Chuvas	
02/02/2022	Super Notícia	Sem luz no fim do túnel (País nunca deveu tanta conta de luz)	Economia
	Rádio Itatiaia	Aumenta a média móvel de Covid no Brasil e em Minas	Saúde
	Portal O Tempo*****	Em BH, procura por testes de covid aumenta 500%	Saúde
		Chuvas fortes vão atingir 774 cidades de Minas nesta noite	Chuvas
		Duas em cada três crianças convocadas ainda não se vacinaram em BH	Saúde
TV Globo	Baixa adesão à vacinação de crianças	Saúde	

06/02/2022 (Domingo)	Rádio Itatiaia	Governadores e Senadores devem avaliar medidas para evitar nova alta de combustíveis	Economia
	Jornal Super	Pablo Escobar é executado em BH	Segurança/ Criminalidade
	Portal O Tempo	Minas Gerais registra 14.345 casos de coronavírus e 114 mortes em 24 horas	Saúde
		Pai espanca filha e 6 anos e a joga em rio	Segurança/ Criminalidade
		Bombeiros procuram por corpos de pai e filha	Segurança/Criminalidade

***** No caso dos portais, foram consideradas as matérias de destaque, posicionadas como manchete, ao longo do dia, no horário estipulado para análise (8h às 19h)

Anexo 4 – Tabela de contexto/gênero jornalístico

Data	Notícia	Gênero jornalístico	Contextualização do fenômeno
27/01/2022 (Quinta-feira)	Sepultamento de homem que brigou com cabo da PM	Notícia	Não
	Condenada por tráfico, foragida viaja, posta fotos em Campos do Jordão e é presa em bar de BH	Notícia	Não
	Criança de 4 anos é levada a motel por mãe e cunhado	Notícia	Não
	Denúncia anônima leva à apreensão de drogas e prisão de homens por tráfico	Notícia	Não
	Douglas Silva é chamado de macaco e família presta queixa	Notícia	Não
	Ladrão preso com ajuda de rastreamento de celular roubado	Notícia	Não
	Funcionários de banco são sequestrados em Carmo do Rio Claro	Notícia	Não
	Polícia mira traficantes que trazem droga do Paraguai	Notícia	Não
	Polícia prende homem que matou idosos e degolou bebê por causa de gasolina	Notícia	Não
	Treta por causa de som em carro acaba em morte	Notícia	Não
	Cães mortos encontrados em geladeira de Canil	Notícia	Não
	Sindicato anuncia agressões em curso	Notícia	Não
	Assalto à banco dá errado	Notícia	Não
	Douglas recebe ameaças racistas na internet	Notícia	Não
	PRF apreende carga de 8.000 latas de cervejas irregulares e drogas em MG	Notícia	Não
	PM prende grupo de jovens que roubou cigarros e sorvete em supermercado	Notícia	Não
	Golpe com beneficiários do INSS	Notícia	Não
	Rouba celular e é preso após rastreamento do aparelho ser identificado	Notícia	Não
	Mulher e cunhado levam criança para motel e são presos	Notícia	Não
	Corpo em saco plástico é resgatado do Rio Arrudas	Notícia	Não
Idoso é preso por importunação sexual em ônibus na capital	Notícia	Não	
Polícia apreende 1 tonelada de pedras preciosas roubadas	Notícia	Não	
Mulher e cunhado são presos depois de levar criança de 4 anos para o motel	Notícia/Nota Coberta	Não	

02/02/2022 (Quarta-feira)	Três pessoas foram presas pela morte de congelês	Notícia	Não
	STF impõe regras para a redução da letalidade policial em favelas	Notícia	Não
	Confusão no Mineirão: torcedores são presos após briga e confusão generalizada	Notícia	Não
	Torcedor é baleado dentro do Mineirão	Notícia	Não
	Ministra Damares vem a BH lançar projeto de Centro Socioeducativo para menores infratores em sistema de PPP	Notícia	Não
	Mulher é presa após atear fogo em 45% do corpo do companheiro	Notícia	Não
	Preso por espancar e maltratar o próprio cão	Notícia	Não
	Chifrudo tenta atropelar PMs	Notícia	Não
	R\$ 475 mil roubados são recuperados	Notícia	Não
	Corpo achado com tornozela	Notícia	Não
	3 são presos por morte em quiosque	Notícia	Não
	Polícia Militar prende foragido por homicídio em Esmeraldas	Notícia	Não
	Mulher atea fogo no marido e é presa	Notícia	Não
	Traficante é preso em Vespasiano com livros de educação financeira	Notícia	Não
	Agiota é morto a tiros próximo de casa	Notícia	Não
	Polícia encontra feto dentro de sacola em lote vago	Notícia	Não
	Mais dois suspeitos do assassinato de dentista são presos	Notícia	Não
	Polícia Civil prende quadrilha especializada em desmanche de veículos	Notícia	Não
	Homem é preso após tentar atropelar policial no entorno do Mineirão	Notícia	Não
Briga no Mineirão tem 21 detidos e 5 enquadrados em tentativa de homicídio	Notícia	Não	
Confusão no Mineirão termina com indiciamentos por tentativas de homicídio	Notícia	Não	
06/02/2022 (Domingo)	Está à disposição da Justiça suspeito de tráfico de drogas	Notícia	Não
	Janeiro de muitos feminicídios, saiba mais sobre projeto de lei que prevê que a Lei Maria da Pena seja discutida nas escolas.	Reportagem especial	Sim
	Esperança para os casos de estupro em Minas, que estão em alta: banco de perfis genéticos da Polícia Civil de Minas é o segundo maior do Brasil	Reportagem especial	Sim
	Escobar é morto em bar do Barreiro	Notícia	Não
	Procura polícia após ser chamado de ladrão	Notícia	Não
	Espancador de bebe até a morte é condenado a 30 anos de prisão	Notícia	Não

Mata irmão e se gaba: “sou bom em tudo que faço”	Notícia	Não
Benzem dindin e roubam idoso	Notícia	Não
Assalta grávida e idoso	Notícia	Não
Jovem negro procura a polícia após ter foto divulgada no Facebook como ladrão	Notícia	Não
Meninas de três anos é atacada por pitbull e fica ferida em Minas. Familiares esfaqueiam dono do cão	Notícia	Não
Homem que matou filha tentou suicídio dias antes do crime	Notícia	Não
Bombeiros procuram por corpos de pai e filha	Notícia	Não
Agente penitenciário bêbado mostra arma dentro de padaria e é preso na Grande BH	Notícia	Não
Homem ateia fogo na mulher, impede socorro e se mata	Notícia	Não
Pai espanca filha e 6 anos e a joga em rio	Notícia	Não
Homem é encontrado morto dentro de casa com faca cravada na costela	Notícia	Não

Anexo 5 – Mapa de crimes relatados nos jornais/fontes utilizadas

Data	Notícia	Natureza Criminal	Fonte
27/01/2022 (Quarta-feira)	1 -Sepultamento de homem que brigou com cabo da PM	Homicídio	Polícia Militar e testemunhas
	2 – Condenada por tráfico, foragida viaja, posta fotos em Campos do Jordão e é presa em bar de BH	Tráfico de Drogas	Polícia Militar
	3 - Criança de 4 anos é levada a motel por mãe e cunhado	Estupro de vulnerável	Polícia Militar
	4 - Denúncia anônima leva à apreensão de drogas e prisão de homens por tráfico	Tráfico de drogas	Polícia Militar
	5 - Douglas Silva é chamado de macaco e família presta queixa	Injúria	Polícia Civil
	6 - Ladrão preso com ajuda de rastreamento de celular roubado	Roubo	Polícia Militar
	7 - Funcionários de banco são sequestrados em Carmo do Rio Claro	Extorsão mediante sequestro	Polícia Militar
	8 - Polícia mira traficantes que trazem droga do Paraguai	Tráfico de drogas	Polícia Federal
	9 -Polícia prende homem que matou idosos e degolou bebê por causa de gasolina	Homicídio	Polícia Civil
	10 - Treta por causa de som em carro acaba em morte	Homicídio	Polícia Militar
	11 - Cães mortos encontrados em geladeira de Canil	Maus-tratos a animais	Polícia Civil

12 – Sindicato anuncia agressões em curso	Lesão corporal	Sindicato
13 – Assalto à banco dá errado	Roubo tentado	Polícia Militar
14 – Douglas recebe ameaças racistas na internet	Injúria Racial	Familiares
15 - PRF apreende carga de 8.000 latas de cervejas irregulares e drogas em MG	Tráfico de drogas	Polícia Rodoviária Federal
16 - PM prende grupo de jovens que roubou cigarros e sorvete em supermercado	Roubo	Polícia Militar
17- Golpe com beneficiários do INSS	Estelionato	Governo/IPSEMG/Polícia Civil
18- Rouba celular e é preso após rastreamento do aparelho ser identificado	Roubo	Guarda Municipal
19 - Mulher e cunhado levam criança para motel e são presos	Estupro de Vulnerável	Polícia Militar
20 - Corpo em saco plástico é resgatado do Rio Arrudas	Homicídio	Corpo de Bombeiros/Polícia Civil
21- Idoso é preso por importunação sexual em ônibus na capital	Importunação Sexual	Polícia Civil
22 – Polícia apreende 1 tonelada de pedras preciosas roubadas	Roubo	Polícia Militar
23 – Mulher e cunhado são presos depois de levar criança de 4 anos para o motel	Estupro de Vulnerável	Polícia Militar

02/02/2022 (Quarta-feira)	24 - Três pessoas foram presas pela morte de congolês	Homicídio	Polícia Civil
	25 – STF impõe regras para a redução da letalidade policial em favelas	Homicídio	STF
	26 - Confusão no Mineirão: torcedores são presos após briga e confusão generalizada	Homicídio tentado	Polícia Militar
	27 - Torcedor é baleado dentro do Mineirão	Homicídio tentado	Polícia Militar
	28 - Ministra Damares vem a BH lançar projeto de Centro Socioeducativo	Produtividade	Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
	29 - Mulher é presa após atear fogo em 45% do corpo do companheiro	Homicídio tentado	Polícia Militar
	30 - Preso por espancar e maltratar o próprio cão	Maus-tratos a animais	Polícia Militar
	31 - Chifrudo tenta atropelar PMs	Homicídio tentado	Polícia Militar
	32 - R\$ 475 mil roubados são recuperados	Roubo	Polícia Militar
	33 -Corpo achado com tornozelo	Homicídio	Polícia Militar
	34 - 3 são presos por morte em quiosque	Homicídio	Polícia Militar
	35 - Polícia Militar prende foragido por homicídio em Esmeraldas	Homicídio	Polícia Militar
	36 - Mulher atea fogo no marido e é presa	Homicídio tentado	Polícia Militar
37 - Traficante é preso em Vespasiano com	Tráfico de drogas	Polícia Militar	

	livros de educação financeira		
	38 - Agiota é morto a tiros próximo de casa	Homicídio	Polícia Militar
	39 - Polícia encontra feto dentro de sacola em lote vago	Aborto	Polícia Militar
	40- Mais dois suspeitos do assassinato de dentista são presos	Homicídio	Polícia Civil
	41 - Polícia Civil prende quadrilha especializada em desmanche de veículos	Receptação	Polícia Civil
	42 - Homem é preso após tentar atropelar policial no entorno do Mineirão	Homicídio Tentado	Polícia Militar
	43 - Briga no Mineirão tem 21 detidos e 5 enquadrados em tentativa de homicídio	Homicídio Tentado	Polícia Militar
	44 - Confusão no Mineirão termina com indiciamentos por tentativas de homicídio	Homicídio Tentado	Polícia Militar
02/02/2022 (Domingo)	45 - Está à disposição da Justiça suspeito de tráfico de drogas	Tráfico de drogas	Polícia Civil
	46 - Janeiro de muitos feminicídios, saiba mais sobre o projeto de lei que prevê que a Lei Maria da Pena seja discutida nas escolas.	Feminicídio	Assembleia/Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
	47 - Esperança para os casos de	Estupro	Polícia Civil

	estupro em Minas, que estão em alta: banco de perfis genéticos da Polícia Civil de Minas é o segundo maior do Brasil		
	48- Escobar é morto em bar do Barreiro	Homicídio	Polícia Militar
	49 - Procura polícia após ser chamado de ladrão	Injúria	Polícia Civil
	50 - Espancador de bebê até a morte é condenado a 30 anos de prisão	Homicídio	Poder Judiciário/Polícia Militar
	51 - Mata irmão e se gaba: “sou bom em tudo que faço”	Homicídio	Polícia Militar
	52 - Benzem dindin e roubam idoso	Roubo	Polícia Militar
	53 - Assaltam grávida e idoso	Roubo	Polícia Militar
	54 -Jovem negro procura a polícia após ter foto divulgada no Facebook como ladrão	Injúria	Polícia Militar
	55 - Meninas de três anos é atacada por pitbull e fica ferida em Minas. Familiares esfaqueiam dono do cão	Lesão Corporal	Polícia Militar
	56 -Homem que matou filha tentou suicídio dias antes do crime	Homicídio	Polícia Militar
	57 - Bombeiros procuram por corpos de pai e filha	Homicídio	Corpo de Bombeiros Militar
	58 -Agente penitenciário	Omissão de Cautela	Polícia Militar

	bêbado mostra arma dentro de padaria e é preso na Grande BH		
	59 - Homem ateia fogo na mulher, impede socorro e se mata	Homicídio	Polícia Militar
	60 -Pai espanca filha de 6 anos e a joga em rio	Homicídio	Polícia Militar
	61 - Homem é encontrado morto dentro de casa com faca cravada na costela	Homicídio	Polícia Militar

Anexo 6 – Survey online aplicado

PESQUISA**Efeitos do noticiário sobre violência no medo do crime e na adoção de comportamentos de autoproteção**

Responda as perguntas e contribua com uma pesquisa do mestrado profissional em Segurança Pública e Cidadania da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Participe!

***Obrigatório**

Perguntas – Perfil Sociodemográfico (Grupo 1)

1. Você mora em Belo Horizonte (MG)?* *

*Esta pesquisa é exclusiva para residentes da capital mineira

- Sim
- Não

2. Gênero: *

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

Outro:

3. Profissão: *

Sua resposta

4. Situação Profissional:* *

*Escolha apenas uma situação profissional.

- Profissional liberal (empregado por conta própria)
- Empregado por outra empresa/pessoa/órgão
- Desempregado
- Aposentado/Pensionista
- Estudante

Outro:

5. Grau de Escolaridade:* *

*Válido, em todos os casos, a situação de completo ou incompleto

- Analfabeto
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Superior
- Pós-graduação

6. Idade *

- 18 a 25
- 26 a 35
- 36 a 45
- 46 a 55
- 56 a 65
- Mais de 66

7. Em que meio considera que passa a maior parte do tempo *

- Urbano
- Rural

8. Qual sua percepção sobre seu estado socioeconômico *

- Baixo
- Médio
- Alto

Perguntas – Volume de leitura, veículo de comunicação de preferência, hábitos com a imprensa (Grupos 2 e 3)

9. Você se considera uma pessoa bem informada, do ponto de vista de notícias oriundas da imprensa, em geral? Que acompanha as notícias da sua cidade de forma regular? *

- Sim
- Não

10. De que forma tem contato com as notícias? * *

*Mais de uma opção pode ser marcada.

- Jornal Impresso
- Jornal Online (portal)
- Rádio
- TV

- Redes sociais de jornais
- Outro:

11. Qual a sua principal fonte de acesso a notícias? A MAIS usada. *

- Jornal Impresso
- Jornal Online (portal)
- Rádio
- TV
- Redes sociais de jornais
- Outro:

12. Qual veículo de imprensa com notícias de Belo Horizonte TEM MAIS O HÁBITO ler/ver/assistir? * *

*Veículos com conteúdo jornalístico de maior audiência/tiragem, segundo IVC

- Jornal Estado de Minas
- Jornal O Tempo
- Jornal Hoje em Dia
- Jornal Aqui
- Portal UAI
- Portal O Tempo
- Portal G1/MG
- Rádio Itatiaia
- Rádio Band News
- Rádio CBN BH
- TV Globo
- TV Alterosa
- Tv Record
- TV Band
- Jornal Super
- Outro:

13. Com que FREQUÊNCIA lê/assiste/ouve os seguintes veículos de comunicação? * *

	Nunca	Raramente	1 ou 2 vezes por semana	3 a 4 vezes por semana	Todos os dias
Jornal impresso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Portal de notícias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rádio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Qual seção/caderno costuma ver mais? Qual é o que você utiliza para procurar por notícias? *

- Educação
- Economia
- Crime/Justiça/Polícia
- Política
- Saúde
- Entretenimento/Fofocas
- Esporte
- Mundo

15. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta com leitura de jornais/portais? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas
- Mais de 3 horas

16. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta ouvindo rádio e notícias? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas

- Mais de 3 horas

17. Em um DIA NORMAL/ÚTIL da semana, quanto tempo gasta vendo TV/notícias de jornais de TV? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas
- Mais de 3 horas

18. – O que assiste mais quando vê TV? *

- Conteúdos em geral
- Conteúdos jornalísticos

19. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta com leitura de jornais/portais? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas
- Mais de 3 horas

20. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta ouvindo rádio e notícias? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas
- Mais de 3 horas

21. Em um dia de FIM DE SEMANA, quanto tempo gasta vendo TV/notícias de jornais de TV? *

- 0 a 30 minutos
- 30 minutos a 1 hora
- Entre 1 e 2 horas
- Entre 2 e 3 horas
- Mais de 3 horas

Vamos falar do noticiário sobre crime e violência em jornais, portais, tvs etc. Sobre as seguintes questões, assinale a afirmação que a você parece mais pertinente

22. Volume de notícias *

- Os jornais trazem muitas informações sobre crime. De forma excessiva.
- Os jornais trazem poucas informações sobre crime. Gostaria de saber mais.
- Os jornais trazem a quantidade de notícias necessárias sobre o crime. Avalio como pertinente.
- Não sei opinar

23. Percepção da forma que a realidade criminal é retratada *

- Os jornais trazem muitas notícias sobre crimes porque retratam a violência, que é alta. Por isso, fazem um recorte da realidade.
- Os jornais retratam crimes de forma volumosa e excessiva. Tendem a mostrar matérias de crimes mais graves, que não são os tipos que mais acontecem, criando uma realidade deturpada.
- Os jornais retratam um pouco do que acontece. A realidade é ainda pior.
- Não sei opinar

24. Contextualização *

- Os jornais trazem informações que nos fazem refletir sobre causas e consequências dos crimes.
- Os jornais trazem relatos simples sobre a criminalidade, baseados, principalmente, na descrição do fato.
- Não sei opinar

25. Discurso e onipresença *

- Quando leio uma notícia sobre criminalidade em outra cidade, estado ou país, penso que esse tipo de crime pode acontecer também comigo ou na minha cidade.
- Consigo separar as leituras e entender que o que acontece em outra cidade não necessariamente vai acontecer comigo ou em minha cidade.

26. Veracidade *

- O conteúdo apresentado sobre a criminalidade é bem apurado e se aproxima da reprodução da realidade.
- A imprensa tende a narrar crimes com sensacionalismo, deturpando a realidade.
- Observo que, ao representar a realidade com pontos de vista escolhidos/editados, a imprensa influencia no que entendemos como verdade e realidade
- Não sei opinar

27. Como você fica sabendo da maioria dos crimes que acontecem na sua cidade? Escolha a principal fonte de acesso. *

- Por meio dos jornais, TV, rádios, portais de notícias etc.

- Pelo relato de outras pessoas (amigos, vizinhos, etc.)
- Por ter presenciado
- Outro:

28. Qual a frequência você **INTENCIONALMENTE** assiste a conteúdos relacionados à violência/Justiça/Polícia? *

- Nunca
- Raramente
- Médio. Nem muito, nem pouco
- Muitas vezes

29. Na sua percepção, a criminalidade está em queda na sua cidade? *

- Sim
- Não
- Não sei/Não consigo opinar

Perguntas - Medo do Crime, Crime, Sensação de Segurança (Grupos 4 e 5)

30. Já foi vítima de algum crime anteriormente? *

- Sim
- Não

Número total de vezes no último ano. *

Sua resposta

Indique o período do dia em que o último crime aconteceu *

- Dia
- Noite
- Não sabe
- Não fui vítima

31. Já foi vítima de alguns dos crimes abaixo? Há uma opção para negativa *

- Furto - subtração do patrimônio de outra pessoa, sem que haja violência
- Roubo - subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outro, mediante grave ameaça ou violência a pessoa (ou não)

- Tentativa de Roubo
- Roubo à residência
- Tentativa de roubo à residência
- Agressão - Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem
- Tentativa de agressão
- Nenhuma dessas opções, mas já fui vítima de outro crime
- Não fui vítima

32. Como é que se sente quando caminha sozinho na região da sua casa, no período da noite? *

	1	2	3	4	5	
Muito Inseguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Seguro

33. Como é que se sente quando caminha por regiões não conhecidas por você, na sua cidade, no período da noite? *

	1	2	3	4	5	
Muito Inseguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Seguro

34. Caso alguma das perguntas fosse alterada para o período diurno sua resposta seria alterada? *

- Sim
- Não

Se respondeu 3, 4 ou 5 nas questões 32 e 33, pule para o Grupo 6. Caso não, continue abaixo

35. Com base em suas respostas nas perguntas 32 e 33, porque acredita que se sente “muito inseguro” ou “inseguro”*

*Mais de uma opção pode ser marcada nessa questão.

- Porque já fui vítima de crimes anteriormente
- Porque me sinto inseguro à noite/ não gosto de caminhar por lugares escuros
- Porque conheço um vizinho, parente, amigo etc que foi vítima de um crime

37. Por razões de segurança: *

	Sim	Não	Às vezes
Evita contatos com determinadas pessoas	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Evita contatos com determinadas ruas, regiões, bairros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pratica esportes ou treinamentos de defesa pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Evita sair à noite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comprou equipamentos extra de proteção para a casa (exemplos: cercas elétricas, câmeras de segurança, trancas especiais etc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando se ausenta de casa por mais de 2 dias, pede para os vizinhos vigiarem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Costuma deixar a luz acesa de casa quando sai à noite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem e/ou comprou armas para defesa pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

38. Algumas perguntas de caráter mais geral: gostaria que desse a sua opinião em relação a cada questão numa escala de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). *

	1	2	3	4	5
A justiça é branda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A polícia faz um bom trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Na sua zona de residência, a polícia consegue controlar o crime	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

39. Quanto medo sente que os seguintes crimes possam acontecer com você? *

	Nenhum medo	Pouco medo	Nem muito, nem pouco	Algum medo	Muito medo
Ser agredido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser agredido sexualmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser roubado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter a propriedade vandalizada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter o carro roubado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CRONOGRAMA

Período	Ação	Observação
Agosto/2019 a junho/2021	Pesquisa bibliográfica e cumprimento dos créditos de aulas	
Julho/2021 a novembro/2021	Plano de Ensino Especial	Licença Maternidade
Setembro/2021 a janeiro/2022	Aplicação do <i>survey</i>	
Janeiro/2022 e fevereiro/2022	Pesquisa Documental	
Janeiro/2022 e fevereiro/2022	Análise dos dados coletados no <i>survey</i> /Conclusão da dissertação	
Março/2022	Defesa/Banca	